

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Lúcia Alves da Cunha

**PROSTITUIÇÃO E RELIGIÃO:**

A trajetória religiosa de mulheres que praticam a  
prostituição na região de Santo Amaro – São Paulo

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo

2014

Lúcia Alves da Cunha

**PROSTITUIÇÃO E RELIGIÃO:**  
A trajetória religiosa de mulheres que praticam a  
prostituição na região de Santo Amaro – São Paulo

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião sob a orientação da Professora. Dra. Maria José Fontelas Rosado-Nunes.

São Paulo

2014

**Banca Examinadora**

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de estudos, pois sem esse financiamento não seria possível realizar essa pesquisa.

A Professora e orientadora Dra. Maria José Fontelas Rosado-Nunes pela orientação, incentivo, apoio e amizade.

À professora Dra. Eliane Hojaij Gouveia e ao professor Fernando Torres Londoño pelas valiosas contribuições e sugestões na qualificação.

À equipe da Unidade Antonia pelo apoio e compreensão dos meus momentos de ausência para dedicar a essa pesquisa.

Às duas companheiras de caminhada Manuela Rodriguez e Lucia Webler que compartilharam comigo este tempo de estudo e souberam compreender a dinâmica desse período.

A minha família que soube compreender-me minha forma de presença junto dela nesse período.

Às mulheres que concederam as entrevistas possibilitando assim o desenvolvimento dessa pesquisa.

A todas as pessoas amigas que de diferentes formas colaboraram nessa pesquisa.

A todas e todos, a minha gratidão!

**Resumo:** Esta pesquisa é sobre mulheres em situação de prostituição que atuam na região central de Santo Amaro – São Paulo, especificamente nas proximidades do Largo Treze de Maio. Investiga a trajetória religiosa de seis mulheres constatando a relação das mesmas com a religião, o lugar que a mesma ocupa na vida delas desde os primeiros anos de existência até o momento atual. O primeiro capítulo descreve o contexto histórico da prostituição, as diferentes significações e compreensões que o fenômeno adquire ao longo da história da humanidade. O segundo capítulo apresenta a realidade da prostituição em Santo Amaro, mostrando as diferentes modalidades dos prostíbulos e o perfil das mulheres que atuam nesses locais. O terceiro capítulo analisa os dados coletados, a partir das relações de gênero, utilizando como categoria: a religião de origem, a religião na vida adulta e o lugar religião na vida das mulheres após ingressarem na prostituição.

**Palavras chaves:** gênero, prostituição, religião.

**Abstract:** This research is about women in situation of prostitution operating in the central region of Santo Amaro - São Paulo, specifically nearby Largo Treze de Maio. It investigates the religious trajectory of six women noting the relationship of the same religion, the place that it occupies in their lives since the early years of existence until the current moment. The first chapter describes the historical context of prostitution, the different meanings and understandings that the phenomenon acquires throughout the history of mankind. The second chapter presents the reality of prostitution in Santo Amaro, showing the different modalities of brothels and the profile of the women who work in these places. The third chapter analyzes the data collected from the gender relations, using as category: religion of origin, religion in adult life and the place of religion in the lives of women after entering into prostitution.

**Key words:** gender, prostitution, religion.

## SUMÁRIO.

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I: CONCEITUANDO A PROSTITUIÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1 A prostituição no Brasil.....	21
1.2 Disputas políticas sobre a prostituição: higienização, trabalho, legalização e exploração.....	25
1.3 Alguns aspectos da prostituição em São Paulo.....	31
1.4 Olhares feministas sobre a prostituição.....	33
<b>CAPÍTULO II: A PROSTITUIÇÃO EM SANTO AMARO .....</b>	<b>38</b>
<b>2.1 Contexto histórico.....</b>	<b>38</b>
2.1.1 A origem do bairro de Santo Amaro.....	38
2.1.2 Largo Treze de Maio .....	39
2.1.3 De freguesia à Vila .....	42
2.1.4 As festas religiosas na Vila.....	43
2.1.5 A vila de Santo Amaro no século XX .....	44
2.1.6 A presença de diferentes grupos étnicos e expansão de Santo Amaro .....	45
<b>2.2. Prostituição, o outro lado de Santo Amaro .....</b>	<b>47</b>
2.2.1 Características da prostituição em Santo Amaro .....	49
2.2.2 A realidade dos estabelecimentos .....	49
2.2.3 A publicidade da prostituição na região .....	51
2.2.4 O perfil das mulheres em situação de prostituição.....	55
2.2.5 Contexto religioso das mulheres .....	58
<b>CAPÍTULO III: TRAJETÓRIA RELIGIOSA DAS MULHERES .....</b>	<b>60</b>
3.1 Porque utilizar a metodologia de pesquisa qualitativa?.....	60
3.2 O trânsito religioso: do catolicismo à Umbanda .....	63
3.3. A religião de origem.....	63

3.4. Deus sim, religião não: “Eu sou cuidada por Deus”.....	71
3.5. O papel da Pombagira para as mulheres que praticam a prostituição.....	79
3.5 O cristianismo e as mulheres.....	92
3.6 Mulher, pecado e culpa .....	93
3.7 A Pombagira X a Virgem Maria.....	100
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>115</b>
<b>BREVE BIOGRAFIA DAS MULHERES .....</b>	<b>116</b>
<b>PERFIL DAS MULHERES .....</b>	<b>120</b>
<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE.....</b>	<b>121</b>
<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>124</b>
<b>ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS.....</b>	<b>125</b>

## INTRODUÇÃO

Prostituição e religião são temas que chamam a minha atenção desde que iniciei os meus estudos de teologia. Portanto, para elaborar a monografia apresentada na conclusão do curso de graduação em teologia investiguei “A prostituição em Oséias” – o que o profeta denomina prostituição naquele contexto.

Em 2007 comecei a trabalhar com mulheres em situação de prostituição em Belo Horizonte e lá senti a insuficiência da minha formação teológica para desenvolver o trabalho pastoral com aquelas mulheres. Percebi como elas transitavam por diferentes crenças, igrejas e experiências religiosas e me faltava conhecimento mais amplo nesse campo. Procurando ampliar meus conhecimentos sobre essa temática, em 2009, fiz uma especialização em Ciências da Religião, na PUCMINAS, e como conclusão de curso desenvolvi a pesquisa intitulada: “*A experiência religiosa das mulheres em situação de prostituição: uma abordagem de gênero*”. Esse estudo levou-me a definir minha área de pesquisa como: prostituição, religião e gênero, e me despertou o desejo de continuar investigando o assunto com outros grupos de mulheres em situação de prostituição, para constatar quais as religiões ou crenças que mais prevalecem nas suas vidas.

Em 2011 vim para São Paulo com o objetivo de, entre outros, desenvolver um trabalho com as mulheres em situação de prostituição no bairro de Santo Amaro, onde me deparei com um número alto de mulheres e poucos estudos sobre sua realidade. Constatei que os poucos estudos encontrados não abordam a dimensão da religião dessas mulheres. Inclusive nas pesquisas sobre a prostituição na cidade de São Paulo, notei que poucas abordam a relação da prostituição com a religião. Uma das pesquisas de referência sobre a prostituição na cidade é de Margareth Rago, intitulada “Os prazeres da noite”. Esta autora investigou e escreveu sobre a “Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo no período de 1890-1930”. Mesmo sendo um estudo pioneiro na época, realizado a partir de relatos históricos, não aborda o tema da religião das mulheres. O único estudo que investiga prostituição e religião, encontrado até o momento, é a dissertação de mestrado realizada por Ivanete Dal Farra. Ela desenvolveu uma pesquisa sobre as representações de Maria nas mulheres em situação de prostituição no centro de São Paulo. Ivanete Dal Farra constata a ambiguidade nessas representações, mas não utiliza gênero como categoria de análise da prostituição. Outros estudos encontrados sobre a prostituição em São Paulo não adentram nas questões religiosas das mulheres.

A partir desta constatação e da ausência de estudos sobre prostituição na região de Santo Amaro, procurei na PUC/SP, o curso de Ciências da Religião para aprofundar o assunto.

O contato direto com as mulheres que praticam a prostituição em Santo Amaro e que participam do Projeto Antônia<sup>1</sup> me levou a suspeitar que para essas mulheres a religião e prostituição não são tão distantes como se pensa. As mulheres manifestam a fé participando eventualmente das igrejas, têm devoções locais como pelo Bento do Portão<sup>2</sup>. Umas usam escapulários, participam de missas ou cultos, batizaram seus filhos na Igreja Católica. Outras demonstram conhecimento e interesse pela umbanda. Nas casas de prostituição é comum encontrar símbolos religiosos como, imagens de entidades da umbanda, quadros de São Jorge nas paredes, incensos, entre outros objetos. A religião e a prostituição parecem se misturar nesses espaços e ambientes.

Noto que a religião está presente na vida das mulheres, mas parece haver uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que dá sentido à vida, é suporte, força, esperança, as mulheres carregam o peso da culpa, do pecado pela atividade que exercem. A maioria delas vem de experiências na Igreja Católica e desta, podem ter assimilado a moral, principalmente a questão do pecado. Essa percepção me desperta o desejo de investigar até que ponto a religião é suporte ou é prejudicial a essas mulheres e como elas convivem com a moral sexual que é reforçada pelas igrejas cristãs no decorrer da história.

Antes de adentrar no tema religião considero importante situar, na realidade dessas mulheres, suas origens, classe social, onde vivem, entre outras informações, pois entendo que a religião não está desvinculada das demais dimensões da vida, inclusive da cultura da pessoa.

As mulheres que praticam a prostituição na região de Santo Amaro são mulheres oriundas de diversos estados do Brasil, predominantemente dos estados do Nordeste. A maior parte delas tem a prostituição como meio de sobrevivência, sustentam suas famílias e

---

<sup>1</sup> Projeto Antônia é uma das unidades do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor no Brasil, que desenvolve projetos sociais com mulheres em situação de prostituição. Atua em Santo Amaro desde 2007 e está situada na região onde é realizada essa pesquisa. Como membro da equipe dessa unidade, tenho acesso aos registros internos que estão sendo utilizados nesta investigação.

<sup>2</sup> Antônio Bento, conhecido por Bento do Portão, nasceu na Bahia no dia 29 de janeiro de 1875 e viveu em Santo Amaro como mendigo e curandeiro. Em troca de um prato de comida, um cigarro de palha e até mesmo uma bala, ele cortava lenha e carregava água para os moradores da região. Quando a fome apertava, sentava nos degraus das entradas das residências e logo recebia algo para comer – daí o nome Bento do portão. Numa manhã de 1917, Bento foi encontrado morto em frente à entrada principal do cemitério de Santo Amaro e pessoas da região afirmam que, sete anos após a sua morte, ao ser feita a exumação do seu corpo, o encontraram intacto, sem nenhum sinal de decomposição. A partir desse acontecimento muitos milagres são atribuídos ao Bento do Portão.

iniciaram na prostituição com objetivos claros: a subsistência e a melhor qualidade de vida. Porém a prática da prostituição nem sempre colabora para o cumprimento desse objetivo: algumas se envolvem com drogas, outras não conseguem administrar o dinheiro que adquirem e continuam vivendo em situação de vulnerabilidade social.

Estas mulheres vêm para São Paulo em busca de emprego e se concentram nas periferias da grande metrópole. O fato de residirem em bairros distantes de onde praticam a prostituição garante o anonimato, pois não querem ser identificadas pelos familiares e pessoas conhecidas.

Sabemos que o fluxo migratório no país é intenso. Mas em se tratando de prostitutas, a mobilidade é ainda maior devido a muitos fatores. Um deles é a preservação da identidade, escondendo-se no anonimato da grande cidade. (DAL FARRA, p. 22, 2002)

Viver no anonimato é uma forma encontrada pelas mulheres para diminuir o peso do preconceito e da exclusão. A exclusão e o preconceito destroem a sua autoestima a ponto de elas mesmas assimilarem o estigma e não se reconhecerem como mulheres, mas como prostitutas; não se reconhecem pelo que são, mas pela atividade que exercem.

Predominam as mulheres de etnia negra ou mestiça (negra, branca e índia). A faixa etária é de 18 a 55 anos. São mulheres que, em grande parte, mantêm contato com suas famílias, mas estas não têm conhecimento da atividade em que atuam. Não revelam o que fazem por receio de sofrer preconceitos.

O objetivo dessa pesquisa é investigar a trajetória religiosa de mulheres em situação de prostituição em Santo Amaro – SP com intuito de descobrir qual é o lugar da religião nas suas vidas. Procurar compreender essa realidade a partir da ótica de gênero.

Parto da hipótese de que mulheres que praticam a prostituição são religiosas, mas rejeitam a religião institucionalizada. Percebo que essas mulheres têm aproximação com religiões, sobretudo as cristãs, pois, quando estão com dificuldades na vida familiar, financeira, com problemas de saúde ou estado de angústia, medo e desespero, buscam força e esperança na fé. Buscam nas igrejas e na religião apoio em momentos pontuais da vida, mas não participam sempre de uma mesma igreja. Segundo Danièle Léger, o conceito de participação nas religiões vem mudando.

[...] descobre-se que a própria figura do praticante tende a mudar de sentido: ao mesmo tempo em que ela toma distância em relação à noção de ‘obrigação’, fixada pela instituição, ela se organiza em termos de ‘imperativo interior’, de ‘necessidade’ e de ‘escolha pessoal’. (LEGER, p.86, 2008)

Considerando a mudança de compreensão do termo “*praticante*” apontado por Danièle Hervieu-Léger (2008) as mulheres possuem religião, embora demonstrem ambiguidade nessa relação: ora a religião é força, dá sentido à vida delas, ora parece reforçar o estigma da prostituição através da moral. E essa ambiguidade tem me inquietado e me levado a perguntar: qual é o papel da religião na vida das mulheres em situação de prostituição? Qual a influência da religião na vida delas? O que pensam sobre a religião e a prostituição? Qual a trajetória religiosa dessas mulheres? A religião cristã tem acolhido essas mulheres em suas condições ou tem reforçado o preconceito e o estigma da prostituição? Quais são as crenças que aparecem na vida das mulheres após ingressarem no mundo da prostituição?

Historicamente a prostituição teve uma proximidade com a religião, mas com o passar do tempo a religião judaico-cristã passou a condenar a prostituição. No Brasil predomina a religião cristã, monoteísta, patriarcal, androcêntrica, cujo discurso em relação à prostituição é teoricamente inclusivo, porém na prática parece que as mulheres não se sentem incluídas. A partir desse contexto vêm outras questões, como: o sistema patriarcal androcêntrico tem influenciado na relação das mulheres em situação de prostituição com a religião?

Grande parte das mulheres atendidas nas unidades da Rede Oblata<sup>3</sup> teve experiências de abuso sexual e violência na infância e na adolescência, por pais, padrastos, tios irmãos e na vida adulta, por maridos, companheiros e clientes. Nesses casos, como é a sua relação com o Deus denominado no masculino, Deus-Homem, Deus Pai e Senhor? Sendo assim, com qual divindade se identificam mais as mulheres que praticam a prostituição?

Tendo em vista a complexidade, em todas as dimensões, da realidade das mulheres que praticam a prostituição, sobretudo quando se refere à religião, recorro ao método de pesquisa empírica qualitativa. Sueli Deslandes, ao discorrer sobre a contribuição da pesquisa qualitativa na compreensão de situações complexas, afirma que este método é usado pelas ciências sociais, por responder melhor a questões muito particulares da realidade. Aponta: “[...] *trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes.*” (DESLANDES; GOMES, 2008, p.21). Este método compreende o

---

<sup>3</sup> Rede Oblata é a articulação das unidades, dos projetos sociais do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor no Brasil. Atualmente compõem a rede as seguintes unidades: Pastoral da Mulher – Juazeiro –BA; Pastoral da Mulher – Belo Horizonte – MG; Projeto Força Feminina – Salvador – BA e Projeto Antônia –São Paulo – Capital. São todos projetos desenvolvidos com mulheres em situação de prostituição.

conjunto de fenômenos humanos como parte da realidade social, pois o ser humano se diferencia pelo pensar sobre o que faz, por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes, além das diferenças no agir de cada uma e cada um.

Astor Antônio Diehl e Denise Carvalho Tatin, ao fazer a distinção entre as abordagens qualitativa e quantitativa, entendem que é a natureza da questão ou o nível de aprofundamento do objeto de estudo que determinará a escolha do método. Afirmam: “*Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]*” (DIEHT; TATIM, 2006, p.52). Este método permite, além do contato mais próximo com as interlocutoras, coletar, não só o que é expresso, mas também os silêncios, as reticências entre outras reações das mulheres alvos da pesquisa.

Para a realização dessa pesquisa realizei entrevistas<sup>4</sup> com seis mulheres que praticam a prostituição na região de Santo Amaro. As entrevistas foram semidirigidas, tendo como foco verificar a religiosidade dessas mulheres em diferentes fases de suas vidas. O critério de escolha dessas mulheres para serem entrevistadas foi o de mesclar aquelas que são atendidas há menos de um ano pelo Projeto Antônia, e aquelas que já participam dele há mais tempo. Acredito que, de certa forma, é possível supor que já se têm algumas informações sobre a relação dessas últimas com a religião, enquanto que pouco se sabe sobre a trajetória religiosa das mulheres menos conhecidas. Outro critério foi entrevistar mulheres que atuam na prostituição em diferentes espaços, como nas ruas, praça, privês e boates, para investigar se o local físico e o meio de convivência influenciam ou não na vivência religiosa dessas mulheres. Quanto à idade, não estabeleci critério, porém as mulheres entrevistadas estão na faixa etária entre 34 e 53 anos.

Para a realização das entrevistas conversei prévia e informalmente com cada mulher, especificando a finalidade dos dados coletados e comprometendo-me a guardar sigilo desses dados. As entrevistas foram realizadas sem agendamento, devido às dificuldades que as mulheres demonstram em assumir esse tipo de compromisso. Mantive sempre comigo, enquanto estava na sede do Projeto Antônia: gravador, roteiro de entrevistas e termo de consentimento. Assim que encontrava mulheres que correspondiam aos critérios estabelecidos, propunha a realização da entrevista. Um número significativo de mulheres resistiu em participar da pesquisa, alegando diversos motivos, entre os quais, receio de que

---

<sup>4</sup> Por questão de fidelidade às falas das mulheres, optei por não fazer correções na transcrição das entrevistas. As expressões das mulheres utilizadas nessa pesquisa estão tal qual elas falaram.

seus familiares e pessoas conhecidas descobrissem que praticam a prostituição, como também a resistência em lembrar suas histórias de vida.

As principais questões apontadas nas entrevistas foram sobre a religião e crenças vivenciadas na infância junto com a família e experiências religiosas na vida adulta depois de estarem na prostituição. Na trajetória religiosa das mulheres, nos primeiros anos de vida, prevalece a religião cristã, sobretudo o catolicismo, e após o contato com a prostituição predomina a umbanda, sobretudo a figura da Pombagira.

Na pesquisa também foram utilizados registros internos do Projeto Antônia, relatórios de visitas a campo, de rodas de conversas e observações próprias da dinâmica da prostituição na região geográfica pesquisada, sobretudo a estratégia de divulgação dos “serviços” das mulheres e a realidade dos estabelecimentos de prostituição.

O primeiro capítulo da pesquisa apresenta uma contextualização sobre a prostituição, mostrando os diferentes significados e representações que ela foi adquirindo na história. Para a elaboração desse capítulo recorri a autoras e autores que pesquisaram a história da prostituição, como a clássica Nickie Roberts e Paulo Ceccarelli, que situam a prostituição na história da humanidade desde as primeiras civilizações. Para escrever sobre prostituição no Brasil me servi de diversos estudos realizados em diferentes estados do país: a pesquisa de Margareth Rago realizada em São Paulo, Magali Engel no Rio de Janeiro, Letícia Barreto em Belo Horizonte entre outras e outros.

Ivante Dal Farra, citando Margareth Rago recorda que a prostituição em São Paulo é muito antiga. Por volta de 1910/11 devido ao processo de modernização, de crescimento econômico e geográfico da cidade, cresceu também a prostituição, denominada por ela como “território do desejo”.

Na passagem do século, Jorge Americando registrava a presença de ‘moças amáveis’, que insistentemente convidavam os transeuntes a entrar em suas casinhas baixas das ruas Líbero Badaró (antiga São José), Senador Feijó, Rua da Esperança (hoje Praça da Sé), Caixa d’Água, Rua da Conceição, várias das quais desapareceram com a reforma urbana de 1911. (Apud Dal FARRA, 2002)

Os estudos sobre a prostituição, encontrados em São Paulo, foram realizados na capital do estado e investiga o tema em regiões específicas da cidade como, no centro, em Pinheiros, na Rua Augusta, entre outras.

Nesse capítulo também utilizo bibliografias sobre a prostituição de autoras feministas que discutem a questão a partir da ótica de gênero, sobretudo as diferentes posturas feministas com relação à prostituição.

No segundo capítulo faço uma breve apresentação da região de Santo Amaro, desde a sua origem, ressaltando as primeiras etnias que fizeram parte da constituição da região, o desenvolvimento econômico no século XX e chamo a atenção para o outro lado de Santo Amaro, que não encontrei na história do lugar: a prostituição.

Nas proximidades do Largo Treze de Maio constatei uma concentração de casas de prostituição, como também ruas e uma praça que mulheres utilizam como pontos de encontros com homens para fazer programas. Procuro dar visibilidade a essa realidade, que até o momento parece não ter sido “visualizada”, pois registros e pesquisas encontrados sobre Santo Amaro não mencionam a prostituição como realidade do lugar. Nesta pesquisa também apresento: um mapeamento geográfico da parte da região onde se concentram os prostíbulos, o perfil das mulheres que neles atuam e a estratégia de publicidade utilizada na divulgação dos “serviços” sexuais das mulheres. Ressalto que a religião é uma das dimensões que faz parte do perfil de mulheres que praticam a prostituição.

Neste segundo capítulo, como referencial teórico relativo à história, recorri a bibliografias sobre a história dos bairros de São Paulo realizada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, entre estas a pesquisa de Maria Helena Berardi, que estudou a história de Santo Amaro. Como não encontrei outros estudos sobre a prostituição na região, me servi de pesquisas de autoras que estudaram diferentes realidades de prostituição como Marlene de Fáveri, que averiguou a publicidade utilizada na prostituição em Florianópolis, entre outros estudos.

No terceiro capítulo faço uma análise das entrevistas realizadas traçando a trajetória religiosa das mulheres, para a qual utilizo, como categorias de análise: religião/crenças vivenciadas na família, religiões/crenças na vida adulta, o lugar da religião/crenças hoje, e crenças das mulheres em situação de prostituição. Uma das perguntas que fiz às mulheres foi: quais as religiões/crenças que as mulheres que praticam a prostituição possuem? Dessa forma, além de colher as experiências das entrevistadas, colhi também pareceres sobre a relação de outras mulheres com a religião.

Na análise das entrevistas constato as religiões e crenças que mais aparecem na vida das mulheres na primeira fase da vida, as experiências que as marcaram e o momento em que

transitam de uma religião a outra, inclusive a aproximação da umbanda. A aproximação da umbanda introduz as mulheres no conhecimento e na aproximação da Pombagira.

Para o referencial teórico desse capítulo recorri a várias autoras e autores entre estas e estes, a Danièle Hervieu-Léger (2008), que analisa a forma da sociedade moderna vivenciar a religião, que é muito mais individualizada e resiste aos modelos estabelecidos pondo fim às identidades religiosas herdadas. Servi-me da pesquisa de Lísias Negrão (2008) sobre o “Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo”, na qual apresenta uma visão da formação do campo religioso brasileiro desde os tempos coloniais até a atualidade e do estudo de Claudio Ribeiro (2013) para aprofundar o cenário religioso brasileiro identificando as possibilidades e limites para o pluralismo religioso no país.

Para aprofundar sobre a Umbanda recorri aos estudos de Reginaldo Prandi, suas pesquisas sobre os candomblés no Brasil, as quais apontam que a Pombagira é uma das entidades mais cultuadas no país. Utilizei estudos de Nilza Lagos (2007), sobre as representações de gênero nas manifestações da Pombagira.

## CAPÍTULO I

### CONCEITUANDO A PROSTITUIÇÃO<sup>5</sup>

É comum, quando se vai falar de um tema, buscar a raiz da palavra-chave do assunto, mas nem sempre as definições apresentadas pelos dicionários são suficientes para explicar os sentidos e as significações, que vão além das definições existentes. Por isso, nesse estudo procuro abordar o tema “prostituição” apresentando algumas significações e compreensões que considero importantes.

O termo prostituição vem do latim *prostituere*; “colocar diante”, “à frente”, “expor aos olhos”. O dicionário Houaiss<sup>6</sup> apresenta diversas definições. A primeira delas define a prostituição como uma “*atividade institucionalizada que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais e a exploração de prostitutas*”. A segunda a define como um “*meio de vida principal ou complementar de prostitutas e prostitutos*”. Inlar de Sousa (2000, p. 122) entende que “*o fenômeno da prostituição não pode ser analisado de forma generalizada, como se tratasse de algo homogêneo [...]*”. Para Claudine Legardinier (2009), explicar a prostituição com base nas pessoas que praticam a prostituição, considerando-a como troca de serviços sexuais por remuneração, é limitá-la, pois a “*prostituição é antes de tudo uma organização lucrativa, nacional e internacional de exploração sexual do outro.*” (LEGARDINIER, 2009, p. 198). São diferentes compreensões, interpretações, que sofrem modificações de acordo com a cultura e a história da humanidade.

Para José Miguel Olivar (2013) a palavra prostituição demarca um tipo de relação ou milhares de relações que sofrem modificações. É também uma imagem, uma ideia, um feixe de relações simbólicas, que padecem de

[..] uma relativa estabilidade de valor negativo no Ocidente, enquanto guarda-chuva axiomático, imagético, que envolve e constrói (é envolvida e construída por) uma diversidade indeterminada de práticas... nem todas econômicas, nem todas sexuais. (OLIVAR, 2013, p. 33).

---

<sup>5</sup> A intenção, ao começar esse capítulo, não é escrever uma história da prostituição, mas devido à complexidade do assunto, considero importante passar brevemente por sua história, pois a prostituição, de certa forma, acompanha o desenvolvimento da humanidade. Para esse breve “voou panorâmico” pela história da prostituição, busquei duas autoras, cujas obras têm sido utilizadas em diversas pesquisas sobre prostituição no Brasil: Nickie Roberts e Margareth Rago. Encontrei outras(os) autoras(es) que também escreveram sobre o assunto e me vali de suas obras para esse estudo, entre estas(es): Letícia Cardoso Barreto, Paulo Ceccarelli e Magali Engel.

<sup>6</sup> Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 3.0.

Paulo Ceccarelli (2008), ao falar sobre a prostituição como mercadoria dos corpos e das diversas representações sociais que a “prostituta” teve na história, afirma que nas sociedades em que a família não era monogâmica, o sexo era vivenciado de forma distinta da atualidade. Também a representação da prostituição sofre modificações no decorrer da história e nas diferentes culturas. Destaca:

A representação social da prostituta varia segundo época e cultura; nem sempre foi acompanhada do estigma que o Ocidente lhe atribui. Nas sociedades em que a propriedade privada inexistia e a família não era monogâmica, por exemplo, o sexo era encarado de forma bem diferente da nossa e, ao que tudo indica, não havia prostituição. (CECCARELLI, 2008, p. 1).

Nickie Roberts (1992) ao situar a prostituição na história da humanidade, ressalta que nas primeiras civilizações da Mesopotâmia e do Egito algumas formas de prostituição foram vinculadas a divindades. Havia sacerdotisas prostitutas, consideradas sagradas, que recebiam presentes em troca de serviços sexuais. *“A prostituição sagrada foi, na verdade, a tradição do ritual sexual que persistiu desde a Idade da Pedra para se tornar parte integral da adoração religiosa nas primeiras civilizações do mundo.”* (ROBERTS, 1992, p.22). Na Grécia Antiga as mulheres sagradas, as *hierodules*, que ofereciam serviços sexuais em ocasiões especiais, não eram reconhecidas como prostitutas. Eram respeitadas pela população e pelas pessoas que governavam, por chamar o amor, o êxtase e a fertilidade e por serem vistas como a encarnação da Afrodite.

Na antiga civilização grega, a prostituição fazia parte da paisagem cotidiana, era um meio de obtenção de rendimento igual a qualquer outro e uma prática controlada pelo Estado. As prostitutas deviam pagar altos impostos e vestir-se de forma a serem identificadas como tal.(CECCARELLI, 2008, p. 2).

Nesta época, havia diversas categorias de mulheres que praticavam a prostituição, como as hetairas, de grande reconhecimento social, conhecidas pela inteligência, astúcia na administração dos bens, competências e articulações políticas. Essas tinham acesso ao universo masculino, participavam de atividades próprias dos homens. “Trabalhavam nos bordéis do Estado, sem sofrerem qualquer represália. *“As hetirae eram formadas em escolas nas quais as aspirantes aprendiam a arte do amor, a literatura, a filosofia e a retórica, vindo a ser as mulheres mais instruídas da Grécia.”* (CECCARELLI, 2008, p. 2).

Para muitas(os)<sup>7</sup> historiadoras(es), na Antiga Roma, a prostituição difere daquela de outras civilizações anteriores, por não estar vinculada à religião. Posteriormente, escritoras feministas suspeitaram que pudesse haver um elo entre religião e práticas de alguns ritos sexuais. Anos depois, mais claramente documentada, percebeu-se que a prostituição estava ligada à adoração da deusa Vênus, que era a protetora das prostitutas. Nessa época a prostituição, em todos os níveis, era arraigada à economia de Roma. Nesse período, é aceita pela sociedade sem nenhum constrangimento ou estigma associado aos compradores ou aos vendedores dos serviços sexuais.

Na Antiga Roma, a sexualidade e a prostituição eram fatos aceitos da vida; abertamente demonstradas, exploradas, discutidas e homenageadas. O Estado romano não se envergonhava de tirar proveito publicamente do comércio [...] (ROBERTS, 1992, p. 77).

Essa prática perdurou até Constantino assumir o império de Roma. Como imperador, criou impostos a serem pagos pelas mulheres que praticavam a prostituição e obteve muitos lucros.

Só após a queda da civilização romana foi que a nova religião do cristianismo completou seu golpe sobre o dogma oficial. Os homens que estavam no poder começaram a aceitar tacitamente a ideia de que a prostituição era moralmente repreensível e que as próprias prostitutas eram um mal e uma ameaça de corrupção para o resto da sociedade. Estava se iniciando o prelúdio de uma nova era de ódio à mulher. (ROBERTS, 1992, p. 77).

A mulher que pratica a prostituição passa a ser considerada o resto da sociedade. Ana Luiza Fanganiello (2008), ao pesquisar a autoimagem de “profissionais do sexo” na cidade de São Paulo, observou que elas são vistas como escória da sociedade, comparadas com bandidos e assassinos. Deste período surge também a ideia de que os bordéis são os protetores dos casamentos, das esposas e das virgens da sociedade.

Depois da queda de Roma, somente a Igreja sobrevive intacta e emerge como um poder intrínseco que provoca consequências sinistras para a sexualidade ocidental em geral, sobretudo para as mulheres.

---

<sup>7</sup> Nessa pesquisa utilizo a linguagem no feminino e masculino, por questões políticas de gênero. Sigo a forma de escrever usada pela Revista de Estudos Feministas ao apresentar os periódicos digitalizados. Acredito que esta é uma forma de reconhecer o protagonismo das mulheres, que por muitos séculos foram invisibilizadas na história, sobretudo através da escrita em linguagem masculina. Reconheço que o texto fica um pouco mais complexo para a leitura, porém é questão de começarmos a nos habituar, pois a língua se modifica ao compasso dos processos históricos da sociedade.

O cristianismo assumiu a desconfiança dos judeus em relação às mulheres e acrescentou suas próprias repressões, em uma interpretação muito mais rígida dos costumes dos hebreus. Foi significativo o fato da idealização da castidade ter sido transformada em uma aversão pelo corpo, e por uma severa condenação dos atos sexuais. (Apud. ROBERTS, 1992, p. 80).

A partir desse período elabora-se uma teologia marcada pelo protagonismo masculino, desconsiderando as mulheres. Juliana Pádua (2007), ao falar sobre as diversas simbologias e definições da prostituição na história, aponta que a forma como foram escritos os textos bíblicos deprecia as mulheres. Isto se deve à influência de pensamentos misóginos, sobretudo de filósofos, na elaboração da teologia cristã. Afirma:

Justificada pela moral cristã, a Idade Média promoveu ações de combate à prostituição, o que não passava de uma encenação arquitetada pelo poder clerical, que durante muito tempo escondeu os verdadeiros “pecados” da Igreja Cristã. Tal movimento religioso evidenciou a concepção dual da mulher: Eva, a responsável pelo pecado original e a Virgem Maria, a mãe do Salvador. A desconfiança sobre o corpo, ligada à figura feminina, encontrou um espaço ideal nas filosofias, por vezes, misóginas de Platão, Aristóteles e outros. (PÁDUA, 2007)

Essa compreensão que gera desconfiança sobre o corpo da mulher ganha espaço nas filosofias misóginas de Platão, Aristóteles e outros, os quais influenciaram o pensamento dos principais teólogos considerados importantes pela Igreja, como Jerônimo e Agostinho. Segundo Juliana Pádua (2007), Agostinho chega a recomendar o casamento “casto”, ou seja, sem relações sexuais. Nesse período as mulheres estavam totalmente “protegidas” pela igreja masculina. Para Nickie Roberts (1992) “[...] a igreja inicial rapidamente rejeitou o princípio feminino e passou a se tornar cada vez mais misoginista, com suas doutrinas e ideologias moldadas pelas preferências de São Paulo, Santo Agostinho e outras relíquias patriarcais do Império [...]” ROBERTS, 1992, p.81)

Estes pensadores se tornam referência da teologia da Igreja e entre eles há aqueles que negam a sexualidade, reforçam o poder masculino, desqualificam as mulheres e condenam a prostituição. Segundo Nickie Roberts (1992), Santo Agostinho chega a propor, em poucas palavras: “Suprimir a prostituição”.

Conhecidos como os Pais da Igreja, esses pensadores, lidam com o pensamento masculino que tende a desconsiderar as regras da monogamia.

Afinal, chegou-se a um acordo: [...] de agora em diante, as prostitutas seriam especificamente identificadas com a luxúria miserável da carne; a prostituta era encarada como uma espécie de dreno para eliminar o efluente sexual que impedia os homens de se elevar ao nível do seu Deus. Dessa maneira, a Igreja conseguiria tudo:

por um lado, condenava todo o relacionamento sexual; por outro, aceitava a existência da prostituição como um mal necessário. (ROBERTS, 1992, p. 84).

Segundo Juliana Pádua (2007), a prostituição seguiu presente na história graças à falsa moral empenhada em manter as aparências da aristocracia e posteriormente da burguesia, incluindo aí a própria Igreja Cristã. A Reforma Protestante, mesmo rompendo com o catolicismo, não redimiu a mulher, mas confirmou sua condição procriadora. “*O estigma “mulher de má vida” permanece, enquanto o aparato social que lhe permite existir continua invisível ao julgamento da dita ‘moralidade’.*” (PÁDUA, 2007).

As mulheres que praticavam a prostituição são oficialmente excomungadas da Igreja. Os “bons homens cristãos” são orientados a não se aproximarem de mulheres “estranhas e pecaminosas”. Nessa situação, o preconceito que inúmeros membros das elites grega e romana sentiam com relação às mulheres torna-se firmemente enraizado na instituição religiosa.

O que fez mudar as atitudes com relação à mulher que pratica a prostituição foi a série de mudanças econômica, sociais, políticas e religiosas que reconfiguraram a sociedade ocidental durante o período da Reforma. São mudanças que atingem profundamente a classe trabalhadora, especialmente as mulheres, pois passaram a ser excluídas das profissões e dos negócios dos quais haviam participado em igualdade com os homens na Idade Média. Devido a poucas oportunidades e à desigualdade social, acabam praticando a prostituição.

A condição das mulheres na prostituição já não era de tolerância, como na Idade Média. Havia leis para restringir as mulheres em geral, mas pesava mais sobre as mulheres que praticavam a prostituição.

Na legislação criminal francesa, as mulheres passaram a ser consideradas irresponsáveis devido à ‘imbecilidade’ do seu sexo; logo, como um corolário a isso, o estupro de uma prostituta deixou de ser crime. As prostitutas não podiam mais recorrer às autoridades do Estado, recém-centralizado, em busca de proteção. O espírito da época era caracterizado por uma extrema misoginia que era demonstrada pelo terror em massa e pelo assassinato de dezenas de milhares de mulheres por toda a Europa durante a ‘caça às bruxas’.(ROBERTS, 1992, p. 138).

A expansão do protestantismo no século XVI rompeu com o monopólio da Igreja Católica e reconfigurou totalmente a ordem e a moral na Europa ocidental. Segundo Paulo Ceccarelli (2008) “*com a Reforma religiosa no século XVI, o puritanismo passou a controlar os costumes e ditar a moral.*” Na França, as tropas protestantes espancavam as mulheres que praticavam a prostituição da cidade de Gaillac e cortavam suas orelhas. Medidas severas,

como bárbaros castigos e punições, eram tomadas pelas autoridades contra as mulheres. Bordéis são fechados e demolidos pelas autoridades do sul da França.

Na Inglaterra, no período do reinado de Elizabeth I, as mulheres que praticavam a prostituição eram perseguidas, podiam ser punidas tendo a cabeça raspada e usavam chapéu para serem reconhecidas como criminosas.

Segundo Ana Luiza Fanganiello (2008), com os avanços das doenças sexualmente transmissíveis na Idade Média, a Igreja adquire força em seus dogmas, imputando a prática sexual como motivo de culpa. Quem praticava sexo estava se expondo às doenças como a sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis da época. Supõe-se que a repressão à prostituição na Europa nesse período se deve à chegada da doença venérea sífilis, mas essa suposição esconde as reais raízes sociais e políticas da repressão. *“A sífilis foi identificada pela primeira vez em 1495, entre os soldados franceses aquarelanos, em Nápoles; dali parece ter se espalhado rapidamente por todo o resto da Europa.”* (ROBERTS, 1992, p. 149).

Enquanto isso os reformadores católicos também criavam decretos e leis para reprimir a prostituição. Em Roma, as mulheres que praticam na época a prostituição reagem a um decreto do papa, em 1563, promulgado no Concílio de Trento, sobre o casamento e a proibição de qualquer tipo de atividade extraconjugal.

O prazer vai sendo transformado em pecado, as prostitutas são enviadas às colônias que estavam sendo ocupadas pelos diferentes países europeus, entre eles, o Brasil. Vão *“para essas colônias, ladrões, indigentes assassinos e prostitutas. Todos eram julgados como indignos de estarem na sociedade europeia. A prostituição estava sendo condenada na Europa e caberia a eles povoar as colônias”* (FANGANIELLO, 2008, p. 16).

Logo em seguida à chegada dos primeiros europeus ao Brasil, eles estabelecem relação de prostituição com as índias, trocam presentes por favores sexuais. O papel das mulheres prostitutas europeias é povoar a colônia de filhos brancos, embora a esses fossem negados todos os direitos do Império. Nesse período, escritores e artistas do romantismo escrevem sobre a prostituição e a retratam, explorando, nas artes, suas relações proibidas e marginais:

Vemos essa íntima relação entre as prostitutas e poetas românticos no relato sobre Marina Querini-Benzoni que, após uma vida de comportamento inteiramente livre, ainda veio a conhecer Byron, proporcionando-lhe a bela Guiccioli (Apud. FANGANIELLO, 2008, p. 16).

Os séculos XVIII e XIX são períodos marcados por grandes mudanças que provocaram crises econômicas, políticas e sociais. A industrialização gera um considerável crescimento urbano que desencadeia um movimento migratório da população rural para as cidades, causando pobreza e, em consequência, o aumento de delitos contra a propriedade e contra as pessoas. Segundo Fernanda Priscila (2010),

frente a esta pauperização, o alcoolismo, a prostituição, o roubo são algumas respostas dadas ante a normalidade imposta por uma sociedade progressivamente industrializada. Criminosos, prostitutas e ladrões integravam a paisagem urbana, como realidades visuais cotidianas e numericamente consideráveis. (SILVA, 2010, p. 23)

Para Paulo Ceccarelli (2008), a Revolução industrial trouxe um elemento significativo à prostituição, pois as mulheres tiveram de enfrentar condições desiguais no trabalho em relação aos homens. Prostituir-se em troca de favores, de melhores condições de vida, tornou-se uma opção.

### **1.1 A prostituição no Brasil**

Falar da prostituição no Brasil é um desafio, por diversos motivos, entre esses os poucos estudos focados na história da prostituição em nível de país. Busquei bibliografias com as quais pudesse apresentar, de forma breve, esse fenômeno, porém não encontrei um mapeamento da prostituição no Brasil. Somente localizei pesquisas com recortes geográficos e/ou períodos históricos específicos. Conversei com duas professoras pesquisadoras, Margareth Rago, da UNICAMP, e Maria José Pedro, da UFSC, que investigaram o tema, mas ambas relataram desconhecer estudos que apresentem a prostituição no país. A professora Joana sugeriu citar algumas pesquisas existentes, que detectam a ausência de estudos mais completos em nível de Brasil. Mas, como nesta pesquisa o percorrido pela história tem a finalidade de contextualização do tema, me atenho apenas a alguns estudos que podem ajudar a(o) leitora(or) a situar o contexto da prostituição no país.

As pesquisas encontradas mostram que a prostituição está presente no Brasil desde o período colonial. A chegada da família real, em 1808, no Rio de Janeiro, torna a cidade capital do Império e modifica a vida da população, pois estimula o desenvolvimento de atividades econômicas e proporciona melhorias nas condições de vida das pessoas. O processo de urbanização, a partir de 1840, e a abolição da escravidão, em 1888,

proporcionam uma estrutura complexa nas cidades, que de um lado oferecia possibilidades de empregos e de outro não consegue absorver toda mão de obra disponível. As oportunidades são poucas para os homens e menos ainda para as mulheres. Para Letícia Barreto (2013), grande parte das ocupações das mulheres nessa época, trabalho doméstico, pequeno comércio, artesanato entre outros, é marcada pelo preconceito, podendo ser associada à “prostituição enrustida”. Os padrões de comportamento e valores morais, extremamente rígidos, valorizam a monogamia e a virgindade das mulheres.

Neste período, a prostituição representa uma ocupação que possibilita às mulheres uma condição mais autônoma e independente em relação à sexualidade, à economia e às questões emocionais. Economicamente era mais rentável e ainda dava oportunidade de participarem de assuntos e espaços restritos aos homens. Nesse contexto a mulher

Possuía também diversas funções sociais, frágil, atuando, a um só tempo, como resistência ao ideal da mulher frágil e submissa e também como forma de manter os valores morais. Assim, por todo esse contexto social e econômico, muitas mulheres se tornavam prostitutas. (Apud. BARRETO, 2013, p. 71).

Para compreender a prostituição nessa época, é importante ter em consideração a pobreza, que fazia do meretrício uma forma de trabalho para a sobrevivência.

Alguns autores afirmam que as prostitutas do Brasil Colônia foram úteis para a construção e valorização do seu oposto: as mulheres puras, identificadas com a Virgem Maria e distantes da sexualidade transgressora. Nessa realidade, as mulheres que exerciam a prostituição eram vistas como pacificadoras da violência sexual, salvaguarda do casamento moderno e, ao mesmo tempo, taxadas de meretrizes. (IRMÃS OBLATAS, S/D)

A partir de meados do século XIX, as mulheres em situação de prostituição estão por todas as partes das cidades.

[...] havia escravas e libertas, brasileiras e imigrantes, de “baixo meretrício” ou “de luxo. [...] As prostitutas, por exemplo, poderiam ser usadas para povoar as áreas urbanas isoladas da cidade. Assim, só eram punidas se causassem desordem, ameaçando a tranquilidade e a moral pública. Contudo, uma vez que não havia leis específicas para a prostituição, as punições eram arbitrárias, dependendo da interpretação do representante da lei. (Apud BARRETO, 2013, p.71)

Nesse período, o Rio de Janeiro é marcado por epidemias, chegando a ser considerado como lugar perigoso. *“A prostituição é assim concebida como um perigo, escondido nos ‘antros’ e coberto por um ‘véu’. Um perigo desconhecido que, apesar de*

*‘repugnante’, ‘imundo’, ‘miserável’ e ‘degradante’, deve ser estudado pelo médico.’* (ENGEL, 1989, p. 66). Sendo assim, é necessário limpar a cidade e disciplinar os habitantes.

A cidade é considerada doente, tomada pela prostituição e pela sífilis. Para entender essa realidade, os médicos brasileiros começam a estudar a prostituição, procurando causas e efeitos, classificam as prostitutas e discutem a regulamentação. Desejam entender as causas e os sintomas das doenças venéreas e evitar que se espalhem pelo país.

Para realizar esses estudos sobre a prostituição, foram enfocadas três categorias básicas de classificação: perversão (doença física), depravação (doença moral) e comércio do corpo (doença social). (BARRETO, 2013, p. 74)

Segundo Letícia Barreto (2013), esses estudos, enfocando os três pontos, levam à percepção de que a prostituição, nessa época, é uma ameaça em diferentes sentidos, atingindo o corpo da mulher, a família, o casamento, o trabalho e a propriedade. Um dos seus aspectos é a percepção da prostituição como sexualidade pervertida, não natural, por estar associada ao prazer demasiado e desvinculada da reprodução. Outro aspecto é a inquietação com o corpo da mulher em si, considerado mais predisposto à prostituição por sua beleza e seu caráter de passividade na função reprodutora. Para Letícia Barreto (2013) só existia dois caminhos de satisfação dos instintos sexuais femininos: como mãe/esposa ou prostituta. Sendo assim, a prostituição era vista, inclusive, como causadora de esterilidade e incapacidade de gerar filhos. Por isso, era preciso estudar o corpo da prostituta como foco da perversão. Michel Foucault acredita que o Ocidente não foi *“capaz de inventar novos prazeres e, sem dúvida, não descobriu vícios inéditos, mas definiu novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres: nele se configurou a fisionomia rígida das perversões.”* (FOUCAULT, 2005, p. 48)

De acordo com Letícia Barreto (2013), a prostituição é também relacionada à depravação sexual, como dimensão moral do corpo doente. *“A própria definição de prostituição é indicativa dessa visão, sendo compreendidas as relações sexuais antinaturais e/ou moralmente condenáveis, como adultério, concubinato, poligamia”* (BARRETO, 2013, p. 75). O que define a prostituição não é tanto o fato de fazer sexo remunerado, é o fato de a mulher ter relações sexuais com diversos indivíduos, ir contra as regras de honestidade socialmente estabelecidas, abusar de prazeres sem a finalidade de procriação. Dessa forma, o prazer em excesso é uma doença moral. E as mulheres que praticam a prostituição são vistas como depravadas, selvagens, primitivas, loucas, pessoas que não controlam seus instintos sexuais.

Para Letícia Barreto (2013) esses estudos sobre a prostituição definem o estereótipo da “puta” e instituem padrões de comportamento que diferenciam as mulheres que praticam a prostituição das mulheres consideradas “honestas”. “*As prostitutas são vistas como preguiçosas, devassas, instáveis, incontroláveis, fúteis, banais, entre tantos outros adjetivos e comportamentos que foram identificados a esse grupo.*” (BARRETO, 2013, p. 76). Em contraposição, mulher considerada honesta é casada, boa mãe, trabalhadora, fiel e assexuada. Segundo a compreensão dos médicos, desses atributos, o único que a prostituta pode alcançar, é ser mãe.

O saber médico foi construindo uma identidade assustadora do feminino, associando as mulheres que praticam a prostituição como disseminadoras das doenças sexualmente transmissíveis, primeiramente da sífilis e mais tarde da AIDS, isentando dessa responsabilidade o homem/cliente, sobretudo se for casado. Para Inar de Sousa (2000), esse modo de compreender o feminino incorpora imaginários sobre o corpo das mulheres que praticam a prostituição.

A produção científica que se propõe a trabalhar com o tema da prostituição acabou de incorporar também os imaginários sobre o corpo feminino. Essas representações terminam por popularizar e concretizar as imagens da prostituta como “mulher fatal”, de um lado, e “vítima do sistema”, de outro. Há ainda casos em que as prostitutas são consideradas como fatos patológicos, tendo vivenciado traumas no passado ou problemas não resolvidos, que acabaram por levá-las para a prostituição” (Apud. SOUSA, 2000, p. 34)

A prostituição é também relacionada ao comércio do prazer, além de ociosidade. É entendida como ocupação, ofício e comércio. Embora seja uma prática remunerada, não é legítima. Afirma Letícia Barreto:

[...] a prostituição era uma ameaça em diferentes sentidos, atingindo o corpo, a família, o casamento, o trabalho e a propriedade. Assim, era fundamental controlá-la ou eliminá-la. Alguns acreditavam que o controle seria feito pela eliminação. Alguns acreditavam que o controle seria feito pela limitação e isolamento, por medidas higiênicas e legais, transformando a prostituição em algo útil à sociedade. Para outros, controlar equivaleria a diminuir e buscar eliminar a prostituição por meio da repressão policial rigorosa. Essas visões deram origem, no Brasil, às visões a favor e contra a regulamentação sanitária da prostituição. (Apud. BARRETO, 2013, p. 77)

Segundo Ivanete Pereira (2004), em Florianópolis a sífilis era entendida como um problema de imoralidade, principalmente associada às mulheres que praticavam a prostituição, as quais eram consideradas parte das impurezas da cidade, que deveriam ser

eliminadas pelo poder público. Projetava-se uma “limpeza” na cidade para que Florianópolis fosse uma cidade “civilizada e moderna”. E continua:

Enquanto no Rio de Janeiro e em São Paulo, a discussão sobre a sífilis envolvia questões como a regulamentação ou não da prostituição, em Florianópolis [...] os discursos médicos não levantaram, explicitamente, uma bandeira de luta no sentido de regulamentar a prostituição, ou até mesmo de acabar com ela, porém, visando atingi-la, agiam em torno da sífilis, tentando difundir a ideia do quanto tal doença estava disseminada pela cidade e o perigo que ela representava para as pessoas que se aproximassem da prostituição. (PEREIRA, 2004, p. 67)

A partir dessas reflexões pode-se perceber que a prostituição é vista como uma ameaça em distintos sentidos, atingindo o corpo, a família, o casamento, o trabalho e a propriedade. Sendo assim, o ideal é controlá-la ou suprimi-la. Letícia Barreto (2013), citando Engel (1989), ressalta que alguns acreditam que o controle seria feito pela limitação e isolamento, através de medidas higiênicas e legais, transformando a prostituição em algo útil à sociedade, enquanto outros acreditam que controlá-la equivaleria a diminuí-la e intentar suprimi-la através da repressão policial severa.

## **1.2 Disputas políticas sobre a prostituição: higienização, trabalho, legalização e exploração**

Existem diversos debates de criminólogos, juristas, médicos e outros profissionais sobre a sexualidade no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Para Margareth Rago (2008), na passagem desses séculos, a mulher que pratica a prostituição ainda é pouco citada explicitamente, a não ser por setores mais especializados nas discussões dos problemas sociais como os médicos, juristas, chefes de polícia, jornalistas políticos, entre outros.

João Batista Mazzeiro (1998), citando o criminólogo brasileiro Evaristo de Moraes, afirma que, na virada deste século a prostituição era um “mal necessário” para a preservação da moral do lar, e assim sendo, não era considerada crime. Porém a prostituição foi criminalizada como “ato imoral”, que ameaçava a vida social. Ao mesmo tempo houve uma repressão médica que perpassava a profilaxia da sífilis, e uma repressão moral contra os “escândalos” promovidos pelas mulheres que praticavam a prostituição. Cria-se, assim, uma penalização para essas mulheres de “conduta antissocial (anti-higiência ou desmoralizante)” que pudesse ofender a sociedade e o Estado. Os controles médicos, na época, são formas de

penalizá-las, uma vez que a polícia devia capturá-las para a realização de exames médicos. *“Tratava-se, então, de um controle da sexualidade vista como criminosa pelo discurso da criminologia: declarava-se ser necessária uma polícia sanitária para criminalizar a prostituição”* (MAZZIEIRO, 1998)

A criminalização de mulheres que praticavam a prostituição se dava através do que se julgava atentado ao pudor. Buscavam-se justificativas no artigo 282 do Código Penal, que punia esses delitos. Outra forma de criminalizá-las foi sua equiparação à vagabundagem, o que também as expunha a enquadramento no Código Penal, tornando-as sujeitas à prisão. Confira alguns artigos:

O decreto 1.034A, de 1/9/1892, atribuiu ao chefe de polícia "ter sob sua vigilância as mulheres de má vida". Em 5/2/1902, o decreto 4.763 dispôs que cabia aos delegados urbanos e suburbanos essa vigilância, "da forma que julgar mais conveniente ao bem-estar da população e à moral pública". Em 1907, os decretos legislativos 1.631 e 6.440 destinaram essa função aos delegados de polícia. Uma vez que a prostituição não era matéria do Código Penal, a atuação do poder do Estado sobre ela estava a cargo da própria polícia que a criminalizava por sua prática cotidiana. (MAZZIEIRO, 1998)

Embora a prostituição nesse período seja vista no discurso da criminologia como um fenômeno doentio, pelos moralistas, por sociólogos, e até mesmo por criminólogos, é vista como consequência do meio social, principalmente da miséria. Essa visão é inevitável, uma vez que parte significativa dessas mulheres somente conseguiria sua sobrevivência por meio da prostituição.

Para alguns criminólogos, apesar do predomínio das causas sociais na explicação da prostituição, existem casos patológicos de mulheres que entram na prostituição pelas exigências doentias do organismo. Outros profissionais defendem que a prostituição resultou do desenvolvimento urbano. Entre 1870 e 1920 as cidades de São Paulo, Campinas e Santos estavam se formando e tornado-se polos industriais. Esse pode ser um dos fatores que contribuíram para o crescimento da prostituição nessa região.

Os baixos salários femininos faziam com que a prostituição fosse "um fenômeno econômico, complemento do salário insuficiente, ou falta absoluta de salário". Nessa perspectiva, sabe-se que 95% das prostitutas vinham das classes pobres e assumiam a prostituição como forma de sobrevivência (Apud MAZZIEIRO, 1998)

Percebe-se que em cada momento histórico a prostituição é compreendida de forma distinta. O fenômeno é sustentado pelo sistema político de cada época e sofre variações na forma de ser compreendida. Margareth Rago (2008) observa que, se o mundo da prostituição

se transformou, em grande parte, nas últimas décadas, também as pessoas mudaram a maneira de vê-la. Afirma: “*Já não é mais possível responsabilizar a prostituta pela existência da prostituição, como ocorria no passado, menos ainda aceitar que seja presa ou espancada pelas autoridades públicas pela prática da comercialização sexual do seu próprio corpo.*” (RAGO, 2008, p. 14). Para ela a prostituição é uma consequência, resultado de um meio que beneficia diversos setores sociais envolvidos, principalmente os homens. Margareth Rago (2008) acredita ainda, que considerar a prostituição “a profissão mais antiga do mundo” é uma postura que favorece a naturalização de um fenômeno que é cultural e histórico e não necessário e insolúvel.

A política dos juristas, dos criminólogos e os tratados médicos orientavam o gerenciamento de uma sexualidade submissa. Desde 1940 os médicos apresentaram ideias de como controlar a prostituição no Rio de Janeiro e nessa década inicia-se “*o projeto de regulamentação sanitária no Brasil, que foi influenciado pelo trabalho de Parent-Duchâtelet e ações realizadas em Paris.*” (BARRETO, 2013, p. 78). Pois “*a prostituição é como um mal que ameaça a saúde física, moral e social do conjunto da população urbana.*” Para Engel (ENGEL, 1989, p. 103), é preciso controlá-la e esse controle é entendido de formas diferentes. Para alguns corresponderia a limitar, isolar e manter a prostituição; para outros, a diminuir e, se possível, eliminar o mal da sociedade através de repressão policial rigorosa. Sendo assim, “*gera duas tendências: a defesa e a oposição à regulamentação sanitária da prostituição.*” (ENGEL, 1989, p. 104).

Segundo Magali Engel (1989), a proposta de regulamentação da prostituição pública, inspirada na obra do Dr. *Parent-Duchâtelet* e nas experiências implantadas em Paris, começa a ser desenhada pela comunidade médica do Rio de Janeiro a partir de 1940 e ganha consistência e sofisticação no final da década de 1860, conquistando espaço no meio acadêmico. Os médicos defendem a regulamentação da prostituição, assumindo claramente uma perspectiva normatizadora, argumentando cientificamente que a prostituição é um mal inevitável e, portanto, não poderia ser eliminada. Para Magali Engel (1989) essa argumentação traz implícita a ideia de que o organismo masculino é, fisiologicamente, portador da necessidade de realização do prazer pelo prazer, que não pode ser comprimida. Sendo assim, a prostituição é necessária para preservação das instituições sociais, entre estas a familiar, além de conter as perversões sexuais consideradas graves na época, como as relações homossexuais, a automasturbação e a sodomia.

Com esta argumentação, os médicos regulamentaristas são contra a aplicação das normas higiênicas e policiais que procuram impedir a liberdade da “prostituta pública”, alegando que os limites da liberdade do indivíduo termina onde começa a liberdade do outro.

Em 1850 inicia-se, na Academia Imperial de Medicina, um debate de oposição ao projeto de regulamentação sanitária da prostituição. Dr. Jacintho critica a posição favorável à regulamentação a partir da hipótese de que “as nossas prostitutas não eram tão perigosas como as de outros países”. No início de 1890 há, na Academia de Medicina, um confronto entre as duas perspectivas divergentes, com relação à prostituição, segundo o qual

[...] os Drs. Costa Ferraz, Clemente Ferreira, Pinto Portella e Érico Coelho defendem a posição antirregulamentarista, a partir de uma argumentação que procura demonstrar falhas e o fracasso das tentativas de alguns países europeus no sentido de regulamentar a prostituição. Os médicos antirregulamentaristas definem a prostituição como uma doença que, ocasionada por elementos identificáveis e combatíveis – tais como a falta de orientação religiosa, a ignorância, a miséria –, representa uma ameaça para a saúde da população fixada nos grandes núcleos urbanos. (ENGEL, 1989, p. 119)

O projeto de regulamentação é considerado inadequado e os seus defensores são acusados de ter diagnosticado o mal como inevitável e necessário, e não institui medidas para combatê-lo, mas, ao contrário, criam condições para a sua permanência.

Letícia Barreto (2013), citando Margareth Rago (1985), afirma que o regulamentarismo dominou muito tempo e que, a partir da década de 1920 começa a predominar o abolicionismo.

O modelo abolicionista percebe a mulher que pratica a prostituição como vítima que se vê obrigada a inserir-se na prostituição devido a diversos fatores: econômicos, sociais, políticos, entre outros. Compreende a prostituição como fruto de ação de “terceiros” e da exploração de mulheres, potencialmente extingível, mediante a penalização dos envolvidos. Desse modo as mulheres não são criminalizadas, mas o são todos os envolvidos de alguma forma, como os cafetões, donos de casas de prostituições, etc., uma vez que suas atividades se configuram como exploração de mulheres.

Diversos estudos debatem o regulamentarismo. Margareth Rago, em sua obra *Os prazeres da noite*, cita a crítica que Evaristo de Moraes (1921), faz ao modelo:

O ponto forte de sua argumentação em defesa do abolicionismo girava em torno da vitimização da prostituta, sequestrada numa rede de poder, tanto pelas cafetinas quanto pelas autoridades policiais, cúmplices daquelas. Preocupado em refazer outra imagem da meretriz, dissociada da ideia da vagabundagem e da criminalidade,

Evaristo aponta para as causas socioeconômicas da prostituição. (RAGO, 2008, p. 153)

Para Evaristo, até mesmo o patriarca do regulamentarismo, Parent Duchâtelet, dera-se conta de que as “casas de tolerância”, registradas pela Polícia de Costumes, tornavam-se focos de decadência moral e da transmissão da sífilis.

Segundo Margareth Rago (2008), as críticas dos abolicionistas brasileiros pareciam procedentes em diversos aspectos. Constatava-se, por esses médicos, a fragilidade e a arbitrariedade de um sistema autoritário que atingia uma parcela das mulheres que praticavam a prostituição – em particular, as “prostitutas públicas”, mulheres de condição social inferior, que viviam em “pensões alegres”, bordéis, casas de tolerância, nem sempre toleradas. Excluía-se, dessa relação, as meretrizes “clandestinas”, vistas como as mais perigosas e ameaçadoras, justamente por estarem fora do controle, e as mulheres protegidas por homens abastados, como os “coronéis”. “*O Brasil é um país considerado abolicionista em relação à prostituição (Brasil, 2002), tendo assinado, em 1951, o Tratado Abolicionista Internacional, da ONU.*” (BARRETO, 2013, p. 82). A postura política do país era de tolerância com quem exercia a atividade, mas criminalizava quem a promovia, de alguma forma, tais como gerentes ou donos de casas de prostituição, quando sua ação configurava exploração da mulher. Esta política não favorece a criação de leis trabalhistas para quem pratica a prostituição. Depreende-se, desta postura, que a mulher que praticava a prostituição era vítima, não tinha culpa por estar em tal situação. Por outro lado, a exploração sexual de crianças e adolescentes, por qualquer meio ou modalidade, era crime, por serem, as vítimas, consideradas prostituídas, induzidas e levadas a ações das quais deveriam ser protegidas.

A postura abolicionista do Brasil tem sido questionada na atualidade. Existem projetos de lei a favor e contra. Cito aqui os mais conhecidos:

[...] em 19/2/2003, o deputado Fernando Gabeira apresentou o projeto de lei 98/2003 (GABEIRA, 2003), que discute a exigência de pagamento por serviços de natureza sexual e suprime do Código Penal os artigos relacionados à indução ou atração de alguém à prostituição, ao mantimento de casa de prostituição e ao tráfico de mulheres (artigos 228,229 e 231). (BARRETO, 2013, p. 82)

Segundo Letícia Barreto (2013), para criar esse projeto de lei, o autor baseou-se no modelo regulamentarista alemão, segundo o qual a prostituição é legal, desde que em condições específicas.

Outros projetos de leis com visão contrária, que reforça as ideias abolicionistas, são elaborados paralelamente e ao mesmo tempo que o de Gabeira:

[...] é o projeto de lei 2169/2003, apresentado pelo deputado Elimar Máximo Damasceno, também em 2003, e que dispõe sobre o crime de contratação de serviço sexual. [...] Damasceno afirma que a integridade sexual é bem indispensável da pessoa humana e, portanto, não pode ser objeto de contrato visando à remuneração.” (Apud. BARRETO, 2013, p. 83)

Na visão de Damasceno, a prostituição é acompanhada de outras práticas prejudiciais à sociedade, como os crimes de lesões corporais e o tráfico de drogas.

Outro projeto de lei apresentado, contrário ao 2169/2003, foi redigido pelo deputado Antônio Carlos Magalhães Neto. Afirma que o projeto de lei 2169/2003, de Damasceno, não pode ser aceito porque a repressão ao ato de contratação de serviço sexual já está contemplada pelos artigos 228, 229 e 231 do Código Penal. Quanto ao “*PL 98/2003, do deputado Fernando Gabeira, Antônio Magalhães Neto afirma que a previsão legal de um contrato cujo objeto seria o comércio do próprio corpo para fins libidinosos, não estaria em sintonia com o sistema.*” (Apud. BARRETO, 2013, p. 84) O deputado se posiciona contra a exigibilidade de remuneração de serviços sexuais. Defende que seria mais importante investir em políticas públicas que evitem que as pessoas sejam levadas a praticar a prostituição como forma de sobrevivência.

A partir desse contato com a legislação brasileira quanto aos posicionamentos sobre a prostituição, pode-se afirmar que o Brasil continua sendo um país considerado abolicionista em relação à prostituição. Porém, as discussões sobre a necessidade da regulamentação não são uma constante entre as mulheres que praticam a prostituição. Entre elas há diferentes posicionamentos. Um acreditam que, com a regulamentação, elas serão mais exploradas do que já são, e não gostariam de ter registro em carteira de trabalho como “prostituta”. Para outras, a regulamentação é uma forma de ter seus direitos trabalhistas garantidos.

No Brasil existem movimentos de mulheres que praticam a prostituição, que têm por objetivo lutar pelo reconhecimento da prostituição como um trabalho. Entre estes movimentos há a Rede Brasileira de Prostitutas, fundada por Gabriela Leite.<sup>8</sup> Além dessa Rede, Gabriela

---

<sup>8</sup> Gabriela Leite nasceu em São Paulo, em 1951. De uma família tradicional, começou a trabalhar aos quatorze anos, foi secretária em um grande escritório em São Paulo, cursou filosofia na USP no final dos anos sessenta e deixou tudo para viver na prostituição. Foi morar no Rio de Janeiro, na Vila Mimososa, zona de prostituição da cidade. Permaneceu por muito tempo nessa vila e lá começou um trabalho pelo reconhecimento da prostituição como profissão. Saiu da prostituição e casou-se com o jornalista Flávio Lenz. Gabriela faleceu em 2013 devido a um câncer.

também fundou a ONG Davida, que tem por objetivo “[...] *defender os direitos da prostituição, seu reconhecimento como profissão, diminuir os riscos a que estão expostas as prostitutas e o que mais fosse crucial para o desenvolvimento da cidadania das mulheres.*” (LEITE, 2008, p. 174). Com a finalidade de arrecadar recursos e dar visibilidade à ONG, Gabriela criou a grife DASPU<sup>9</sup>. A Rede Brasileira de Prostitutas conta, atualmente, com trinta organizações, e ganhou atenção internacional devido à sua atuação.

### **1.3 Alguns aspectos da prostituição na cidade de São Paulo**

Em São Paulo há vários estudos sobre prostituição, porém são fragmentados no sentido de serem realizados por recortes de períodos históricos ou geográficos. Cito nesta pesquisa alguns desses estudos que considero importantes.

Uma das pesquisadoras de referência em estudos sobre a prostituição em São Paulo é Margareth Rago, que investigou o tema no período de 1890 a 1930. Citando Margareth Rago, Mariana Afonso e Rosimeire Scopinho (2013) afirmam que, no final do século XIX e início do século XX, surgiu a Zona do Meretrício, da cidade, influenciada pela concepção higienista de médicos, criminologistas e autoridades públicas, de que as “sexualidades perigosas”, dentre elas a prostituição, deveriam ficar segregadas. Segundo Margareth Rago (2008), nesse período o progresso e a civilização, que tudo transformavam no país, colaboraram para o surgimento de inúmeras casas de prostituição, conhecidas na época por *cabarets*, localizados em distintos pontos da cidade, que eram repletos de mulheres de todas as procedências e idades. Havia *cabarets* no centro da cidade e na periferia, com diferentes características:

Mistura de bar, bordel e restaurante, o cabaré de luxo, atapetado, onde desfilavam lindas mulheres elegantes, brilhando em seus vestidos luxuosos e com joias caras, encarava os boêmios da cidade como ponto sensual de convergência dos fluxos desejantes. No Salomé ou no Auberge, de Marianne, na Rua Sete de Abril, onde anteriormente funcionara o Chez Nous, dançava-se, havia shows com músicos profissionais de orquestra e jogavam-se cartas. (RAGO, 2008, p. 120)

Mariana Afonso e Rosimeire Scopinho (2013) apontam que em 1897, foi criado o primeiro projeto de regulamentação da prostituição em São Paulo. O autor desse projeto foi o delegado Cândido Motta e continha itens:

---

<sup>9</sup> DASPU é uma grife criada em 2005 pela ONG Davida. A grife produz roupas com estampas, frases e *design* inspirados no mundo da prostituição.

- (a) Que não são permitidos os hotéis ou conventilhos, podendo as mulheres públicas viver unicamente em domicílio particular, em número nunca excedente a três;
- b) As janelas de suas casas deverão ser guarnecidas, por dentro, de cortinas e, por fora de persianas;
- c) Não é permitido chamar ou provocar os transeuntes por gestos ou palavras e entabular conversações com os mesmos;
- d) Das 6h da manhã, nos meses de abril e setembro inclusive, e das 7h da tarde às 7h da manhã nos demais, deverão ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes não devassarem o interior das casas, não lhes sendo permitido conservarem-se às portas;
- e) Deverão guardar toda a decência no trajar, uma vez que se apresentem às janelas ou saiam à rua, para o que deverão usar de vestuário que resguarde completamente o corpo e o busto (Apud AFONSO; SCOPINHO, 2013, p. 6).

Na mesma época foi criado também, além do projeto, na Delegacia de Costumes, um livro de registro das mulheres que praticavam a prostituição. Era exigido das mulheres que registrassem nesse livro, o nome, idade, nacionalidade e endereço de residência, entre outras informações.

Na capital de São Paulo a prostituição ainda ocupa seu espaço em diferentes locais. A reportagem do R7 Notícias exibida em 6 de junho de 2012 aponta seis principais pontos de prostituição nas ruas da capital. Afirma:

No mapa da prostituição, há seis pontos principais: a Avenida Afonso de Sampaio e Souza, na zona leste, ao lado do Parque do Carmo; a Avenida Santa Eulália, na zona norte; na zona sul, a Avenida Indianópolis; na zona oeste, a prostituição é encontrada na Avenida Waldemar Ferreira, próxima à USP e na Avenida Lineu de Paula Machado, em frente ao Jóquei. E no centro da cidade, as prostitutas estão principalmente na Praça da Luz, ao lado da estação. (CONHEÇA ..., 2014).

Em cada local citado a prostituição se apresenta com características distintas no que se refere à classe social e econômica das mulheres, como também sua faixa etária. Na Praça da Luz, por exemplo, as mulheres que ali atuam chegam a ter mais de cinquenta anos de idade, enquanto as mulheres que atuam na Avenida Indianópolis são mais jovens.

Além desses pontos citados, uma pesquisa de uso interno, desenvolvida em 2005 pelo Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, detectou outros locais onde há forte concentração da prostituição. A pesquisa detectou pontos de prostituição nos seguintes locais: CEASA, Largo da Batata (Pinheiros), Butantã, Largo Treze de Maio (Santo Amaro), Indianópolis (São Judas) e no bairro do Brás. Esses são locais onde há maior concentração de mulheres praticando a prostituição de rua, ou seja, as mulheres fazem pontos nas ruas. Há lugares com expressiva concentração de casas de prostituição. Entre estes está a região de Santo Amaro, sobre a qual farei mais referências no segundo capítulo dessa pesquisa.

## 1.4 Olhares feministas sobre a prostituição

Segundo Letícia Barreto (2013), os estudos feministas sobre a prostituição têm sido divergentes: há os feminismos radicais, que consideram a mulher como vítima e os liberais, que entendem a prostituição como um ato de autodeterminação sexual da mulher.

A posição denominada feminismo radical, que tem origem no final do século XIX, é marcada por uma visão das mulheres em situação de prostituição como vítimas da opressão masculina. Nela “*a prostituição é a expressão máxima da submissão feminina e, como tal, aumenta as desigualdades já existentes entre homens e mulheres, devendo ser reprimida*”. (BARRETO, 2013, p. 132).

Na abordagem feminista, que considera a prostituição como forma de opressão das mulheres, Claudine Legardinier (2009) afirma que é de praxe tentar explicar a prostituição a partir das pessoas que a praticam, porém essas pessoas são apenas a ponta do *iceberg*, pois existe um contexto sociopolítico que a promove e sustenta.

Longe de se limitar à pessoa que troca serviços sexuais por remuneração, a prostituição é, antes de tudo, uma organização lucrativa, nacional e internacional de exploração sexual do outro. Há muitos agentes envolvidos no sistema da prostituição: clientes, *câftens*, Estados, o conjunto de homens e mulheres, pois essa instituição está fortemente enraizada, tanto nas estruturas econômicas como na mentalidade coletiva. O conjunto de representações e mitos em torno da prostituição, que a encorajam e legitimam, é um fator essencial. (LEGARDINIER, 2009, p. 198)

Nesta análise a prostituição é mais extrema na relação de poder entre as categorias de sexo, pois as mulheres são transformadas em objetos, são coisificadas e estão sujeitas à violência, devido à sexualidade irresponsável dos homens. Diversos fatores levam a uma banalização da prostituição, entre os quais, medidas que tendem ao reconhecimento da prostituição como profissão e o fato de a prostituição, na intimidade, ser um tabu. Dessa forma o mercado liberal absorve e monetariza os prazeres das pessoas:

[...] a lógica consumista invade todos os domínios da vida e a expressão “trabalhadoras do sexo” legitima a ideia de que a mercadoria sexo se tornou um dado indiscutível da economia moderna. Toda noção ética é então varrida, toda relação de dominação é engolfada por uma lógica individualista. A prostituição se encontra assim excluída das formas de violência contra as mulheres. (LEGARDINIER, 2009, p. 200)

Assim, as reivindicações feministas são desvirtuadas pelo *lobby* da indústria do sexo que interpreta que o direito de dispor do próprio corpo inclui o direito de vendê-lo, o “direito de se prostituir”, interpretado como expressão de liberdade. O “mercado do sexo” manipula a sexualidade para incentivar a demanda da pornografia, do turismo, procurando criar uma demanda feminina.

Para Claudine Legardinier (2009), a normalização da prostituição no campo social esconde a violência vivida pelas mulheres que praticam a prostituição, pois existe um silêncio que recobre a degradação da vida sexual dessas mulheres, como outras formas de violência: estupro, incesto, violência conjugal, todas as expressões do – assim percebido socialmente – direito de propriedade dos homens sobre as mulheres. Esse “*silêncio protege os clientes, historicamente legitimados em seu comportamento devido a mitos, dos quais o mais disseminado é o de ‘evitar estupros’.*” (LEGARDINIER, 2009, p. 201).

Segundo Nalu Faria, Sônia Coelho e Tica Moreno (2003), a prostituição é uma construção histórica que vai sendo modificada em cada época, porém desde o início combina aspectos da sexualidade, da família, das relações econômicas e de poder, em cada sociedade. Ainda segundo as autoras, o capitalismo favoreceu a indústria do sexo, com a concentração da propriedade privada, e a acumulação, de um lado, e o aumento da pobreza, de outro, assim como com a introdução da mercantilização e da urbanização. Afirmam:

O capitalismo incorporou o patriarcado como estruturante das relações sociais. Para isso, aprofundou a divisão sexual do trabalho, fortalecendo uma divisão entre uma esfera pública e outra privada. [...] o patriarcado se estrutura a partir do controle dos homens, individual e coletivamente, sobre o trabalho, o corpo e a sexualidade das mulheres. (FARIA; COELHO; MORENO, 2013, p. 4).

O controle do corpo das mulheres pelos homens se deu por meio da sexualidade. Um elemento central no modelo de sexualidade foi sua criação a partir da dupla moral. As mulheres são incentivadas a conter o sexo, enquanto os homens devem ser *viris*, ter diversas experiências. Essa dupla concepção considerou a prostituição como algo necessário para preservar as “moças de família” e garantir a satisfação dos desejos “insaciáveis” dos homens.

Por mais que a prostituição seja uma fonte de sustentação econômica para as mulheres, são seus corpos que estão em venda como mercadorias no mercado capitalista.

[...] há um reconhecimento dos homens como senhores sexuais das mulheres, – todos os homens sobre todas as mulheres – e é isso que está errado com a prostituição. No neoliberalismo, a banalização da prostituição foi ampliada. A lógica consumista invade todas as esferas da nossa vida, e até o sexo mercantilizado

tornou-se um dado indiscutível da economia moderna. Em uma lógica individualista, as relações de dominação são negadas e excluídas das formas de violência contra as mulheres. (FARIA; COELHO; MORENO, 2013, p. 10).

A diversidade de pessoas que praticam a prostituição favorece o ocultamento dessa atividade no sistema patriarcal, que privilegia os homens, os quais continuam sendo os opressores de quem pratica a prostituição, independentemente da orientação sexual: sejam homens, homossexuais, travestis, lésbicas, etc.. A indústria do sexo continua manipulando a sexualidade para incentivar a demanda, seja pela pornografia, seja pelo turismo sexual, seja pela criação de redes de tráfico de pessoas para exploração sexual.

Letícia Barreto (2013), citando Kamala Kempadoo (2005), afirma que as discussões feministas têm focado também a questão do tráfico de pessoas como opressão de mulheres.

[...] percebe o tráfico como algo exclusivo da prostituição e está considerada a pior forma de vitimização e opressão feminina. Por trás dessa visão está a crença de que os homens exercem controle sobre a vida e o corpo das mulheres, de que elas nunca participam voluntariamente de relações sexuais “fora do amor”, e de que não possuem desejo sexual autônomo, sendo que as instituições patriarcais, como a família, o casamento e prostituição, são sempre fruto do poder e privilégios masculinos. (BARRETO, 2013, p134)

O tráfico de seres humanos, e especificamente o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual é uma das mais fortes expressões da transformação de seres humanos em mercadorias. É uma combinação entre a lógica capitalista e a lógica patriarcal, porque o tráfico de pessoas gera lucro, tanto para quem o dirige, como para os receptores dessas pessoas. Segundo Nalu Faria, Sônia Coelho e Tica Moreno (2003),

Os dados da PESTRAF (Pesquisa sobre o tráfico de mulheres, crianças e adolescentes) indicam a existência de 241 rotas de Tráfico Interno e Internacional de crianças e adolescentes e mulheres para fins de exploração sexual, sendo que os principais destinos são Europa (Espanha, Holanda, Itália, e Portugal), passando pela América Latina (Paraguai, Suriname, Venezuela, e República Dominicana). O Brasil também é país de destino para pessoas traficadas da Nigéria, China, Coreia, Bolívia, Peru e Paraguai. (FARIA; COELHO; MORENO, 2013, p. 14).

O tráfico de mulheres, crianças e adolescentes, para a exploração sexual, é um fenômeno que cresce cada vez mais, porque a indústria do sexo impulsiona o turismo, a economia, gerando lucros para indústrias e governos.

A outra posição, reconhecida como feminismo liberal, que tem origem nas décadas de 1980 e 1990 e teve a participação dos movimentos organizados por mulheres que praticam a prostituição, defende “*que a prostituição é um ato de autodeterminação sexual, sendo um*

*trabalho como outro qualquer. A sexualidade da mulher não pertence a nenhum homem e as prostitutas são consideradas livres.*” (BARRETO, 2009, p132) Esta posição não vale para a prostituição forçada e para a exploração sexual infantil, nas quais as vítimas não têm direito de escolha.

Para Gail Pheterson (2009), a troca de serviços sexuais remunerada pode ser caracterizada como prostituição, mas esta pode estar presente em relações como namoros e casamentos e a prostituição é uma instituição que serve à regulação das relações sociais de sexo.

Como a pornografia, a prostituição é um tema de controvérsia e de controle. [...] Há séculos, políticos, reformadores religiosos, autoridades médicas e científicas discutem se o comércio sexual deve ser legalizado, proibido tolerado ou abolido. Nesses debates, a prostituta serve de símbolo da desordem social, da imoralidade e da doença. (Apud PHETERSON, 2009, p. 205)

Letícia Barreto (2013), citando Juliano (2004), afirma que existem pelo menos três razões que indicam a necessidade de uma visão menos vitimista da prostituição por parte das feministas, o que favoreceria um diálogo entre as mulheres que praticam a prostituição e feministas. Essas razões são:

1.Coerência lógica: a atividade sexual não é desvalorizada em si e cobrar por um trabalho é algo legítimo, gerando uma contradição quando é rechaçada a união de ambos. [...] 2. Coerência ideológica: ser feminista implica em uma visão das mulheres como agentes sociais ativas, capazes de agir com um nível de autodeterminação. Negar que as prostitutas possuam tais características é incoerente. 3. Reconhecimento da potencialidade de questionamento da prostituição: a visão de prostitutas como responsáveis por manter o sistema patriarcal deixa de lado que todas as instituições (família, organização laboral, sistema legal) que se inserem nesse sistema também o garantem, não o destruindo. (BARRETO, 2013, p134-134)

Segundo esta interpretação, a prostituição tem duas funções nesse sistema: demarcar os lugares das mulheres monitorando suas condutas; silenciar as mulheres que praticam a prostituição, consideradas como perigosas ao sistema, manipuladas ou incapazes, pelo fato de estarem associadas a um estigma e ao não reconhecimento da sua capacidade de questionamento.

Segundo Gail Pheterson (2009), as posições das feministas são tão divididas quanto as das autoridades e, desde os anos 1980 a tensão ideológica e estratégica entre as feministas que reconhecem a prostituição como trabalho e as que a definem como violência contra as mulheres, tornou-se um ponto de divergência política no âmbito do feminismo internacional.

Enquanto umas lutam pelo direito das mulheres que praticam a prostituição, contra as condições de exploração e de violência na indústria do sexo, outras lutam para que o Estado interfira de forma rigorosa para proibir essa indústria.

## CAPÍTULO II

### A PROSTITUIÇÃO EM SANTO AMARO

#### 2.1 Contexto histórico<sup>10</sup>

##### 2.1.1 A origem do bairro Santo Amaro

Para tratar do tema da concentração da prostituição em Santo Amaro e as mulheres que atuam nessa região, voltar na história pode ajudar a nos situar no contexto atual. Retomar a história do bairro, perceber como se deu seu processo de povoamento e desenvolvimento pode facilitar a compreensão desse lugar na atualidade e nos ajudar a perceber o motivo pelo qual a prostituição se concentra nessa região<sup>11</sup>.

As ruas nas proximidades do Largo Treze de Maio e a Praça Floriano Peixoto são onde está localizada a prostituição que abordo nessa pesquisa.

Santo Amaro é do século XVI, época em que as terras brasileiras foram divididas em capitânicas por D. João III. Essas terras foram doadas a poderosos cavaleiros de sua corte e distribuídas como terras de sesmarias, para plantação e povoamento da região.

A capitania de São Vicente, em São Paulo, era habitada pelos índios Guaianases, liderados por Tibiriçá e Caiubi. Entre estes viviam também alguns portugueses e espanhóis. “*A Companhia de Jesus assumiu, com a Coroa Portuguesa, o compromisso de exercer seu ministério religioso no Brasil, evangelizando e educando o gentio.*” Esses missionários, mais conhecidos como jesuítas, eram sustentados pelo rei de Portugal, ou seja, recebiam proventos do governo português para exercer o ministério religioso no Brasil. (BERARDI, SD. p. 22)<sup>12</sup>

Em 1549 os jesuítas chegaram à Bahia e um ano após fundaram um colégio em São Vicente. Os missionários sentiram necessidade de “*fundar outro colégio serra acima, onde os curumins e os noviços da Ordem ficassem afastados da vida irregular que os povoadores brancos levavam no litoral.*” (BERARDI, SD. p. 22) Dentre as colinas de topo aplainado,

---

<sup>10</sup> Como não se trata de uma pesquisa história, os dados históricos apresentados aqui têm o objetivo de situar a(o) leitora(or) no contexto da região onde foi desenvolvida a pesquisa.

<sup>11</sup> Utilizo o termo região para me referir a Santo Amaro, pois não se trata de um bairro, mas de uma região, devido à sua extensão.

<sup>12</sup> Essa obra é parte da coleção História dos Bairros de São Paulo – Santo Amaro. A obra de Maria Helena Petrilho Berardi, que relata a história do bairro de Santo Amaro, não possui o ano de publicação. Por isso utilizo SD = sem data. Outra obra da coleção, sobre o bairro de Santana, apresenta data de 1970. Provavelmente a obra de Berardi foi publicada na década de 1970 ou um pouco antes.

recobertas de vegetação rasteira e paisagens de amplos horizontes, escolheram uma das mais estreitas e escarpadas elevações, para favorecer a defesa e a segurança, uma vez que não podiam confiar na amizade dos indígenas. Ali, em 25 de janeiro de 1554 fundaram o Colégio de São Paulo do campo de Piratininga. Nas proximidades desse colégio formaram-se vários aldeamentos indígenas.

...Estas aldeias pouco influenciaram na vida econômica da vila, mas muitas delas se transformaram em povoamento fixo como Pinheiros, Ibirapuera (Santo Amaro), Embu, Itapecerica e outros que hoje constituem bairros ou subúrbios de São Paulo. [...] Em 12 de agosto de 1560 os jesuítas tomaram posse oficial de duas léguas de terras na margem esquerda do Rio Jurubatuba, que lhes foram doadas pelo capitão Francisco de Moraes, em nome do Padre Luis de Grã, provincial da Companhia. (BERARDI, SD, p. 24)

Na aldeia Ibirapuera<sup>13</sup> vivia Caiubi, um dos chefes dos índios Guaianases, sogro de Brás Gonçalves, um dos portugueses. Nessa região os missionários jesuítas foram desenvolvendo a catequese e construíram uma capelinha conhecida como capelinha de Nossa Senhora da Assunção de Ibirapuera. Em 1560 o casal João Paes e Suzana Rodrigues doou uma pequena imagem de Santo Amaro<sup>14</sup>, em madeira, para ser venerada nessa capelinha. A partir daí “o nome se estendeu a toda a região, que ficou conhecida como Santo Amaro. Esta imagem está até hoje na igreja matriz do bairro”. (BERARDI, SD, p.27). Assim nasce a vila de Santo Amaro em 12 de agosto de 1560.

### 2.1.2 Largo Treze de Maio

Na região central da Vila, está localizado o Largo Treze de Maio, antes conhecido como Largo do Jogo da Bola. Recebeu esse nome por ser um local onde se jogavam quilhas. Era uma área gramada, situada atrás da igreja onde aconteciam os jogos.

Em 21 de fevereiro de 1885, a câmara da cidade mudou a denominação de Largo da Bola, para Largo Tenente Adolfo, em homenagem a Adolfo

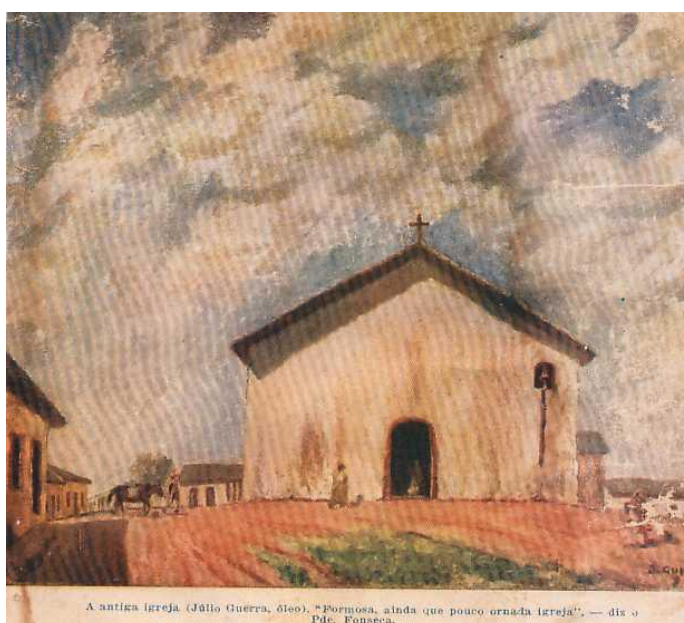
---

<sup>13</sup> Ibirapuera, em tupi-guarani Ypy-ra-ouêra, significa árvore apodrecida. A região recebeu esse nome por ser uma área alagadiça de solo com muitas várzeas. O nome Ibirapuera sofreu diferentes modificações. “Começa com Virapoeira, passa a Burapoeira, a Birapueira, - esta versão deve ser de algum escrivão luso que, trocando o ‘v’ pelo ‘b’, consolida a pronúncia – transforma-se em Birapuera, depois Ebirapuera e vem acabar no nome que hoje mantém”. (Apud Belmont, op. Cit. pagina 24 - BERARDI, SD, p. 31)

<sup>14</sup> Santo Amaro é o nome pelo qual Santo Mauro é conhecido e festejado no Brasil. Mauro nasceu na cidade de Roma, em 513. Filho único do senador Eutíquio e de Júlia, uma rica fidalga, Santo Amaro é considerado o protetor dos carroceiros, carregadores e fabricantes de velas. Sua festa é celebrada em 15 de janeiro.

Pinheiro[...] Com a lei que abolia a escravatura, em 13 de maio de 1888, o nome do largo foi mudado para Largo Treze de Maio. Com o passar dos anos tornou-se um importante entroncamento e parada obrigatória dos que vinham de outras cidades, assim como um centro comercial. (PONCIANO, 2001, p.125)

Nesse Largo encontra-se a primeira igreja da Vila, atualmente conhecida como Igreja Matriz ou Catedral de Santo Amaro. Passou por várias reformas e é patrimônio histórico e cultural de São Paulo. *“Foi tombada pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) em 2002.”*



Antiga Igreja de Santo Amaro – Fonte: INTERNET.



Atual Igreja Matriz de Santo Amaro – Fonte: INTERNET

Em 14 de janeiro de 1686, a igreja de Santo Amaro tornou-se paróquia, tendo como primeiro pároco o padre João de Pontes e como bispo D. José de Barros Alarcão, do Rio de Janeiro. Nesse período São Paulo era sede da Capitania de São Vicente. (BERARDI, SD, 36)

Relatos históricos afirmam que nas freguesias, nos arredores de São Paulo, a situação da população era de pobreza. Nas proximidades das toscas igrejas havia casas de pau a pique cobertas de palhas, anti-higiênicas e desconfortáveis. A iluminação se dava através de lampiões nas varandas das casas e as ruas eram iluminadas somente em ocasiões de festas. Assim BERARDI descreve a freguesia de Santo Amaro da época.

Hê (*Sic*) junto à cidade de São Paulo, pouco mais de duas léguas de distância, um bairro, a que deram o título de Santo Amaro, porque em uma formosa, ainda pouco ornada igreja, veneram seus moradores como patrono, a esse Santo Amaro. (BERARDI, SD, p. 41)

No início do século XIX São Paulo seguia sendo um arraial perdido no meio do sertão. A população possuía poucos recursos, havia poucos elementos que impulsionassem a economia brasileira na época. A lavoura ainda era restrita, sendo mais focada no cultivo de mandioca e de alguns cereais. O povoado era conhecido como cidade dos mortos porque ali não se realizavam bailes, não se faziam passeios e nem havia outros meios de socialização e lazer. *“As famílias eram confinadas, cada uma em sua chácara ou sobrado”*. A partir da Proclamação da Independência começaram a preocupar-se com o povoamento da região. *“Em 1826 o Imperador D. Pedro I, incumbindo o astuto e inescrupuloso Von Schaeffer de obter na Europa soldados que pudessem lutar nas guerras do sul, deu-lhe ordem também para trazer colonos.”* (BERARDI, SD, p. 53) Com a promessa de riquezas, honrarias, altos cargos e terras próprias, Von Schaeffer aliciava pessoas de todo tipo nos estados meridionais da Alemanha, sobretudo na Baviera. O Governo Imperial pediu ao governo de São Paulo que recebesse os colonos e providenciasse alojamento para eles.

Em 13 de dezembro de 1827 chegaram a Santos 227 alemães que se hospedaram em São Paulo, no “Hospital Militar”. Dr. Justiniano de Melo Franco, por falar alemão, foi nomeado diretor da colônia, para representar os imigrantes.

A intenção era de que a colônia se instalasse e se constituísse num centro de aproximação entre as diversas localidades como: Jequiá, São Vicente, Itanhaem, Itapecerica, mas os alemães não se sentiam satisfeitos. Mais colonos continuavam chegando da Europa. Dr. Justiniano de Melo Franco averiguou as terras devolutas em Santo Amaro e para lá enviou 129 colonos. *“Em 29 de junho de 1829 realizou-se a cerimônia do sorteio de terras entre 94*

*famílias que desejavam se estabelecer no lugar destinado à colônia, em Santo Amaro.”* (BERARDI, SD, p. 55) Os alemães que receberam terras mais próximas do centro conseguiram educar as(os) filhas(os), mas os que ficaram distantes não tinham acesso à educação para as crianças e isso favoreceu a deturpação e a desconfiguração dos nomes alemães. Assim: os Gottfried passaram a ser os Gitsfritz e algumas famílias passaram a ser conhecidas pelos apelidos como, família do Pedro Sapateiro (Helpfstein), ou seja, houve um acaboclamento dos alemães.

Com a presença das colônias alemãs, Santo Amaro começou a crescer a ponto de se transformar em um dos bairros mais populosos de São Paulo devido à variedade de atividades, principalmente agrícolas. Surgiram, entre os alemães, alguns oficiais como alfaiates, sapateiros, serralheiros entre outros. Qualquer habilidade mecânica na época, por ser rara no Brasil, era bem remunerada.

### **2.1.3 De freguesia a vila**

Com o crescimento da população, a freguesia de Santo Amaro foi elevada a vila. “Em 10 de julho de 1832 um decreto da Regência transformava em vilas várias freguesias da Província de São Paulo e entre estas figurava Santo Amaro.” (BERARDI, SD, p. 57) Segundo Renato Roschel “*Na segunda metade do século 19 (Sic) a vila de Santo Amaro tornou-se o celeiro de São Paulo, já que todos os gêneros de primeira necessidade, como mandioca, milho, feijão e arroz, eram produzidos e comercializados na região.*” (ROSCHEL, S/D)

Maria Helena Berardi afirma que em 1869 havia aproximadamente dez ruas em Santo Amaro. A Rua Direita iniciava junto à igreja, indo até o Largo do Rosário, onde na época funcionava a prefeitura e a cadeia, e é atualmente a Praça Floriano Peixoto, endereço da subprefeitura de Santo Amaro. A atual Rua Paulo Eiró era a Rua da Boa Vista, que depois foi chamada Rua do Meio e por último, Rua da Palha. Entre outras ruas existentes na época está a Rua Barão do Rio Branco, que ainda conserva o mesmo nome. Na época eram ruas largas e de terra batida. As casas eram baixas, quase todas da mesma altura, pintadas em cores vivas.

A Rua do Iguatinga, uma das primeiras da vila e que permanece com o mesmo nome, dava acesso ao ribeiro, que pode ter sido a primeira fonte de água da qual se serviu a população. “*O Iguatinga foi famoso: aguarda pública, lavadouro concorrido, aí se reunia a nata do mexerico, a fina flor da vagabundagem masculina que ia assediar as pretas e mulatas de conquista fácil*” (BERARDI, SD, p. 72)

Apesar de o lugar ser humilde e ainda pequeno, a Vila de Santo Amaro, na segunda metade do século XIX, tornou-se um grande celeiro de São Paulo. Ali se compravam todos os gêneros alimentícios de primeiras necessidades como: mandioca, milho, feijão, arroz e batatas inglesas. Também havia criadores de gado e de aves domésticas.

Com o crescimento da agricultura e da pecuária logo se percebeu a necessidade de expansão do transporte, que fizesse ligação da vila a outros bairros da Província de São Paulo. Em 1886 foi criada a primeira linha de trem que percorria as ruas: São Joaquim, Vergueiro, Domingos de Morais e Avenida Jabaquara. Esse percurso se estendia pelos campos, onde atualmente são os bairros: Aeroporto, Campo Belo e Brooklin Paulista. A linha do trenzinho, via Chácara Flora, com destino à Vila de Santo Amaro, encerrava-se na praça Santa Cruz, onde atualmente é a escola Lineu Prestes.

#### **2.1.4 As festas religiosas na vila**

Desde a colonização, a religião cristã, sobretudo a Igreja Católica, se fez presente no Brasil através dos missionários jesuítas e dos colonos europeus e se misturou com as crenças dos indígenas ganhando assim uma forma própria de expressão da religiosidade. As festas do Divino são uma dessas manifestações da fé cristã que movimentavam a população da região na época. Ia gente de longe para participar das novenas, procissões e demais celebrações em honra ao Espírito Santo. Com o passar do tempo, essas festas foram modificadas, mas ainda permanecem na tradição em Santo Amaro.

Era preparada durante todo o ano: aos domingos, os homens da Irmandade do Santíssimo percorriam todas as ruas de casa em casa, angariando donativos para a festa do mês de junho. Levavam uma bandeira vermelha, onde estava pintada uma pombinha prateada, que representava o Espírito Santo. (BERARDI, SD, p. 86)

Em 1813 o sueco Gustavo Beyer, que visitou o Brasil em missão diplomática e comercial, constatou as transformações nas festas religiosas de origem europeia e fez os primeiros registros de sua realização no Brasil. Observou que a festa de Corpus Christi estava sendo celebrada em cada cidade e nas grandes aldeias do país de formas diferentes.

### 2.1.5 A vila de Santo Amaro no século XX

A vila de Santo Amaro continuou desenvolvendo-se e tornando-se cada vez mais populosa. No século XX, duas grandes obras, as construções das represas de Guarapiranga e Billings podem ter influenciado a expansão e a independência da região.

Em 1907, a São Paulo Light and Power inicia a construção da represa de Guarapiranga. Com o represamento das águas do Rio Guarapiranga, os antigos vales deste rio e os pequenos ribeirões como, M'Boi Guassu, Santa Rita e Lavras foram inundados, formando um grande lago de 34 quilômetros cúbicos de água. O objetivo dessa represa era regularizar a vazão do Rio Tietê, onde a Light instalara uma usina em Santana de Parnaíba. *“A barragem no Rio Guarapiranga garantia que a usina funcionasse mesmo nas estiagens.”* (BERARDI, SD, p. 98) Ao redor da represa foram instaladas residências de lazer, atrativos para descanso em clubes e barcos. A represa passou a ser um ponto turístico da cidade, sendo inclusive o local onde os primeiros aviadores da cidade faziam suas demonstrações.

Um acontecimento histórico que se refletiu na Vila de Santo Amaro, foi Revolução de São Paulo, em 1924, pois as pessoas refugiadas superlotaram a vila a ponto de as casas serem insuficientes para abrigar tanta gente. As pessoas se abrigavam na escola, na igreja e em casas abandonadas. Os gêneros alimentícios passaram a ser racionados e a cidade ficou no escuro. A situação ainda se agravou com a seca que houve na região. As águas do Rio Tietê baixaram para 30% do volume normal, trazendo como consequência um corte de 70% da energia elétrica de São Paulo. A partir desses acontecimentos percebeu-se a necessidade de construir uma nova represa em outros rios.

Asa White Kenney Billings, engenheiro da Light, teve a ideia de represar os rios Jurubatuba e Bororé, afluentes do Rio Pinheiros. Seria um lago que faria girar as turbinas da Usina de Cubatão, garantindo o abastecimento de energia em São Paulo. Estas águas também se somariam às do reservatório do Guarapiranga, e às do próprio Rio Pinheiros.

O progresso estava chegando a Santo Amaro, embora a vila, nessa época, ainda fosse pequena e com zona rural extensa. No período de 1917 a 1928, o prefeito, o Coronel Isaías Branco de Araújo, construiu o novo prédio da prefeitura municipal, o jardim público o matadouro e a capela do cemitério.

Em 10 de julho de 1932 comemorou-se o primeiro centenário do município. Após as comemorações organizou-se a Companhia Isolada de Santo Amaro, sob o comando dos tenentes Luis Martins de Araújo e Moupir Monteiro, e trezentos santamarenses ocuparam o

litoral, na fronteira do Paraná. A cidade cresceu e adquiriu cada vez mais independência e autonomia, mas o decreto nº 6.983 trouxe uma novidade:

Em 1935, três anos após as comemorações do primeiro centenário do município de Santo Amaro, o interventor federal, Armando Sales Oliveira, expediu um decreto que anexou a cidade de Santo Amaro à capital. Foi assim que Santo Amaro, município vastíssimo que então fazia divisas com São Vicente e Itanhaem, tornou-se um bairro da cidade de São Paulo. Muitos moradores de Santo Amaro foram contra a anexação e no mesmo ano em que esta ocorreu, foi fundado o Centro Autonomista de Santo Amaro. (ROSCHEL, S/D)

Descontentes com o decreto fundaram, no mesmo ano, o Centro Autonomista de Santo Amaro e organizaram diversas campanhas com o objetivo de recuperar a autonomia do município.

Alegavam que a extinção de um município é sempre motivada pela sua decadência, o que não se justificava no caso de Santo Amaro, em franco progresso: tinha a preferência do Comércio e da Indústria, sua zona residencial se alargava cada vez mais. (BERARDI,SD, p. 107)

Desde essa época houve várias campanhas para recuperar a autonomia de Santo Amaro: apresentaram-se projetos à Assembleia Legislativa, realizou-se um plebiscito, mas sem sucesso. Atualmente não há nenhum movimento em prol da emancipação municipal de Santo Amaro.

### **2.1.6 A presença de diferentes grupos étnicos e a expansão de Santo Amaro**

Além dos alemães, Santo Amaro reúne uma população heterogênea (italianos, russos, húngaros, ingleses, americanos e outros), “distribuída em diversas categorias: operários, comerciários, bancários, ao lado de outros estrangeiros de nível mais alto, que trabalham em empresas particulares ou exercem cargos de chefia nas indústrias locais”. (BERARDI, SD, p. 111) Também marcam presença na composição étnica de Santo Amaro, pessoas de origem síria, turca, espanhola e japonesa. Nesse período a população cresceu constantemente, tanto pelas imigrações estrangeiras como pelas migrações internas. Em busca de moradia mais barata, numerosa população oriunda de Minas Gerais e do Nordeste, escolheu Santo Amaro para residir. Encontravam alugueis de casas para residir com preços acessíveis e loteamentos de baixo custo, facilitando a aquisição da casa própria.

Santo Amaro apresenta um alto índice de crescimento: de 10 a 12%, perdendo apenas pra o Ibirapuera e Capela do Socorro (14 a 16%), que são áreas vizinhas e

antes integravam o antigo município. O aumento da população provocará, segundo Wilhein, além da expansão e conurbação, isto é, o encontro com as áreas construídas de outros núcleos urbanos, um adensamento dessa região, pelo preenchimento de vazios ainda existentes. (BERARDI,SD. p. 115)

A indústria impulsionou a expansão de Santo Amaro. A facilidade de transporte, a abundância de água e a facilidade do escoamento de detritos, atraíram diversas indústrias de minerais, metalúrgicas, de materiais elétricos, entre outras. Somava, na época, um total de 496 indústrias na segunda metade do século XX, na região.

Santo Amaro já representou 90% da indústria farmacêutica da América Latina, no século XX, e foi um dos maiores colégios eleitorais de São Paulo, a segunda maior arrecadação de ICMS da capital, e importante polo industrial nas décadas de 50 e 60 – quando a região se tornou uma das quatro primeiras arrecadadoras de impostos federal, estadual e municipal do país. [...] foi uma das maiores exportadoras de produtos e peças manufaturadas. Abrigou importantes empresas e indústrias farmacêuticas [...] (ACSA, 2001, p. 30 e 31)

Essa industrialização suscitou ocupação desordenada do espaço desde a década de 1940, configurando Santo Amaro como uma região de contrastes socioeconômicos e problemas de infraestrutura. A região retrata bem a sociedade brasileira, o contraste entre os condomínios e casas de luxo, e as grandes favelas na periferia.

É um bairro fraturado socialmente. Onde os ricos se divertem no Credicard Hall, no Teatro Alfa Real, no Clube Hípico de Santo Amaro, etc., enquanto os pobres se amontoam nas favelas sem saneamento básico. É um exemplo clássico, triste e terrível da realidade brasileira. (ROSCHEL, S/D)

Santo Amaro é uma região que abriga um grande número de nordestinas(os). O comércio de alimentos típicos, as “casas do norte”, como são conhecidas, o sotaque dominante das pessoas, a música nordestina, lembram as cidades do Nordeste do Brasil. O Largo Treze de Maio é um dos principais pontos de encontro da população nordestina, pois é de onde muitos tiram o sustento de suas famílias, trabalhando no comércio, como vendedores ambulantes e em outros serviços. Ponciano descreve o movimento de pessoas nas proximidades do Largo Treze de Maio:

Nesses primeiros passos do século 21, mais de 5 mil pedestres passam por hora nas ruas sujas e esburacadas do entorno do largo. O comércio é um deus-nos-acuda. Ali convivem pacificamente lojas de grandes cadeias internacionais de *fast food* e banquinhas que vendem cachorro-quente. Supermercados de Primeiro Mundo ao lado de vendedores de quinquilharias. (PONCIANO, 2001, p.124)

O crescimento e o desenvolvimento da região são determinantes de um intenso sentido de comunidade e fazem surgir várias associações de bairros, que realizam reivindicações de senso comunitário. Entre elas estão as associações religiosas, como a dos Romeiros do Bom Jesus de Pirapora, uma tradição santamarense.

A expansão e o desenvolvimento da região de Santo Amaro encontram-se registrados em livros, artigos de jornais e revistas. Essa história gera orgulho para as(os) cidadãs(aos), mas onde há grande concentração da população há também diferentes categorias de pessoas, de distintas classes sociais, que nem sempre aparecem na história, embora façam parte do contexto. Neste estudo tenho a intenção de falar desse lugar, dar visibilidade à parte do contexto que está escondida nessa história: a prostituição.

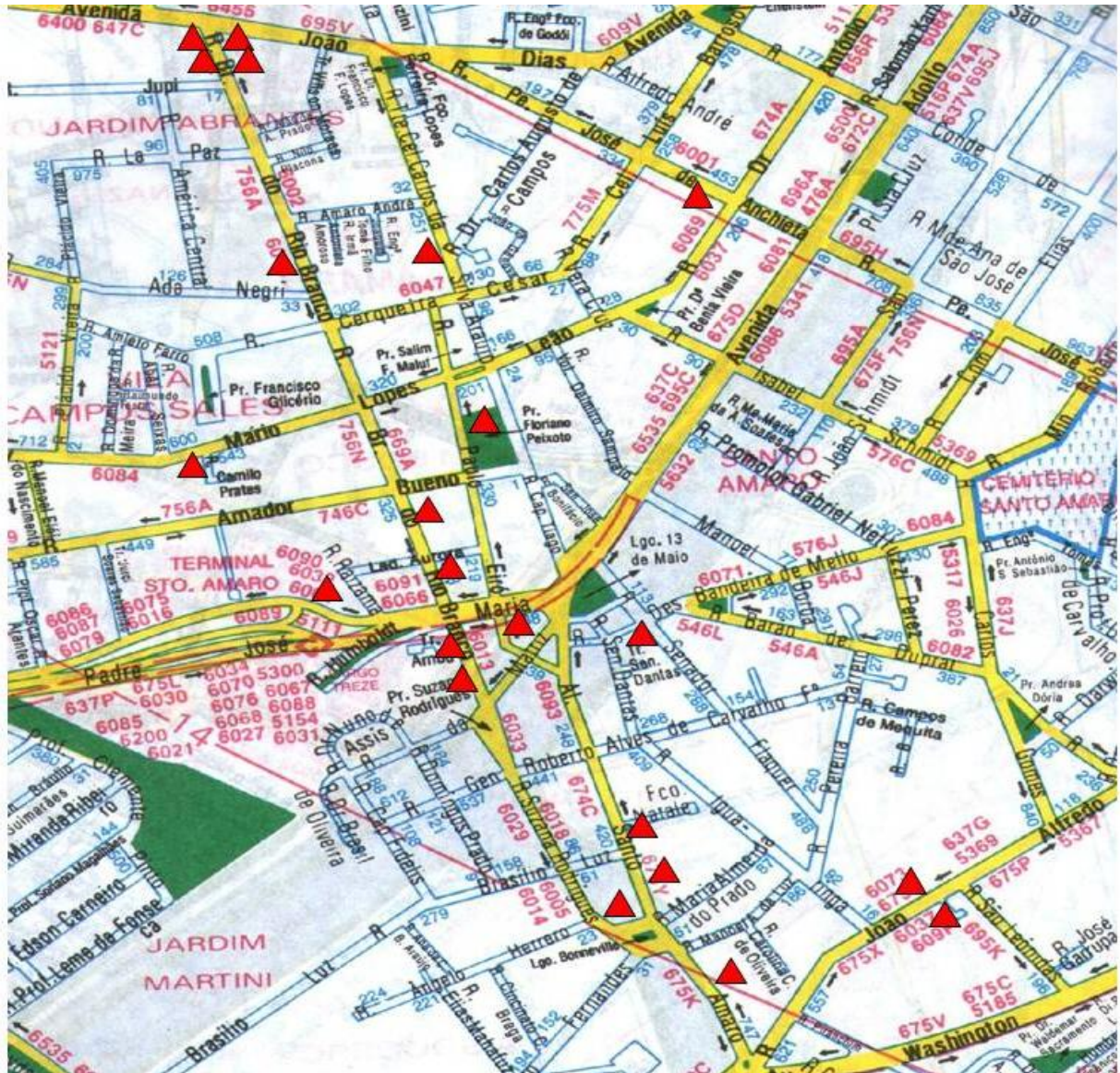
## **2.2 Prostituição, o outro lado de Santo Amaro**

A prostituição em Santo Amaro está concentrada nas proximidades do Largo Treze de Maio, nas ruas já mencionadas anteriormente, as primeiras que deram origem à Vila de Santo Amaro e atualmente é uma região pertencente à capital de São Paulo. É desse lugar que, de agora em diante, focalizo meu olhar, pois pretendo desvelar a prostituição que até o momento não aparece na história.

Os dados aqui apresentados são resultado do contato direto com as mulheres nas visitas a campo, assim como resultam das observações atentas à dinâmica da prostituição na região como: a apresentação externa dos estabelecimentos do ramo, a forma como são divulgados esses estabelecimentos, o modo como às mulheres que praticam a prostituição circulam pelas ruas, dentre outras constatações,

Nesta região circulam milhares de pessoas durante o dia. É um lugar de passagem, onde grande parte da população que vive na zona sul da metrópole faz conexão nos transportes urbanos como ônibus, metrô e trem para chegar aos seus locais de trabalho em outras regiões da cidade. Por disponibilizar variado comércio, bancos, hospitais, faculdades, igrejas e outros serviços, é também ponto de referência da população das proximidades. Durante todo o dia exhibe forte movimento de vai e vem de pessoas nas ruas anunciando produtos, serviços, exibindo suas produções artísticas como música e mágica, dentre outros, gerando assim intenso ruído e aglomeração. Em meio a tudo isso a prostituição pode passar despercebida aos olhos de quem não conhece a região.

A prostituição nessa região acontece em diferentes modalidades e ambientes, como em boates<sup>15</sup>, privês<sup>16</sup> ou boates-privês<sup>17</sup>, e pela exposição discreta ou ostensiva das mulheres em ruas e na praça, à espera de clientes. Neste estudo apresento um mapeamento das proximidades do Largo Treze de Maio onde foram encontrados: seis privês, onze boates, uma boate-privê, duas ruas e uma praça com pontos de encontros entre mulheres e clientes. Abaixo, o mapa da prostituição nessa região.<sup>18</sup>



<sup>15</sup> As boates às quais me refiro nessa pesquisa são estabelecimentos de prostituição de funcionamento noturno, a partir das 18h.

<sup>16</sup> Privês são estabelecimentos que funcionam somente durante o dia, geralmente das 8h às 22h.

<sup>17</sup> Boates-privês são estabelecimentos que funcionam como privê durante o dia e como boate à noite.

<sup>18</sup> O mapa foi retirado do guia de ruas: o **Mapograf Sinal Verde**, São Paulo, MAPOGRAF, 2001. Sinalizei, através de pequenos triângulos, a localização aproximada dos estabelecimentos de prostituição.

## 2.2.1 Características da prostituição em Santo Amaro.

### 2.2.2 A realidade dos estabelecimentos<sup>19</sup>

As boates geralmente são visíveis a quem passa nas ruas, pois têm nomes, geralmente em inglês, e as fachadas são decoradas com luzes coloridas. O expediente começa por volta das 19h e dura praticamente toda a noite, com músicas e filmes eróticos em alto volume e danças sensuais. Marlene de Fáveri (2010), ao se referir às práticas de propaganda de sexo em Florianópolis – Santa Catarina resalta que o comércio de sexo é um dos poucos que mantém expediente 24 horas. Afirma: “[...] *quando termina a noite dos bares e das uisquerias, já estão disponíveis outras mulheres que atendem em apartamentos que se anunciam como casas de massagens e nos hotéis do centro*” (FÁVERI, 2010, p. 23). Na realidade de Santo Amaro, há mulheres que vivem nas boates por temporadas de meses ou semanas. Atuam à noite e dormem entre as 5h e 14h da tarde, aproximadamente. Se a boate é também privê, após as 14h voltam ao salão para atendimentos diurnos. Outras mulheres vão para suas casas após o encerramento de cada expediente noturno.

Nas boates as mulheres devem induzir os clientes a consumir bebidas, pois elas também geram lucro para a casa e as mulheres têm comissão pelo consumo. Conforme me informaram, as mulheres que atuam nas boates recebem 75% do preço do programa.

As condições das boates são distintas. Em umas percebe-se que o imóvel está em bom estado de conservação, há higiene no ambiente, há refeições para as mulheres, enquanto outras apresentam condições muito precárias: estabelecimentos em mau estado de conservação, com pouca ventilação e luminosidade e insuficientes condições de higiene. São características das boates a música alta, as bebidas, as danças sensuais e vídeos eróticos. Segundo as mulheres, faz parte de sua atividade a conversa com os clientes, pois há homens que vão ao estabelecimento para conversar, falar de seus problemas, aliviar sua solidão e não tanto para a prática do ato sexual.

Dependendo do perfil da boate, assim é o perfil das mulheres e dos clientes. Em duas das boates, dentre as que apresentam condições precárias, além das luzes coloridas, músicas e filmes há, na entrada do estabelecimento, flores, velas, recipiente com água, imagens de entidades cultuadas na umbanda: espaços místicos de proteção daquele lugar.

---

<sup>19</sup> Esses estabelecimentos são as casas de prostituição e têm diferentes modalidades: boates, privês e boates-privês.

Os privês são estabelecimentos de fachadas discretas. Nem todos têm nomes. Segundo relatos das mulheres que atuam no ramo, o número da casa escrito em tamanho grande é um dos sinais para identificar um privê. Com essa dica, pude observar e confirmar. Os privês nessa região apresentam o número da casa em evidência. Outra característica que chama a atenção é as cores das fachadas de alguns desses estabelecimentos. São pintadas em cores fortes, como rosa *pink*, amarelo forte, entre outras cores. Estes estabelecimentos funcionam somente durante o dia, aproximadamente das 8h às 21h. Há privês com dez, quinze e até mais de trinta mulheres por turnos. Os turnos são de 9h às 14h e de 14h às 23h. O espaço é dividido em recepção, quartos, banheiros e sala onde as mulheres esperam pelos clientes e se apresentam a eles. O movimento de homens é intenso, chegando a formarem fila à espera por programas. Segundo informação das mulheres, o programa no privê custa R\$20,00, divididos em partes iguais para a mulher e para a casa. O primeiro programa do dia é totalmente para a manutenção da casa, ou seja, a mulher não recebe a metade que lhe caberia. O pagamento dos programas é feito à(ao) gerente<sup>20</sup> do estabelecimento e no final do dia faz-se o acerto com as mulheres.

Nem todos os privês disponibilizam bebidas, mesmo que haja bares em seus interiores; também nem todos disponibilizam músicas, filmes e apresentações de danças. Os homens procuram esses privês somente para realizar o programa, ou seja, não é ambiente para beber e conversar, mas lugar que os clientes buscam para realizar o ato sexual por preço baixo, embora seja por pouco tempo.

As mulheres que atuam nos privês têm entre 18 e 35 anos aproximadamente. Em grande parte, são provedoras de suas famílias, sustentam filhas(os), colaboram com familiares que estão em outras cidades. Dizem optar pela modalidade privê por não haver necessidade de consumir bebidas, por ser um espaço fechado, favorecendo assim o seu anonimato na prostituição, considerando que geralmente não revelam às suas famílias, amigas(os) vizinhas(os) que praticam a prostituição.

Os homens que procuram os privês são homens de baixa renda, normalmente trabalham na redondeza ou estão de passagem por algum motivo. Procuram as mulheres para fazerem programas de baixo custo e rápidos, diferentemente das boates, que os homens procuram por motivos variados, não somente e nem sempre pelo sexo.

---

<sup>20</sup> As(os) gerentes dos estabelecimentos de prostituição em Santo Amaro não são proprietárias(os) do “negócio”. São pessoas remuneradas, que têm como função administrar a casa: cuidam do caixa, controlam a frequência das mulheres, penalizam, com multas, as mulheres, por faltas não acordadas, cuidam do espaço místico, entre outros serviços.

As boates-privês são estabelecimentos que funcionam como boates no período noturno e durante o dia como privês. Há mulheres que atuam nas duas modalidades da casa: atuam à noite na boate, descansam no período da manhã e à tarde no privê. Outras só atuam à noite e outras ainda, somente no prive, durante o dia.

Nas ruas e na praça o funcionamento é distinto. As mulheres se colocam nas ruas em frente a bares, hotéis, praça à espera de clientes. Ali combinam o programa e utilizam hotéis para realizá-lo. O cliente paga o hotel e o valor combinado do programa é da mulher. Segundo as mulheres, os valores dos programas variam entre R\$30,00 e R\$50,00.

Na praça há um número significativo de mulheres que esperam para encontrar clientes. Nesse ambiente há disputas entre elas por clientes e até mesmo violência. O roubo e o uso de drogas também fazem parte dessa realidade. Relatam que há mulheres que roubam clientes, furtam dinheiro e objetos entre elas. Outra característica da praça é a cobrança de “pedágio” de umas mulheres às outras. Houve um período em que uma mulher exigia que as outras que utilizassem a praça, pagassem a ela R\$20,00 ao dia para estarem no local. As que resistiam a efetuar o pagamento eram ameaçadas e muitas vezes agredidas. Essa mulher ia ao local uma vez por semana, mas deixava outra responsável para fazer as cobranças diárias das mulheres. Segundo informações das mulheres, esse esquema não está funcionando no momento, devido à intervenção de outros grupos do entorno, que também interferem no funcionamento da praça.

#### **2.2.4 A publicidade da prostituição na região**

Além da visibilidade externa dos estabelecimentos de prostituição na região, há também serviços de publicidade na divulgação desses locais. São distribuídos panfletos aos homens nas ruas, sobretudo nos locais de mais circulação de pessoas. São colocados anúncios em telefones públicos nas ruas da região anunciando os serviços das mulheres. Há até um *site* no qual homens frequentadores de um dos privês descrevem características das mulheres e experiências nos programas, o que representa, de alguma forma, propaganda dos “serviços” da casa.

Marlene Fáveri (2010), ao descrever a dinâmica da divulgação da prostituição em Florianópolis, relata que os entregadores desses panfletos nas ruas são pessoas do sexo masculino, jovens que prestam serviços para esses estabelecimentos e essa prática é uma novidade do século XXI. Afirma:

Propaganda de sexo pago através de panfletos distribuídos livremente nas ruas é uma novidade deste século, que está relacionada com a liberação sexual (movimento que vem com o advento da pílula anticoncepcional, na década de 1960, e com a liberalização dos costumes); essas propagandas advêm de um mercado que se aprimora na oferta de produtos de fácil acesso e menor custo, ou uma espécie de *taylorismo sexual* dentro da lógica econômica do tempo presente. (FÁVERI, 2010, p. 24)

Segundo Marlene de Fáveri (2010), essa forma de propaganda de serviços sexuais não é exclusiva de Florianópolis. Em outras cidades do Brasil e em outros países também existem propagandas explícitas de serviços sexuais nas ruas. Aponta:

Em Curitiba, os telefones públicos da rua XV de Novembro e da Boca Maldita, no centro da cidade, transformaram-se em balcão de anúncios de prostituição; ali, os panfletos (com fotos eróticas, números de telefones e o nome de guerra das prostitutas) são deixados em orelhões, o que já provocou polêmicas e reações de moradores. Em Buenos Aires, os orelhões de algumas ruas do centro amanhecem atulhados de cartões de propagandas de sexo; no centro de Londres, muitas cabines telefônicas funcionam como vitrines repletas de cartões com imagens de mulheres em trajes sumários oferecendo seus serviços sexuais, e ofertas para todo gosto e fetiche (hermafroditas, gays, swing, lésbicas, etc.). (FÁVERI, 2010, p. 25)

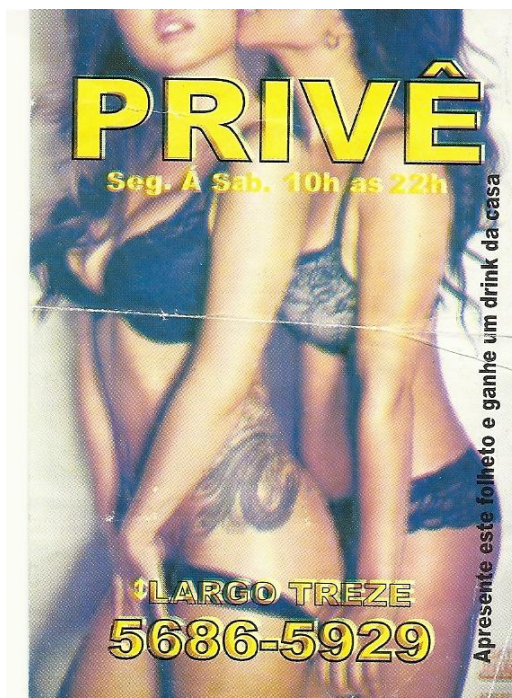
Nota-se que propaganda de sexo é uma prática em diversos países. Em Amsterdã, na Holanda, mulheres seminuas são exibidas em vitrines para quem passa nas ruas, à espera de serem escolhidas por clientes. Essa é uma das formas de propaganda turística local.

Em Santo Amaro a publicidade mais utilizada é a da distribuição de panfletos e pequenos adesivos nos orelhões. São utilizados nomes fictícios para as mulheres. Alguns apresentam a programação da semana, endereço e os cartões de créditos que podem ser utilizados no pagamento dos programas.



Panfleto tamanho cartão postal encontrado no chão, a três quadras da boate, em Santo Amaro – em 27 de abril de 2014.

Chamam a atenção, nessa propaganda, a bandeira do Brasil como fundo, e o mascote da Copa do Mundo de futebol, ambos compondo o folheto da programação semanal da boate. No verso desse panfleto está o endereço da boate. Percebe-se como a prostituição está também relacionada com os grandes eventos mundiais.



Panfleto com informações somente de um lado, encontrado no chão, na Praça Floriano Peixoto, em Santo Amaro, no dia 29 de abril.

Como foram encontrados no chão, os panfletos estão com sinais de dobraduras. Ao recolher esses panfletos do chão, percebi que quem os recebeu não se interessou por eles. Foram amassados e jogados no chão, sendo assim ainda mais danificados por pisadas de pedestres e rodas de carros.



Frente de panfleto encontrado no chão, na Praça Salim Farah Maluf, em Santo Amaro, no dia 29 de abril de 2014.



Verso de panfleto encontrado no chão, na Praça Salim Farah Maluf, em Santo Amaro, no dia 29 de abril de 2014.

A figura acima é o verso do panfleto anterior. Nota-se que o verso – a figura da cédula de cinquenta reais – faz alusão ao valor do programa na casa.

Além dos panfletos distribuídos, a grande maioria dos orelhões, nas proximidades dos estabelecimentos de prostituição, é utilizada para anunciar serviços de prostituição:



Orelhão situado em uma praça da região.

Fonte: Lúcia Alves da Cunha

As frases dos adesivos no orelhão chamam a atenção para os seios e as nádegas, e especificam o serviço que disponibiliza, como: “*Bumbum grande, seios fartos, vaginal, oral, anal sem frescura*”; “*Venha fazer o que meu marido não faz*”; “*Morena da cor do pecado, seios médios, todas as posições*”. Há também um anúncio convidando mulheres para o privê: “*Precisa-se de garotas maiores para privê à noite, com moradia e comissão em bebidas 24h*”.

Marlene de Fáveri (2010) relata que, se fossem anotar todas as frases chamativas e sedutoras que aparecem nas propagandas de sexo, resultariam numa lista muito extensa. Acrescento que, analisar essas frases daria outra pesquisa. Podem ser analisadas de diversos ângulos, incluindo o das relações de gênero, segundo o qual à mulher foi determinado um lugar na sociedade machista, lugar esse que, em muitas situações, é de exploração e discriminação, por ser ela considerada objeto.

Ao realizar essa pesquisa fiquei mais atenta à dinâmica da prostituição presente na região central de Santo Amaro. No meio da forte concentração de pessoas, por ser o local considerado o segundo ponto mais comercial da cidade de São Paulo, existe, abertamente, o comércio do sexo, que é mais facilmente percebido pelos homens consumidores, pelas mulheres que praticam a prostituição e pelos investidores em “negócio de sexo”. As pessoas que frequentam ou moram na região têm poucos conhecimentos sobre essa dinâmica. As mulheres que praticam a prostituição na região são muito discretas ao andar pelas ruas, sobretudo no vestuário. Vestem-se de forma que não se distinguem das outras mulheres.

#### **2.2.4 O perfil das mulheres que praticam a prostituição**

Para abordar a trajetória religiosa das mulheres, considero importante destacar que essa pesquisa trata de mulheres em situação de prostituição com baixa renda, que possuem histórico de pobreza desde a infância. O recorte de classe se faz necessário porque as condições financeiras podem influenciar a vivência religiosa das pessoas. A busca pela religião pode estar relacionada à situação econômica em que vivem, ainda que não exclusivamente.

Gustavo Brívio e Cecília Sardenberg (2011), ao pesquisar as representações da prostituição feminina na obra de Jorge Amado, constatam que estudos sobre o “mundo da prostituição” nas sociedades contemporâneas têm demonstrado que aí também se recortam hierarquias e desigualdades que poderiam ser chamadas de classe, indo do ‘baixo meretrício’ às ‘garotas de programa’ de luxo, e de bordéis dos mais precários aos mais luxuosos.

Apontam: “*As criaturas de Jorge Amado envolvidas com o ‘mundo da prostituição’, também vivenciam situações de classe distintas, que podem ser alocadas em três classes sociais: classe trabalhadora, classe média, e classe alta.*” (BRIVIO; SANDENBERG, 2011, p. 47).

A leitura dos registros internos no Projeto Antônia, a escuta às mulheres nas rodas de conversa na sede da unidade e o contato com as mulheres nas visitas a campo fazem-me suspeitar da existência de relação significativa entre a prostituição e classe social, o que confirmam Gustavo Brivio e Cecília Sardenberg (2011) afirmando que “*Com efeito, a prostituição feminina encontra-se estreitamente vinculada a uma condição social marcada por dificuldades econômicas.*” (Apud, BRIVIO; SANDENBERG, 2011, p. 47). São mulheres que vivenciaram a pobreza na infância, e grande parte delas, no decorrer da própria história de vida, romperam vínculos com suas famílias, por diferentes motivos.

A partir da minha atuação no Projeto Antônia, acompanhando breves estudos sobre a realidade das mulheres acompanhadas pela equipe da unidade, tenho constatado que grande parte das mulheres vem de famílias pobres e de regiões empobrecidas do país, como das pequenas cidades do Nordeste. Margarida, uma das entrevistadas para esta pesquisa afirma: “*A infância foi só miséria, meus irmãos morreram todos de fome, lá na Paraíba. Morreram oito irmãos. Éramos onze e ficamos três [...] eu e minhas irmãs, eu sou a mais nova[...] não tínhamos condições de nada, não tinha nada. Era deserto.*”<sup>21</sup> Relatos semelhantes a este são comuns quando se ouvem as histórias de vida das mulheres. A mudança para São Paulo, para a família de Margarida, possibilitou o acesso ao trabalho e ao alimento. Assim relata:

Quando chegamos aqui tinha um tio meu que morava na Vila Olímpia, num barraco lá. Aí a gente ficou lá na casa dele. Era chão de terra. Forrávamos o chão e dormíamos todos. Então teve essa estrutura aí para não ficarmos no meio da rua, totalmente. Aí começaram a trabalhar. Minha mãe era diarista, naquela época tinha bastante emprego para doméstica. E naquele tempo que a gente morou aqui em São Paulo, tinha bastante feira, e dia de feira íamos todo mundo, a criançada toda, com os carrinhos de feira, catar na feira. Pelo menos era bom, vínhamos com os carrinhos lotados de frutas e verduras.

A migração, no caso das mulheres, seja com as famílias ou sós, está vinculada a dois principais fatores. O primeiro está relacionado à situação financeira: elas saem das suas cidades de origem, sozinhas ou com familiares, em busca de trabalho para seu autossustento e para ajudar às suas famílias. O segundo fator, quando já estão na prostituição, é motivado pela necessidade de saírem de suas cidades natais, ou até mesmo de seus estados, para garantir o

---

<sup>21</sup> Margarida, nome fictício, 53 anos, nasceu na Paraíba. Aos cinco anos de idade a família mudou-se para São Paulo. Está na prostituição desde os 17 anos. Já esteve em privê e boates e atualmente tem como ponto de encontro, um bar.

anonimato, para não serem reconhecidas como prostitutas por pessoas próximas. Ivanete Dal Farra, ao pesquisar a prostituição no centro de São Paulo, afirma:

Sabemos que o fluxo migratório no país é intenso. Mas em se tratando de prostitutas, a mobilidade é ainda devido a muitos fatores. Um deles é a preservação da identidade escondendo-se no anonimato da grande cidade. (DAL FARRA, 2002, p.22).

Com a migração, nem todas mantêm vínculos com a família. As três mulheres, entrevistadas até o momento não mantêm contato com parentes próximos além das(os) filhas(os).

Há mulheres que mantêm contato com as famílias, cultivam o vínculo familiar, enquanto outras se distanciam, rompem o relacionamento por motivos variados, como experiência de violência com parentes próximos e outros não revelados. *“Minha mãe continua morando lá, [em Alagoas] só que faz 16 anos que eu não tenho contato com eles... Não sou família.”*<sup>22</sup> Samira não relata o motivo de não ter contato com a família. Diz que não considera importante a relação familiar.

O distanciamento dos familiares está relacionado também ao anonimato na prostituição, como já foi citado acima. Nem todas dão a conhecer às famílias a atividade em que atuam. Costumam dizer que trabalham em serviços domésticos, em restaurantes ou lanchonetes. Percebe-se que elas não revelam o que fazem por receio de sofrer preconceitos. Utilizam ‘nomes de guerra’ como: Carol, Dani, Kátia, Joana e outros para preservar a identidade. Para garantir o anonimato procuram os lugares de prostituição em grandes centros urbanos e distantes de suas residências. A grande maioria das mulheres que praticam a prostituição na região é de outros estados ou do interior de São Paulo e residem distante de Santo Amaro, nas diferentes regiões da capital, ou em cidades da grande metrópole. Outras não mantêm relação com a família devido às experiências de exploração sexual na infância, por parentes próximos, como pai, irmãos, padrastos entre outros. Para distanciar-se dos exploradores, migram para outras cidades e rompem os vínculos com os familiares. *“Os vínculos familiares, em função da migração ou do preconceito, são rompidos, perdendo a pessoa outras referências, senão aquelas do próprio meio”*. (SANTIAGO; SANTOS, 1999, p.17).

As relações familiares das mulheres que estão em situação de prostituição são marcadas, de um lado, por amor, atenção, cuidado com a família e de outro, por revoltas,

---

<sup>22</sup> Suelen, nome fictício, 34 anos, nasceu em Alagoas. Veio para São Paulo aos 18 anos.

raiva, conflitos, distanciamento e ressentimentos devido aos abusos sexuais sofridos na infância, por parentes próximos. Rita<sup>23</sup> afirma, com certa emoção: *“Há sete anos não vejo minha mãe. Não vou visitá-la porque meu padrasto abusou de mim quando eu tinha 13 anos. Não vou à casa de minha mãe, para não encontrar com ele”*. Outras mulheres têm contatos com a família, mas são distantes da vida familiar. As experiências de violência intrafamiliar interferem nesse relacionamento, dificultam a criação de vínculos da mulher com suas(seus) filhas(os) e companheiros e bloqueiam, em muitos casos, o relacionamento familiar por toda a vida.

No que diz respeito à cor e etnia constato, por observação própria, que a grande maioria das mulheres que praticam a prostituição em Santo Amaro possui características físicas da mistura entre etnia branca, negra e indígena, sobressaindo-se a negra.

Sua faixa etária é entre 18 e sessenta anos, podendo sofrer alteração de acordo com o local onde a mulher atua. As que atuam em boates aparentam ter entre 18 a 35 anos de idade; as dos privês aparentam ter entre 18 a 45 anos e a maioria das que estão nas ruas e praças aparentam ter acima 35 anos.

O uso de bebidas alcoólicas e de drogas faz parte da realidade destas mulheres, sobretudo das que atuam nas boates e das que fazem pontos nas ruas. É comum irem para os bares da região com os clientes e costumam beber até mesmo entre elas.

### **2.2.5 Contexto religioso das mulheres**

A religião e a prostituição parecem ser temas muito distantes, pois no imaginário das pessoas as religiões não aceitam a prostituição. É frequente pensar que quem se prostitui não tem religião e fé. Mas o contato com as mulheres que exercem a prostituição me leva a questionar essa suposição e a averiguar quais são as crenças e religiões que fazem parte de suas vidas. A impressão que tenho, a partir de observação e acompanhamento, é que a fé é mais presente em suas vidas que as religiões.

Embora esse tema seja explorado no terceiro capítulo dessa pesquisa, a intenção, nesse momento, é apenas mencionar que o tema religião faz parte do perfil das mulheres. Elas demonstram que tiveram as primeiras experiências de vivência da fé na Igreja Católica, umas mais e outras menos. Percebe-se que conhecem as orações básicas da Igreja, as devoções aos santos e a devoção a Maria. Há mulheres que foram batizadas e batizam também seus filhos,

---

<sup>23</sup> Rita, nome fictício, é nordestina, atualmente trabalha em casas de famílias na região sul de São Paulo. Fez esse relato quando lhe foi perguntado se iria viajar no final do ano.

participam da missa esporadicamente, enquanto outras nasceram em famílias de tradição católica, mas não dão continuidade à tradição familiar no que se refere à religião. Percebo que buscam as igrejas neopentecostais para receber bênçãos ou em busca de ajuda quando estão com alguma necessidade emergente.

Independentemente da participação ou não em igrejas ou de afirmarem ter ou não ter religião, os valores da fé cristã são vivenciados no cotidiano pelas mulheres em situação de prostituição. Elas vivenciam entre si a solidariedade, a acolhida, a partilha. Evidenciam atitudes de solidariedade e atenção às colegas que necessitam de ajuda. Se uma fica doente e necessita ajuda financeira, elas se organizam entre si e apoiam a colega. Partilham roupas, comida e objetos pessoais. Há mulheres que são capazes de retirar do corpo o próprio agasalho e doá-lo àquela que não tem. Esses são gestos comuns entre elas. Os gestos de solidariedade são vivenciados no cotidiano e estão relacionados à experiência de fé, independentemente de pertencerem a uma religião específica.

De outro lado percebe-se certo receio das mulheres quando se trata da relação entre religião e prostituição. Há um desconforto e os relatos são variados. Trabalhando com elas verifico que o tema religião parece-lhes confuso, por sentirem ambiguidade entre religião e prostituição.

## CAPÍTULO III

### A TRAJETÓRIA RELIGIOSA DAS MULHERES

#### 3.1 Por que utilizar o método da pesquisa qualitativa?

O interesse principal, neste capítulo, é analisar, a partir da pesquisa empírica, a trajetória religiosa das mulheres entrevistadas, buscar compreender o lugar que a religião ocupa em suas vidas. Devido à complexidade da questão priorizo a pesquisa qualitativa, por ser um método que permite um contato mais próximo com as mulheres, procurando recolher, além do expressado em palavras, os silêncios, os gestos, entre outros. A experiência em desenvolver uma pesquisa anteriormente com essa temática me leva a continuar com a mesma metodologia:

O método da pesquisa empírica qualitativa, usado pelas ciências sociais, que responde a questões muito particulares da realidade, “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes.” (DESLANDES; GOMES, 1993, p.21). Este método compreende o conjunto de fenômenos humanos como parte da realidade social, pois o ser humano se diferencia pelo pensar sobre o que faz, por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes, além das diferenças no agir de cada um e cada uma. “Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]”. (DIEHT; TATIM, 2006, p.52)

A pesquisa qualitativa, segundo Deslandes e Gomes (1993), é um trabalho artesanal e é um ciclo, ou seja, um processo de trabalho em espiral que se inicia com uma pergunta e finaliza com respostas. Esse ciclo é dividido em: fase exploratória, trabalho de campo e análise e tratamento do material.

Neste sentido, a primeira fase desta pesquisa, chamada exploratória, se deu a partir do trabalho social que realizo, há três anos, com as mulheres em situação de prostituição, em Santo Amaro, São Paulo. A aproximação da realidade dessas mulheres me faz perguntar: qual é o lugar da religião nas vidas das mulheres em situação de prostituição? Qual é a sua trajetória religiosa?

Na segunda fase, conhecida como trabalho de campo, foram realizadas seis entrevistas<sup>24</sup> semidirigidas, individualmente, com as mulheres, considerando que o objetivo maior não é o alto número de entrevistas, mas a sua qualidade e a profundidade na análise dos dados.

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória. (GOLDENBERG, 2001,14)

O critério de escolha dessas mulheres para serem entrevistadas foi mesclar aquelas que são atendidas há menos de um ano pelo projeto, com aquelas que já participam do projeto há mais tempo. Este critério foi escolhido e adotado porque, de certa forma, supõe-se que já se têm algumas informações sobre a relação dessas últimas com a religião, enquanto que das mulheres menos conhecidas sabe-se pouco sobre sua trajetória religiosa. Outro critério foi entrevistar mulheres que atuam na prostituição em diferentes espaços, como nas ruas, praças, privês e boates, para investigar se o local físico e o meio de convivência influenciam ou não na sua vivência religiosa. Quanto ao fator idade, não se estabeleceu critério, porém as mulheres entrevistadas estão na faixa etária entre 34 e 53 anos.

As entrevistas aconteceram sem agendamento. Eu estava sempre com o roteiro e gravador à disposição; assim que surgia oportunidade, realizava as entrevistas. O roteiro não foi seguido com rigor. Foi utilizado apenas como um instrumento de apoio. O objetivo foi dar à mulher liberdade para expressar sua experiência, sem se prender a perguntas. A esse modelo de entrevista Maria Cecília de Souza Minayo (2008) chama de semi-estruturada. Ele pode combinar perguntas fechadas com abertas, em que a(o) entrevistada(o) tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada. Esse modelo de roteiro escolhido possibilitou mais leveza às entrevistas e favoreceu a captação de dados que poderiam passar despercebidos se as questões fossem fechadas.

Além do material levantado nas entrevistas, utilizei registros internos da Unidade Antônia e dados da minha experiência com as mulheres acompanhadas nessa unidade. Utilizei instrumentos de observação a partir de escutas, conversas informais, e documentos internos como: relatórios de visitas/pesquisas de campo, de oficinas, rodas de conversas com as mulheres, nas quais são desenvolvidos temas relacionados à prostituição.

---

<sup>24</sup> Todas as mulheres entrevistadas assinaram o Termo Livre de Consentimento e as entrevistas foram gravadas e transcritas. As entrevistas foram realizadas na sede do Projeto Antônia, onde as mulheres entrevistadas participam de atividades esporadicamente.

Na terceira fase deram-se, a análise e o tratamento do material. Busquei compreender e interpretar os dados empíricos recolhidos das mulheres e articulá-los com o referencial teórico. Dentre os procedimentos metodológicos trabalhados, da análise de conteúdo na perspectiva qualitativa, as entrevistas foram analisadas a partir de categorias. “*As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem grupos de elementos (unidades de registro) sob um título genérico*” (Apud. DESLANDES; GOMES, 1993, p.88). O critério foi focar na trajetória religiosa das mulheres, por isso são elencadas as seguintes categorias de análise: religião/crenças vivenciadas na família, religiões/crenças na vida adulta, o lugar da religião/crenças hoje e crenças das mulheres em situação de prostituição.

Um fator que merece ser ressaltado nessa pesquisa é a dificuldade de realizar entrevistas com mulheres em situação de prostituição. Elas têm receio de se exporem, por isso resistem a conceder entrevistas. Querem saber quem terá acesso aos dados e deixam claro que necessitam de anonimato. Outras pesquisas apontam também a questão do anonimato na realidade da prostituição. Para Ana Luiza Fanganiello (2008), a mulher em situação de prostituição, de um lado se vê como pecaminosa e de outro como uma “mulher de família”, que se dedica a seus familiares e não é reconhecida. Nota-se preconceito delas mesmas com a categoria, e também da sociedade com relação à prostituição.

Ana Luiza Fanganiello (2008) destaca, em sua análise, além das dificuldades em realizar entrevistas, o anonimato entre as mulheres em situação de prostituição:

Um fator que merece destaque nesta análise é a dificuldade encontrada para fazer entrevistas com profissionais do sexo, mulheres. Vemos este fato como a necessidade do anonimato da profissão e a falta de identidade grupal dessas profissionais, na cidade de São Paulo. Essa discussão foi feita a partir de conversas com representantes do movimento de profissionais do sexo de Rio de Janeiro e com outros profissionais que trabalham na área em São Paulo. (FANGANIELLO, 2008)

Essa mesma realidade aparece entre mulheres abordadas na região de Santo Amaro. Durante visita a uma boate, em conversa com Keila<sup>25</sup>, ela disse que sua família não sabe que pratica prostituição. Diz, em sua casa, que trabalha em uma clínica, mas como não tem registro na carteira de trabalho, sua mãe sempre reclama desse emprego e a orienta a buscar outro que registre em carteira para que tenha os direitos trabalhistas garantidos. Keila teme que a família descubra que atividade ela exerce, devido ao preconceito que ela mesma tem da prostituição. Relatou que fala para os seus clientes que, se fosse homem, não iria a uma casa

---

<sup>25</sup> Keila, nome fictício, tem aproximadamente 25 anos, atua na prostituição em uma boate em Santo Amaro.

de prostituição, pois teria nojo. Afirma: *“Antes eu tinha muito preconceito com mulheres que faz programa. Se eu fosse homem eu não iria nesses lugares.”*<sup>26</sup> Keila expressa que só mudou a forma de ver a mulher que pratica a prostituição depois que começou a atuar nas casas de massagem e nas boates.

A resistência das mulheres a contar suas trajetórias de vida está ligada à autoimagem negativa, devido ao preconceito por praticar a prostituição, somado à discriminação da sociedade com essa população. Argumentam que seus familiares não têm conhecimento da sua atuação na prostituição e temem serem descobertas no que fazem. Alana<sup>27</sup>, diz à sua família que trabalha cuidando de uma senhora idosa em São Paulo, fala para a família alguma coisa sobre trabalho com pessoas idosas sem dar muitos detalhes, para não deixar transparecer que pratica prostituição. Tem receio de que sua filha e seu filho saibam que exerce essa atividade.

Percebo que esse temor de serem reconhecidas fez com que algumas entrevistas ficassem “amarradas”, ou seja, as mulheres tiveram dificuldade de discorrer sobre o assunto. Por isso, em uma das entrevistas, utilizei como incentivo<sup>28</sup> conversas informais sobre a Igreja Messiânica, da qual a entrevistada participa. Durante essas conversas expressou com muita naturalidade a sua atuação na igreja, sua história, símbolos e princípios. Interessada em conhecer mais sobre sua experiência religiosa, pedi que trouxesse uma revista da igreja. Em um encontro posterior ela trouxe a revista e outros objetos utilizados no culto. A partir desse material foi realizada a entrevista, que fluiu com muita naturalidade.

Algumas mulheres não quiseram conceder entrevistas, alegando diferentes motivos, entre eles não querer relembrar sua história de vida, ou não gostar de dar entrevistas. É compreensível essa resistência às entrevistas, porque recordar é reviver a história que está registrada na memória, e essa visita ao passado pode fazer emergir sentimentos que elas não querem vivenciar novamente.

### **3.2.O trânsito religioso: do catolicismo à umbanda**

### **3.3 A religião de origem**

---

<sup>26</sup> Todas as citações das entrevistas com as mulheres estão transcritas como elas falaram.

<sup>27</sup> Alana, nome fictício, tem 43 anos, é paulista, pratica a prostituição há dois anos em boates e privês, na capital de São Paulo.

<sup>28</sup> O uso de incentivo para ajudar a fluir as entrevistas com as mulheres foi sugestão da professora Dra. Eliane Hojaij Gouveia, da minha banca qualificação dessa dissertação, a quem agradeço a colaboração nessa pesquisa.

Após a leitura atenta e transcrição das entrevistas, percebi que todas as mulheres entrevistadas são de famílias de tradição católica, relataram vivências e costumes muito específicos da religião, como as orações e as devoções, entre outras. Ao falarem sobre religião e fé na infância, percebe-se mais evidente a religiosidade católica. Nas demais fases da vida aparecem diferentes experiências religiosas. Essa realidade não é específica das mulheres que praticam a prostituição, mas é característica de grande parte do povo brasileiro no contexto religioso atual.

Maria Lúcia Montes (2012), ao falar sobre a constituição da religiosidade brasileira ressalta que o país é marcado pela influência da religião católica desde a colonização, religiosidade que sofreu várias transformações em sua expressão, durante a história. Afirma:

O panorama atual do campo religioso no Brasil, sem dúvida guarda as marcas da profunda transformação por que passou em pouco mais de meio século, e a lógica do mercado certamente impulsiona a diversificação da oferta dos bens de salvação a que têm acesso, de modo cada vez mais privatizado, indivíduos que hoje vivem mais de perto a crise das instituições e os dramas da fragmentação da experiência do mundo, característicos das sociedades contemporâneas que já vêm sendo chamadas de pós-modernas. (MONTES, 2012, p.47)

As mulheres em situação de prostituição estão inseridas nesse cenário em que a religião é parte do universo e da cultura. Religião que favorece a criação de símbolos, práticas, ritos, valores, crenças e regras de condutas que dão sentido ao sofrimento, à morte e à existência. Desde os primeiros anos de vida, a religião e as crenças ocupam espaços em suas vidas, predominando o catolicismo.

Margarida<sup>29</sup> relata, na entrevista: “*Minhas tias eram assim, tipo católicas, [...] de vez em quando vão à igreja [...] até hoje elas seguem. Na Páscoa não varrem a casa, tem isso tem aquilo, todo domingo vão à missa, elas seguem.*” Suelem<sup>30</sup> expressa, com semblante de alegria, a experiência vivenciada junto à família no período da Semana Santa, na cidade onde nasceu e viveu os seus primeiros anos:

Na igreja do padre eu ia à Semana Santa, eu gostava. [...] Era uma época muito divertida, melhor do que aqui. O pessoal lá acredita muito. Minha avó mesmo, ela achava que na Semana Santa a gente não podia lavar roupa, não podia tomar banho, não podia lavar louça, era muito rígido isso. E a comida tinha que ser daquela época, daquele dia, a gente não podia comer outro tipo de comida. [Comia] peixe ou camarão, qualquer coisa que fosse da água.

---

<sup>29</sup> Margarida, nome fictício, 53 anos, nasceu na Paraíba. Sua família mudou-se para São Paulo quando ela tinha cinco anos de idade. Vieram para São Paulo em busca de melhor qualidade de vida. Na Paraíba, oito de seus irmãos morreram de fome.

<sup>30</sup> Suelem, nome fictício, 34 anos, nasceu em Penedo – Alagoas. Há dezesseis anos vive em São Paulo.

Além da Semana Santa aparecem, nas entrevistas, a participação na celebração do Natal, as orações católicas rezadas em família no momento da refeição, e duas das mulheres afirmam que são batizadas na Igreja Católica. Dirce<sup>31</sup> relata vivência na Igreja Católica na infância: “[...] na igreja eu participava de tudo. [...] das missas, das festas. [...] eu estava no catecismo, [...] A gente sempre tinha aquela educação católica”. Dirce foi criada com a avó, que participava da comunidade da Igreja Católica, por isso foi inserida desde criança nas atividades da igreja. Recorda as festas de Nossa Senhora da Conceição, que aconteciam na comunidade.

Percebe-se que o catolicismo marcou os primeiros anos de vida das mulheres. Ao recordarem a participação nas festas da Igreja Católica, recordam a tradição religiosa do lugar de origem. Experiência que, além de religiosa, também é humana e afetiva. Quando relatam que foram batizadas, crismadas, ou que participavam de festas nas comunidades religiosas de origem, demonstram entrar em contato com um período agradável de suas trajetórias de vida, demonstram alegria e prazer em contar como tudo foi vivenciado. Falar dessa experiência é recordar, reviver a infância e a convivência familiar que causa satisfação relembrar, e às vezes as leva a se perguntarem por que não deram continuidade à participação na Igreja Católica, uma vez que viveram experiências marcantes. Cecília<sup>32</sup> relata que conviveu com a avó e o avô em sua infância, enquanto sua mãe vivia em São Paulo. Na infância e juventude frequentava a Igreja Católica e às vezes a Igreja Evangélica. Afirma: “[...] também tem a igreja de crente, mas era difícil irmos, íamos mais na católica. Às terças-feiras, tinha as novenas, tem novena lá no Norte, tem essas coisas [...] Eu era direto, todo domingo, não sei como eu mudei assim!” Cecília se pergunta por que mudou assim, referindo-se à sua participação hoje na Igreja Messiânica. Foi batizada na Igreja Católica, passou por diferentes igrejas e se encontrou na Messiânica. Citou devoção a uma santa na cidade de Freixeira – Pernambuco, cuja festa é celebrada no mês de setembro, mas não recordava o nome da santa. Busquei informações e descobri que há uma forte devoção a Santa Quitéria nessa cidade. Cecília relata:

[...] dia sete de setembro foi [festa] em Freixeira, onde tem uma santa. [...] aquela imagem dela é a coisa mais linda do mundo. O povo vai fazer promessa [...] você pega com ela, recebe milagre e vai lá pagar. [...] Ela é uma imagem, uma santa [...] É a coisa mais linda do mundo! [...] sei que ela faz milagres, as pessoas alcançam. É gente que tem problema no pé, no braço, cabeça, você vê de tudo. [...] Tem igreja tem tudo [...] é a coisa mais linda do mundo. [...] Não voltei, mas tenho vontade de voltar lá, quem sabe Deus me ajuda e eu volto.

---

<sup>31</sup> Dirce, nome fictício, 38 anos, nasceu em Jacarau – Paraíba.

<sup>32</sup> Cecília, nome fictício, quarenta anos, é de Garanhuns – Pernambuco. Há cinco anos vive em São Paulo.

O relato de Cecília demonstra uma experiência de fé em Santa Quitéria, vivenciada junto de sua família. Ao mudar-se para São Paulo não deu continuidade à devoção. Rompeu com a tradição e buscou outras igrejas para vivenciar a fé.

A história de Alana é semelhante, no que se refere à trajetória religiosa na infância. Ela relata, na entrevista, que frequentou a Igreja Católica e posteriormente sua mãe passou a outra igreja. Afirma: “*Eu ia à missa com meus irmãos. Eles todos são católicos. Minha mãe depois foi pra a igreja de crente*”. Afirma que todas(os) foram batizadas(os) e crismadas(os) na Igreja Católica.

Percebe-se, nos relatos, que ao deixarem a família e a cidade de origem, interrompem as práticas religiosas católicas, provocando assim descontinuidade na tradição religiosa da família. Não transmitem a religiosidade da família às(aos) filhas(os). Danièle Hervieu-Léger (2008), ao definir convertido e peregrino a partir da sociologia da religião, ressalta que a sociedade moderna vivencia a religião de forma muito mais individualizada que anteriormente, resistindo aos modelos estabelecidos e pondo fim às identidades herdadas. Para a autora, há crise de transmissão da tradição. Sendo assim, essa “quebra” na transmissão da tradição é parte da cultura da sociedade atual. Uma das justificativas para não se transmitir a fé às(aos) filhas(os) é deixá-las(os) escolher o que irão seguir:

A crença pessoal, vivida como afazer de cada um, não é necessariamente associada à fervorosa obrigação de transmitir. O tema da “escolha deixada aos filhos” permite, em certo número de casos, justificar a rejeição, explícita ou implícita, dos pais, em transmitir, eles mesmos, uma fé religiosa. (LÉGER, 2008, p.60)

Nota-se que as mulheres não incentivam suas(eus) filhas(os) a aderir à mesma crença que possuem. A religião é considerada, na sociedade atual, elemento de cunho pessoal e de livre escolha. É comum, numa mesma família, cada membro ter religião ou crenças diferentes. Dessa forma não há a “obrigação” com a transmissão de religião de uma geração a outra. “*Os indivíduos constroem sua própria identidade sociorreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados.*” (LÉGER, 2008, p.64)

Emerson Costa (2012), ao pesquisar *O trânsito religioso* atual, analisou-o no contexto da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em São Bernardo do Campo, procurando identificar a recomposição das formas religiosas e as novas identidades desenvolvidas pelos sujeitos a partir dessa mobilidade. O autor procura compreender o trânsito religioso a partir da relação entre religião e modernidade, as implicações da secularização nesse processo,

destacando “a pluralidade religiosa, a destraditionalização religiosa, a periferização da religião e a relativização institucional.” (COSTA, 2012, p.19) Para Costa,

O problema da transmissão, tanto em matéria cultural como religiosa, não é, em princípio, um problema de inadequação das técnicas pedagógicas. O problema está vinculado ao desmoronamento dos marcos da memória coletiva que asseguravam, a cada indivíduo, a possibilidade de estabelecer um vínculo entre o que vem antes dele e sua própria experiência presente. (COSTA, 2012, p.33)

As práticas religiosas que as mulheres expressaram nas entrevistas podem ser também analisadas, segundo Danièle Hervieu-Léger, conforme a distinção que ela faz entre a(o) fiel praticante e a pessoa religiosa em movimento, e a(o) peregrina(o). Para Lèger a(o) fiel praticante é aquela(e) “que manifesta no dia a dia o vínculo existente entre a crença e pertença. Está associada à estabilidade das identidades religiosas e à permanência das comunidades...” (LÉGER, 2008, p.85). Dessa forma, esse ideal de participação religiosa se confronta, atualmente, com a mobilidade das pertenças, com a desterritorialização das comunidades, com a desregulação dos processos da transmissão religiosa e com a individuação das formas de identificação. As pessoas religiosas, desde as “suas próprias demandas e combinações simbólicas, transitam nas mais diversas expressões religiosas apropriando-se de elementos que atendam a suas necessidades, provocando uma mobilidade religiosa incessante.” (Apud. COSTA, 2012, p.37)

Segundo Danièle Hervieu-Léger (2008), a(o) peregrina(o) é a figura da pessoa religiosa em movimento que

[...] nem sempre, implica adesão completa a uma doutrina religiosa, tampouco a incorporação definitiva em uma comunidade, sob o controle de uma instituição que fixa as condições de pertença. Muito mais frequentemente, ela se insere nas operações de bricolagem que permitem ao indivíduo ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência. (LÉGER, 2008, p.89)

Nesse modelo de fiel, a pessoa pratica a religião em momentos esporádicos, ocasionais, como por exemplo, nas festas de Natal, nas Semanas Santas. Essas pessoas não são praticantes “regulares”, como concebem as religiões, mas são religiosas em movimento.

A trajetória religiosa de Dirce mostra esse movimento. Na infância, enquanto vivia com sua avó, participou da Igreja Católica, depois passou por igrejas evangélicas e atualmente afirma estar participando da Igreja Católica:

Eu sempre ia à Igreja Evangélica, mas deixei de ir. Agora estou indo na católica. Estou começando a aprofundar mais com Deus. Peço a Deus que me perdoe [...] mas eu estou começando ir na Igreja Católica. Chego lá rezo... eu sei que religião não importa, importa é estar ligada com Deus. Não me importo com religião e nome de igreja também não vai me salvar. Só Deus mesmo. Eu me sinto melhor quando converso com Deus [...] Deus abre os caminhos e as coisas vão melhorando. Estou indo à missa todos os domingos de novo, para fazer as mesmas coisas de quando era criança e estou me sentindo melhor.

Dirce deixa transparecer certo desconforto em transitar por diferentes igrejas. Chega a utilizar a expressão “peço a Deus que me perdoe”. Embora esteja inserida nessa sociedade marcada pelo pluralismo religioso, na qual há forte mobilidade religiosa e o trânsito religioso é “livre” pelas igrejas e religiões, a experiência na Igreja Católica foi marcante, na infância, de maneira que sente desejo de revivê-la e demonstra certa culpa por ter transitado por diferentes igrejas e não ter participado sempre da religião católica. A trajetória de Dirce é uma amostra do campo religioso brasileiro marcado pelo pluralismo, pela mobilidade e pelo trânsito religioso. Embora a Igreja Católica venha perdendo seu espaço predominante nessa sociedade plural, ela continua presente com uma parte significativa da identidade religiosa das pessoas e, de modo geral, na cultura do povo brasileiro.

Lísias Negrão (2008), ao falar sobre o *“Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo”*, apresenta uma visão da formação do campo religioso brasileiro desde os tempos coloniais até a atualidade. Afirma:

[...] o estabelecimento de um campo religioso pluralista em que o catolicismo vai, gradualmente, perdendo adeptos para outros grupos religiosos, especialmente, os protestantes pentecostais, sem, contudo, perder a hegemonia chega à atualidade, em que essas tendências persistem, mas, além disso, altera-se substancialmente a dinâmica do campo religioso, com a perda de influência das instituições religiosas em consequência da subjetivação das crenças e práticas. (NEGRÃO, 2008)

Segundo Lísias Negrão (2008), o catolicismo ainda continua sendo a grande referência religiosa na sociedade, apesar do evidente declínio na identificação religiosa dos fiéis católicos, ao mesmo tempo em que ocorre uma expansão do pluralismo religioso. Para Lísias, essas são pessoas católicas

de formação, que, mesmo após o trânsito pelo campo religioso, resistem em abdicar de suas crenças e práticas vividas na infância, adolescência ou mesmo juventude, por apego à tradição familiar, mas que não mais frequentam missas, nem se submetem aos sacramentos, a não ser, eventualmente, o batismo dos filhos, através do qual pretendem dar continuidade à tradição religiosa familiar. (NEGRÃO, 2008)

Os resultados do censo de 2010 sobre religião confirmam o predomínio da religião católica no Brasil; 123.280.172 pessoas se declararam católicas, embora haja um crescimento da religião evangélica desde o início do século XX.

Os dados da minha pesquisa mostram que todas as mulheres entrevistadas são de famílias católicas, porém transitam por outras crenças. Os princípios das primeiras experiências religiosas ainda persistem em suas vidas. Recordam que as mães levavam as(os) filhas(os) às(aos) benzedeadas(os) para serem curadas(os) de mau-olhado, quebranto, ventre-virado, entre outros males. Suelem expressa sua experiência:

Quando ficava doente, minha mãe sempre levava. [à benzedead] Como ela era índia, ela sempre curava com ervas, mas quando não dava jeito, levava ao hospital. Ela fazia um monte de treco para a gente beber, até urina de vaca ela dava para a gente beber. Ninguém queira experimentar! [A urina de vaca é utilizada] para a gripe. Diz ela que é para fazer soltar o catarro da garganta. Os meninos tomavam e não ficavam doentes. Como eu não tomava, botava para fora, eu era sempre a mais doente da casa. [...] e quando começava a fazer caca verde, abrir a boca demais, minha mãe dizia que estava com mau-olhado, ventre-caído e levava para benzer. Geralmente era minha avó que mexia com isso ou era a curandead que tinha lá perto mesmo, na outra fazenda do lado. Geralmente quando ela [a mãe] levava para benzer, levava a criança que estava com mau-olhado, olho-gordo, sei lá o que for [...] como eu era a mais velha, tinha que acompanhar ela quase sempre.

Nota-se que os primeiros recursos acessados, ao se apresentarem as doenças, eram as ervas e as benzedeadas, e somente se esses recursos não resolvessem o problema, é que se procurava o hospital.

Elen Moura (2009), ao estudar a prática da benção na cidade de São Luiz do Paraitinga, interior de São Paulo, verifica a forma popular de cura e os recursos da transmissão do dom, as rupturas e a continuidade no ritual e percebe que a crença inclui o poder mágico da palavra, uma vez que a(o) benzedead(o) é capaz de alterar a realidade utilizando orações recitadas. Essa crença no poder curativo da palavra tem origem nas tradições indígenas e africanas.

É longa a lista de males que podem ser curados ou tratados pela benção. Mesmo dividindo-se em males espirituais e materiais, entendemos que por detrás de cada um, sempre há uma causa oculta de influências espirituais. Como, por exemplo, dos males, citando: dor de cabeça, quebranto, mau-olhado, erisipelas, [...] (Apud. MOURA, 2009, p. 42)

Essas crenças fazem parte do catolicismo popular que, para MOURA (2009), é uma das mais importantes manifestações religiosas no país e se encontra difundido por todo o

território nacional, adaptando-se a profundas mudanças socioeconômicas, características do mundo contemporâneo.

Além das bênçãos, aparecem também, nas entrevistas, outras crenças como: banhos em sal grosso<sup>33</sup> para descarregar o corpo, e uso de ervas, que se acredita afastar os males, como a guiné<sup>34</sup> e a arruda<sup>35</sup>. Hortência conta que sua mãe tinha essa prática.

Eu lembro que lá na roça, quando ficava doente, minha mãe sempre ia à cidade e comprava remédio. Sempre tinha alguém, o fazendeiro, alguém que aplicava injeção. Era comprada na farmácia. Não tinha nada de médico, não conhecíamos. Tinha também sempre alguém que fazia uma garrafada, tinha essas coisas. Tinha mulheres que benziam quando estávamos com febre. [Tinham] alguma coisa, levava para benzer. Quando estava com íngua eles colocava o pé na terra, desenhava o formato do pé e depois não sei o que falavam, ficava lá se mexendo, com a boca e com a faca espetando o quadro do pé. [...] Isso era tratamento para íngua. Quando tínhamos algum problema de estômago tomávamos garrafada [...] e banho de ervas, quando achava que estava carregada, tinha essas coisas também. Fervia e tomávamos banhos. Isso eles falavam que era para a pessoa que estava carregada, fraca espiritualmente. Minha mãe tinha este hábito também. Tomava banho com arruda, sal grosso e guiné.

Dirce afirma, na entrevista, que sua avó acreditava muito em rezas e chás e não no tratamento médico, e que devido a essa crença, hoje tem problemas sérios de saúde como, bronquite.

Eu tive uma gripe forte, uma febre e não levaram ao médico achando que eu ia melhorar com remédio de mato, [...] achava que ali a criança que estava com alguma coisa iria se curar, inclusive eu fui muitas vezes. Tava com sarampo e indo para uma mulher me rezar, não sabia o que tinha, e era sarampo. (DIRCE)

Elen Moura (2009) utiliza a expressão ‘cultura popular’ para se referir ao conjunto de práticas advindas das camadas dominadas ou subalternas. Entende que essas práticas devem ser entendidas dentro do contexto histórico social no qual se formaram, e que podem permanecer, mesmo ao entrar em contato com o novo, o moderno, com outra civilização. “A cultura popular pode manifestar-se tanto no campo quanto na cidade [...] pois ela é dinâmica

---

<sup>33</sup> Distintos povos utilizam o sal grosso para combater o mau-olhado e deixar a casa protegida de energias nefastas. Na umbanda o sal grosso é usado para banhos de descarrego. Acredita-se que faz afastar o mal e o olho grande.

<sup>34</sup> Guiné é uma erva que, segundo a crença popular, tem o poder de criar um “campo de força” de proteção, bloqueando as energias negativas e emitindo vibrações otimistas. Atrai sorte e felicidade e gera energia de bem-estar nos ambientes. As pessoas costumam colocar essa erva nas entradas das casas e dos ambientes de trabalho.

<sup>35</sup> Arruda é umas das ervas que se acredita ser uma das mais poderosas para combater inveja e olho-gordo. Era conhecida e usada na antiga Grécia e Roma e foi popularizada no Brasil pelas escravas, na época da colonização. Quando colocada num ambiente, além de proteger, emite vibrações de prosperidade e entusiasmo. As pessoas costumam usar um galho de arruda junto ao corpo, às vezes atrás da orelha, para evitar as energias negativas.

*e se movimenta de acordo com as necessidades daqueles que a produzem”* (MOURA, 2009, p.46)

Embora haja tendência de preservação da cultura popular, seja no campo ou na cidade, ao sair do âmbito familiar, as mulheres entrevistadas rompem com as práticas que compõem essa cultura. Das mulheres entrevistadas, somente Suelem afirma ter levado sua filha à benzedeira: *“Levei muito minha filha para benzer. Nossa, tinha uma mulher lá que morava embaixo de onde a gente morava, que era benzedeira. Eu levava duas a três vezes por semana para benzer.”* As demais entrevistadas procuram hospital ou posto de saúde quando elas ou as(os) filhas(os) ficam doentes.

### **3.4 Deus sim, religião não: “Eu sou cuidada por Deus”**

Ao deixar o ambiente da família de origem e ingressar na prostituição, as mulheres interrompem as práticas religiosas católicas transmitidas pelas famílias e buscam outras experiências, como a participação esporádica em igrejas católicas e evangélicas, cartomante, jogos de búzios e umbanda. A mudança das mulheres para São Paulo – a maioria nordestina – é um dos fatores que contribui para o seu rompimento com a religião de origem e para a busca de outras igrejas cristãs. Já o seu ingresso na prostituição as leva ao contato com a umbanda, como já foi citado anteriormente.

Hortência<sup>36</sup> relata uma de suas experiências na religião cristã, dizendo que não batizou nenhuma(um) de suas(seus) filhas(os) em nenhuma igreja, pois teve uma vida muito “atrapalhada” e decepção em uma igreja. Afirma:

Não batizei. Toda a minha vida foi muito atrapalhada. Muda daqui, muda acolá. Às vezes eu juntava todo mundo e ia numa igreja, a que dava na cabeça. Mas sempre minha cabeça ficava muito bagunçada com aquilo. Aí uma vez aconteceu um fato que eu não gostei e perdi o gosto de ir e levar meus filhos à igreja. Alguém falou em público que havia bolo no refeitório. E ele [o filho] pegou o caminho do refeitório e saiu correndo, foi pra lá, falou em bolo! Chegou lá estava uma mulher dividindo o bolo pra as pessoas e ele queria bolo a todo custo e eu não tinha o dinheiro para dar. Aí a mulher o empurrou de lá. Aí eu não tive mais vontade de ir à igreja. Eu pensei assim: todo mundo sabia da minha situação de pobreza. Quem me levou [à igreja] sabia não todo mundo ali, mas tudo bem. Tem bolo lá, a criança não vai entender como é, que eu não tenho dinheiro. Achei muita mesquinaria da parte daquela senhora, porque no meu caso assim, a criança querendo bolo, se a mãe não tomou a frente para comprar um pedacinho de bolo, eu colocaria no prato um pedacinho de

---

<sup>36</sup> Hortência, nome fictício, 48 anos, nasceu em Santa Maria da Vitória – Bahia. Não comenta com que idade veio viver em São Paulo, mas disse que era jovem. Morou na região da Sé, centro da capital, depois em cidades da grande São Paulo onde teve suas filhas e filhos.

bolo, minúsculo que fosse e dava aquela criança. E ela tipo, empurrou ele. Nossa aquilo me deixou muito mal!

Segundo Hortência, esse fato aconteceu em uma igreja evangélica e depois disso se sente desmotivada a participar de igreja.

Outra experiência que a marcou, e que a deixou muito bem, foi o que aprendeu sobre a Bíblia, com uma mulher com a qual trabalhou como empregada doméstica. Aponta:

O que me deixou muito bem, assim... foi quando eu trabalhei na casa de uma senhora. Ela sempre tirava uma hora a tarde, para ler alguns versículos da Bíblia. Eu não sabia quem era Deus e ela foi ensinando para mim. Lia um versículo, lia outro, falava dos mandamentos. Aí que fui ter uma noção. Porque eu vivia no mundo e não sabia quem era Deus e nem quem era Jesus Cristo, até 21 e 22 anos. Quando era criança minha mãe tinha aquela coisa lá, de quaresma, mas não explicava. Rezava na hora do almoço um bendito lá: “Bendito louvado seja,...” Também tinha que pedir benção a ela falando essas palavras, mas não explicava. Aquela mulher passou algo para mim, que ficou. Uma senhorinha... (se emocionou).

Após relatar essas experiências, Hortência afirma: *“Não tenho religião. Eu acredito em Jesus Cristo, eu acho que a religião é uma coisa do homem. Eu procuro seguir Jesus Cristo.”* E descreve quem é Deus para ela:

Pra mim, Deus.... Deus é amor! Deus é força! Deus é esperança! Deus é tanta coisa para mim! Acho que tudo de bom que flui vem de Deus. [...] Eu lembro dele de várias formas, pedindo. Pedir vingança pra outra pessoa quando faz algo que a gente não gosta, eu já passei por isso. Mas depois eu evolui mentalmente. Hoje me lembro de Deus quando uma pessoa me magoa, quando foi muito cruel comigo. Igual aconteceu comigo: uma senhora foi irônica, mas eu saí dali e pedi a Deus por ela (choro). Eu evolui. Eu não falo mais só “Deus me dá isso, me dá aquilo...” Porque sei que minha vida é cuidada por Deus. Eu sou cuidada por Deus! Então eu já estou entregue nas mãos de Deus. Então eu gostei muito dessa parte minha, de quando eu comecei a não pedir que Deus faça isso, que Deus vingue assim ou assado. Mas que Deus olhe para aquela pessoa para que ela evolua espiritualmente. Esta é a parte que eu mais gostei [dela mesma] Sentei, pensei: ó Deus, que ela tome conhecimento das palavras que ela acabou de me falar, que ela não faça mais isso para ser humano nenhum.

Hortência expressa confiança em Deus, experiência de fé que a leva a compreender a outra pessoa, perdoá-la e evoluir espiritualmente. Essa relação com a divindade não necessita da intermediação de uma instituição religiosa. Para Danièle Hervieu-Léger (2008), o que caracteriza essa realidade não é simplesmente a indiferença com respeito à crença, mas a perda de sua regulamentação por parte das instituições geradoras de sentido. Aponta: *“O que ocorre é uma “bricolagem de crenças”, uma individualização e liberdade na dinâmica de construção dos sistemas de fé. [...] As crenças disseminam. Comandam cada vez menos as práticas controladas pelas instituições.”* (LÉGER, 2008, p.9)

Margarida conta, na entrevista, que depois de algum tempo sua família passou para a religião Testemunhas de Jeová. Mas ela mesma gosta de ler Bíblia, de ouvir explicações sobre ela, independentemente de religião. Relata: “[...] *eu procuro ler, ler a Bíblia. Sempre gostei de ouvir explicações de um, explicações de outro, independentemente de religião. Gosto de ouvir várias coisas, [...] mas não sigo nenhuma, assim*”. Embora não sinta atração por igrejas, relata que na semana anterior à entrevista, foi com sua família à igreja da qual participa, e se sentiu bem. Em sua opinião essa igreja mudou muito, está diferente de quando a conheceu.

Outra entrevistada, a Suelen, relata não ter atração por religião, embora vivenciasse experiências religiosas em diferentes igrejas. Afirma:

[...] eu nunca fui chegada à religião. Minha mãe também não, mas ela era crente. Ela começou a se interessar pela igreja de crente quando começou a surgir lá, a Universal. Eu ia assim, dia de sexta, às vezes [...]”eu ia assim... como chama aquele negócio que pernoita na igreja? [Virgílio] Ela levava a gente pra ir passar a noite na Igreja Universal. Na igreja do padre eu ia na Semana Santa. Eu gostava. A Semana Santa lá era uma época muito divertida, melhor do que aqui. O pessoal lá acredita muito. Minha avó mesmo, ela achava que na Semana Santa, a gente não podia lavar roupa, não podia tomar banho, não podia lavar louça, era muito rígido isso. E a comida tinha que ser daquela época, daquele dia, a gente não podia comer outro tipo de comida [ somente] peixe ou camarão, qualquer coisa que fosse da água.

Dirce disse que sempre ia às igrejas evangélicas, mas deixou, e atualmente está indo mais na Igreja Católica do bairro onde mora. Afirma: “*Chego lá, rezo. Sei que religião não importa; importa é estar ligado com Deus e nome de igreja também não vai me salvar.*”

Alana também teve uma trajetória nas igrejas católica e evangélicas, mas atualmente afirma: “*Não tenho religião, não gosto.*”

Das seis mulheres entrevistadas, uma delas, Cecília, apresentou uma postura distinta com relação à religião. Relatou que ao vir morar em São Paulo procurou a Igreja Católica, mas não se identificou com ela e passou a buscar outras igrejas, entre elas a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, mas também não se encontrou nelas. Atualmente é participante da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Disse ter conhecido a igreja através de uma amiga e a frequenta há um ano e já recebeu seu *Ohikari*<sup>37</sup>. Sente-se *muito feliz com o que tem acontecido com ela, inclusive milagres*. Na igreja ministra *johrei*, e se dedica aos serviços de limpeza do templo situado em Santo Amaro. Segundo Cecília, a

---

<sup>37</sup> Ohikari é o nome da medalha que é outorgada às pessoas que ingressam como membros da Igreja Messiânica Mundial. O interior desta medalha contém a caligrafia do Fundador, Hikari, que quer dizer Luz.

orientação dessa igreja é agradecer tudo a Deus, até mesmo a doença, pois esta é uma forma de a pessoa se purificar. Afirma:

Agradecer tudo de Deus, a doença. [...] Acontece muita coisa, mas é para purificar sua vida, como hoje mesmo, estou purificando desde ontem, estou com diarreia, mas é purificando dentro de mim, o meu espírito. Purificando, estou purificando, dá febre, dá essas coisas, só que não podemos procurar médico. O médico é o Johrei. [ Não procuram o médico?] Não, só se estivermos com problema muito sério, [...] mas tem que ter o médico, mas tem problema que nós buscamos só o Johrei. Essa igreja só aceita o Johrei, não aceita a gente ir pra o médico. [...] eu só vivia nos médicos, hoje eu não vou mais. Vou ao médico e não acha doença... A doença e só aplicar johrei para ajudar outras pessoas, para as outras pessoas também serem felizes. As coisas de Deus são muito lindas. Então foi uma igreja em que renasci, eu renovei, porque antes eu não era assim como está.

Ao mudar de igreja, Cecília assume, com muita convicção, uma nova identidade. Danièle Hervieu-Léger (2008), ao falar sobre as conversões nas sociedades modernas, ressalta que o indivíduo “muda de religião” por diferentes razões, entre as quais a rejeição de uma identidade religiosa herdada, para assumir uma nova identidade. Afirma:

A passagem de uma religião a outra chama a atenção, sobretudo, porque dá lugar, ao mesmo tempo, à opção de uma nova adesão e à expressão desenvolvida de um refuto – ao menos de uma crítica espiritual. Os indivíduos em questão citam, de fato, muitas vezes, as condições nas quais eles se afastaram de sua religião de origem, considerada “decepcionante”, por ser alheia aos verdadeiros problemas do indivíduo hoje, incapaz de oferecer respostas a suas angústias reais e de lhe fornecer o apoio eficaz de uma comunidade. (LÉGER, 2008, p.109)

Pessoas convertidas, que se adaptam satisfatoriamente em outra religião ou igreja, reconquistam a autoestima e adquirem uma identidade socialmente reconhecida. Cecília é um exemplo dessas pessoas, pois demonstra alegria, realização pessoal e sentido de viver.

Claudio Ribeiro (2013) pesquisou o atual cenário religioso brasileiro identificando as possibilidades e limites para o pluralismo religioso no país. Entre os aspectos detectados, ressaltou a relação da matriz religiosa e cultural brasileira com as marcas do pluralismo religioso atual, os processos de privatização das experiências religiosas, as novas configurações religiosas e os diferentes modos de trânsito religioso. Para o pesquisador, nas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI as mudanças socioeconômicas influenciaram a esfera religiosa das pessoas. Aponta:

a vivência religiosa no Brasil sofreu, nas últimas décadas, fortes mudanças. Alguns aspectos do novo perfil devem-se à multiplicação e maior visibilidade dos grupos orientais, em toda a sua diversidade étnica e cultural, à afirmação religiosa indígena e afro-brasileira, em suas diversas matizes [...] (RIBEIRO, 2013, p. 59)

Com essa nova configuração religiosa houve, no Brasil, um crescimento do número de pessoas que se declaram sem religião. Ao mesmo tempo existe um florescimento do fervor religioso. Para Ribeiro (2013), isso pode ser atribuído aos processos de secularização, entendido como um novo perfil cultural atual. Aponta:

No Brasil, por exemplo, há um simultâneo crescimento de pessoas sem religião e o florescimento do fervor religioso. Isso pode ser computado aos processos de secularização, entendidos, não como entrave ao religioso, mas como um novo perfil cultural. Isso ocorre concomitantemente às mudanças no sistema de cristandade que, devido às influências dos processos de secularização e das opções religiosas, perdeu sua antiga dominação coercitiva sobre o espectro sociocultural. Assim, o fenômeno religioso é redimensionado na afirmação da subjetividade livre da tutela da cristandade, permitindo o livre acesso à opção e à diversidade religiosa. (RIBEIRO, 2013, p. 63)

Neste contexto, as grandes instituições religiosas perdem espaço devido à não flexibilidade diante da dinâmica da busca intensa de respostas imediatas e à excessiva preocupação com a preservação da identidade ou de um rigor moral divulgado como mantenedor da ordem social. Dessa forma, a sociedade se torna cada vez menos homogênea e já não suporta mais uma única via de regras fundamentadas e argumentos muitas vezes, considerados arcaicos.

Esses relatos das mulheres confirmam os dados de pesquisas brasileiras que afirmam o crescimento do número de pessoas que se declaram sem religião e a diminuição do número de pessoas católicas. De acordo com os dados do censo de 2010, 14.595.979 de pessoas afirmaram não ter religião. Dessas, 2.969.304 são mulheres acima de 25 anos de idade e 1.335.142 possuem ensino fundamental incompleto.

Segundo Hortência, as mulheres que praticam a prostituição têm um motivo específico pelo qual se distanciam da religião:

[...] a mulher fica distante da religião. [...] como eu sei que estive, porque ela não é bem vista. Quando alguém aborda uma mulher que está se prostituindo [...] às vezes não pergunta o que te levou a isso, mas começa falar um monte de coisas: ‘Olha se você continuar assim, você vai para o inferno, você está condenando seu corpo a isso, a aquilo...’ começa a fazer um julgamento. Ela [a mulher em situação de prostituição] sabe que tem um preconceito. Eu quando estava<sup>38</sup> ... [cita a rua onde

---

<sup>38</sup> Hortência não expressa o tempo exato em que esteve na prostituição, mas afirma que começou a fazer programas quando se separou do companheiro que a agredia e abusava sexualmente de seu filho e de sua filha enquanto ela trabalhava. Sem dinheiro, com quatro crianças para sustentar, a maneira mais rápida de conseguir dinheiro foi na prostituição, mas sempre seu desejo foi sair. Assim que as crianças cresceram, no final do ano de 2009, tomou a decisão de sair. Procurou o Projeto Antônia e expressou sua inquietação e desconforto na prostituição. Desde o acompanhamento do projeto, participou de um grupo terapêutico durante um ano e de

fazia ponto enquanto estava na prostituição] fui à igreja e tinha uma senhorinha perto de mim e uma criança. Eu apareci na igreja, ela não viu de onde vim. Aí, quando foi um fim de semana, ela passou e me viu no ponto, aí passou para o outro lado da rua, [outro dia] e lá na igreja ela sentou em outro lugar.

Essas experiências trouxeram insatisfação, uma vez que o motivo de procura às igrejas é suprimir a solidão, estar em grupo e ser aceita. [...] *todo ser humano tem uma necessidade de se sentir aceito, de estar em grupo, sente solidão, então acaba indo para a igreja*, afirma Hortência.

Para Dirce, a religião foi motivo de conflito em sua família. Sua avó era católica e sua mãe e seu pai são evangélicos. Na infância, ela participava da Igreja Católica. Após a adolescência passou a frequentar a Igreja Evangélica por influência do pai, mas conheceu um rapaz católico e só poderia casar se fosse católica. Afirma:

Conheci um rapaz de outra religião e por causa disso a gente não podia se casar. E superei aquilo, deixei de lado, fui obrigada a deixar essa igreja, deixar tudo para poder ficar com essa pessoa, e foi uma coisa muito pesada que eu vivi. Foi o casamento com o pai dos meus filhos. Eu evangélica e ele era católico eu não podia namorar com ele por causa da religião. E eu deixei tudo de lado para casar com ele na Igreja Católica. Meus pais não aceitaram esse relacionamento de jeito nenhum, por meus pais serem de outra religião. Meu pai não abençoou esse casamento. Ele é da Assembleia de Deus. [...] Diferença de religião atrapalha muito a vida das pessoas.

Segundo Dirce sua avó fez questão que ela casasse na Igreja Católica, o que interferiu na sua relação com seu pai. Relata a expressão da avó: *“ela vai se casar na igreja, eu dizia: não, eu não quero, quero casar só no civil. Ela insistiu mesmo sem ter condição. [...] uma coisa que eu nem sabia o que era um casamento, tinha dezesseis anos.”*

Alana expressa ter sofrido uma decepção com relação à religião, por isso hoje não busca nenhuma igreja. Afirma:

Foi assim: minha mãe estava para morrer, aí eu fui até na igreja de crente para ver se minha mãe sarava. Levei quatorze lencinhos, daqueles lá que tem na Igreja Universal. Aí passei na minha mãe e ela foi embora. Desde aquele dia pra cá eu perdi toda a vontade de participar de uma igreja, de ir atrás, de buscar. Entendi que Deus não ouviu minhas orações e levou ela embora e eu não queria. Ela foi muito importante pra mim, para a família. Foi guerreira e, além de tudo, ela não queria ir.

---

reforço escolar. A partir de 2011, afastando-se da prostituição gradativamente, retomou os estudos, fez cursos de cabeleireira e de culinária e começou a trabalhar em um projeto de DST/AIDS do Programa Municipal de Saúde de São Paulo, onde financeiramente recebia uma ajuda de custo. Atualmente Hortência já concluiu o Ensino Fundamental, está fazendo cursos de cuidadora de pessoas idosas e de informática e trabalha como vendedora de salgados. Seu projeto de vida é continuar os estudos, fazer faculdade e conseguir um emprego formal que lhe dê mais segurança financeira.

Danièle Hervieu-Léger (2008) ao falar do processo de conversão das pessoas afirma:

Entre os convertidos ao budismo encontram-se inúmeros testemunhos de uma decepção em relação ao cristianismo, e particularmente, a um catolicismo que não oferece aos indivíduos condições de satisfazerem sua busca espiritual, e tampouco o apoio de uma comunidade que partilhe a mesma necessidade de uma resposta ética pessoal aos problemas e às incertezas de um mundo submetido exclusivamente aos imperativos da tecnologia e da economia. (LÉGER, 2008, p.110)

Para Cláudio Ribeiro (2013), cresce o número de pessoas que desejam a experiência de fé independente das instituições religiosas, o que ele denomina de fé privatizada. *“Na fé privatizada, cada pessoa escolhe o que deseja crer, onde e como exercer a experiência religiosa, não obstante os instrumentos e mecanismos ideológicos e massificantes.”* (RIBEIRO, 2013) Porém, na realidade das mulheres em situação de prostituição, nota-se que a adesão à religião, ou até mesmo os contatos religiosos esporádicos, se dão pela influência do meio no qual vivem. Enquanto vivem com a família, vivenciam a religião da família; ao praticar a prostituição têm contatos ou aderem à umbanda.

Lísias Negrão, ao falar de pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo, afirma:

[...] em áreas urbanas – conforme revelaram nossos dados – 38% dos informantes, em sua maioria, católicos, trocaram de religião ao menos uma vez em sua vida. O que é certo é que os católicos mutantes que retornaram ao catolicismo não mais são, em sua maior parte, exclusivos em sua pertença religiosa. Uns acreditam na reencarnação e lêem livros espíritas, mesmo que não mais frequentem centros espíritas; outros retornam aos terreiros de cultos afro-brasileiros sempre que enfrentam problemas de qualquer natureza, à procura de soluções mágicas. (NEGRÃO, 2008, p. 273)

Todas as mulheres entrevistadas expressaram ter experimentado outras crenças, de alguma forma. Para Hortência, as pessoas que jogam cartas não discriminam as mulheres por exercerem a prostituição. Afirma: *“... já consultei pessoas que jogam carta e não têm esse preconceito, que a pessoa vem atirando um monte de coisa em cima de você, que está fazendo mal”*. Percebe-se que, ao falar sobre as suas crenças, elas não fazem distinção entre crenças e religião. Apenas ressaltam que não se sentem discriminadas pelas pessoas que oferecem esses trabalhos, como é o exemplo das cartomantes.

Outra entrevistada, Suelem, fala sobre sua trajetória religiosa. Disse não participar de nenhuma religião, mas tem atração pela umbanda: Afirma:

A única religião que eu sou um pouco fissurada é a umbanda. [...] nunca frequentei, mas eu gosto. [...] Acho que o pessoal da umbanda é mais realista, tem a mente mais aberta. Acho tanto o padre quanto os pastores, eles omitem muitas coisas. Eles não contam a verdade, que as pessoas estão ali na igreja para ouvir. E o pessoal da umbanda, não. [...] Gosto de mesa branca, assim eu gosto. Mesa branca é tipo... é umbanda. Mas uma umbanda diferente. Eles trabalham com espírito de luz, só com aquelas pessoas boas, anjos da guarda. Eles não trabalham para fazer maldade e sim para fazer o bem. Eu gosto mais da mesa branca.

Segundo Suelem, para se chegar à mesa branca são necessários sete passos que ela chama de limpeza; enquanto está “suja” não pode se sentar à mesa. Nesses rituais são usadas vestes brancas, velas coloridas, água e música. Disse não participar, mas lê muitos livros que falam sobre a umbanda. Percebe-se que há momentos em que as mulheres falam em umbanda, e em outros falam de espiritismo, porém estão falando da mesma coisa.

Nota-se que cada uma das mulheres busca as crenças que acredita não discriminá-la por praticar a prostituição. Praticam isoladamente os rituais, que lhe são mais eficazes e respondem às suas necessidades pessoais. Há uma recusa da religião institucional, com suas *“verdades prontas [...] impostas pelos dogmatismos e exclusivismos. [...] trata-se de uma atitude ativa, embora individual.”* (NEGRÃO, 2008, p. 275)

Para Danièle Hervieu-Léger (2008), essa mobilidade é característica da modernidade religiosa construída a partir de experiências pessoais. Ela associa modernidade com peregrinação: *“o peregrino, na história religiosa, aparece de fato, bem antes do praticante regular. Ele perpassa a história de todas as grandes religiões.”* (LÉGER, 2008, p 87) Essa peregrinação existe desde os primeiros anos da história cristã e não acontece somente no cristianismo.

Nesse processo de trânsito religioso e de mescla de crenças, na peregrinação pelas religiões e crenças, percebe-se na trajetória de vida das mulheres que praticam a prostituição, o culto à Pombagira. Todas as mulheres entrevistadas mencionaram a presença dessa entidade na realidade da prostituição e é visível a presença de símbolos, oferendas, objetos de culto dessa entidade nas casas de prostituição que visito. Essa constatação leva-me a crer que a Pombagira é muito presente na trajetória de vida das mulheres que praticam a prostituição, por isso merece destaque nesta pesquisa.

### 3.5 O papel da Pombagira para as mulheres que praticam a prostituição

Antes de adentrar na experiência religiosa das mulheres em situação de prostituição com a Pombagira<sup>39</sup> é importante contextualizar essa entidade para ajudar a compreender o motivo pelo qual as mulheres se aproximam dela.

Francisco Santos e Simone Soares (2007), ao procurar compreender a relação entre a Pombagira e a mulher que pratica a prostituição, assim como a representação dessa entidade no imaginário dessas mulheres, perceberam que desde as culturas antigas existe ligação entre a divindade feminina e a prostituição. Afirmam:

Não é privilégio da nossa cultura a ligação de uma divindade feminina à prostituição. Afrodite, a deusa grega do amor, conhecida e cultuada pelos seus dotes de beleza, possuindo referências mais terrenas pelos gregos antigos, era conhecida em Siracusa como Afrodite das Belas Nádegas; em Atenas como Afrodite – a Cortesã; bem como em diferentes épocas e lugares conhecida como: Afrodite do Buraco ou da Copulação; Afrodite que cavalga Astride, que se abre; a prostituta. Vênus, a versão romana da deusa do amor e da beleza, era considerada a protetora das prostitutas. (SANTOS e SOARES, 2007, p. 1)

Em cada período histórico e lugar geográfico a relação entre mulheres que praticam a prostituição e divindades femininas se manifesta de forma diferente devido à cultura e ao processo histórico dos povos. No Brasil uma das divindades femininas mais populares, associada à prostituição, é a Pombagira. Segundo Francisco Santos e Simone Soares (2007), a Pombagira é uma das divindades da criação brasileira que surge a partir de um processo de destituição das características sexuais de Iemanjá, sincretizada com a Imaculada Conceição, canalizadas para essa personagem:

a umbanda<sup>40</sup> parece ter promovido, em torno da figura de Iemanjá, um esvaziamento quase total do conteúdo sexual. Tal sublimação (ou repressão?) deu ensejo ao surgimento de nova entidade, pura criação brasileira, a Pombagira, síntese dos aspectos mais escandalosos que pode expressar a livre expressão da sexualidade feminina, aos olhos de uma sociedade ainda dominada por valores patriarcais. (Apud. SANTOS e SOARES, 2007, p. 2)

---

<sup>39</sup> Segundo Nilsa Lagos (2007), a Pombagira é uma entidade espiritual que se manifesta nos terreiros de candomblé e umbanda. É um ser invisível que se manifesta em médiuns mulheres. Sua característica é de uma mulher que transgride normas, corajosa, sedutora, bonita sensual e perigosa. As(os) cientistas sociais e da religião relatam que têm encontrado a Pombagira entre as religiões africanas e europeias, como o espiritismo kardecista francês, mas afirmam ser uma personagem da religiosidade popular do Brasil.

<sup>40</sup> Segundo Reginaldo Prandi (1996), a umbanda nasceu no Rio de Janeiro, na década de 1930, a partir do encontro de tradições religiosas afro-brasileiras com o espiritismo kardecista francês.

Reginaldo Prandi, ao pesquisar os candomblés no Brasil, aponta que a Pombagira é uma das entidades mais cultuadas no país. Afirma:

A Pombagira, cultuada nos candomblés e umbandas, é um desses personagens muito populares no Brasil. Sua origem está nos candomblés, em que seu culto se constituiu a partir de entrecruzamentos de tradições africanas e europeias. Pombagira é considerada um Exu feminino<sup>41</sup>. [...] Na umbanda, a Pombagira faz parte do panteão de entidades que trabalham na "esquerda", isto é, que podem ser invocadas para "trabalhar para o mal", em contraste com aquelas entidades da "direita", que só seriam invocadas em nome do "bem". (PRANDI, 1996, p. 2)

Os Exus e Pombagiras, à esquerda dos panteões das entidades da umbanda, são considerados mal-educados, despudorados, agressivos. As Pombagiras usam trajes escandalosos nas cores vermelho e preto, rosa vermelha nos longos cabelos negros, possui jeito de prostituta, ora do bordel mais simples, ora de elegantes salões de meretrício. Gosta de jogo e perdição, é fina e requintada, mas sempre dama da noite.

Nilza Lagos (2007), ao pesquisar as representações de gênero nas manifestações da Pombagira, destaca que a sociedade criou padrões sociais para a mulher, que ela chama de mulher “formatada”, aquela que é para casar, ter filhos, ser esposa. A Pombagira apresenta características contrárias à da mulher “formatada”:

A Pombagira traz características da mulher pública, daquela que não está “formatada”, a outra, a da rua, tratada como mulher da vida, sem juízo e sem dono e, como tantos outros adjetivos que a diferenciam da mulher ideal, aquela que é causa de repulsa e fascínio.

A mulher é educada para ser ideal. Não ser, é um desvio. Ter desejos é proibido e a Pombagira mora na casa dos desejos, que pode ser acessada pelo viés do transe, apossada por um espírito, e apossando-se dessa personalidade espiritual, torna-se possível manifestar [...] a parte oculta das mulheres. (LAGOS, 2007, p. 12)

Para Nilza Lagos (2007), a figura da Pombagira está ligada ao belo, que seduz e é referenciada como aquela que abre os caminhos da renovação, da liberdade, mas também é a morte, porque é espírito. É considerada como aquela que, “*enquanto entidade, liberta as mulheres dos papéis tradicionalmente contruídos e as liberta para assumir um comportamento mais libertino.*” (LAGOS, 2007, p. 14) Essas e outras informações que apresentam as pesquisas sobre a entidade, pude confirmá-las nas conversas com mulheres, com as proprietárias e gerentes de privês na região de Santo Amaro.

---

<sup>41</sup> De acordo com Reginaldo Prandi (1996), Exu, na tradição dos candomblés, é de origem predominantemente iorubá (ritos Ketu, Efan, Nagô pernambucano). É o orixá mensageiro entre os seres humanos e o mundo de todos os orixás. Os orixás são divindades identificadas com elementos da natureza (o mar, a água dos rios, o trovão, o arco-íris, o fogo, as tempestades, as folhas, entre outros) e sincretizados com santos católicos, Nossa Senhora e o próprio Jesus Cristo.

Durante as visitas de campo aos privês, notei a presença de objetos da umbanda. Do lado de fora de algumas das casas, há plantas, recipiente com cigarros, incenso, entre outros objetos. Procurei falar com as pessoas responsáveis pelos estabelecimentos sobre o significado desses objetos e solitei autorização para fotografá-los. Em dois desses locais, obtive autorização para fotografar; em outro a gerente ficou de agendar, porque as entidades estão na casa do lado do privê, que será reformada, e naquele momento não poderia me acompanhar até esse local.

No privê de Carlota<sup>42</sup>, notam-se vários objetos utilizados na umbanda. Do lado de fora, próximo à porta de entrada, há alguns canteiros móveis plantados com ervas:



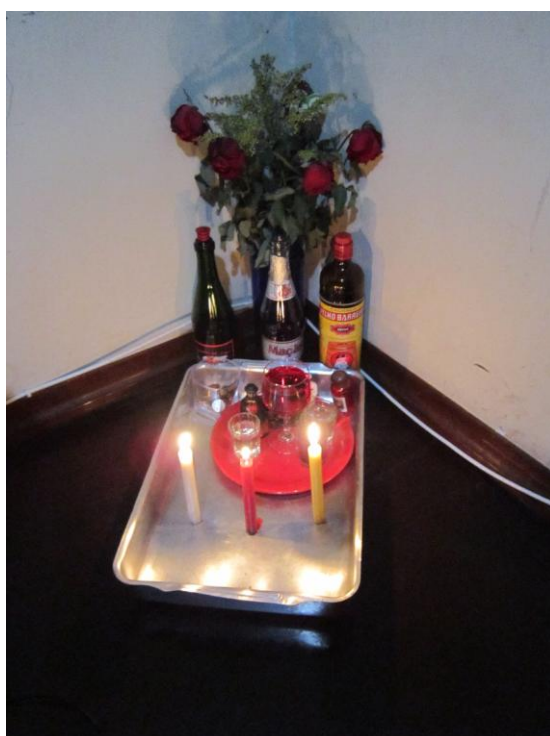
*Ervas: guiné, comigo-ninguém-pode, pimenta, entre outras, consideradas afastadoras dos males, ou atraidoras de boa sorte.*

*Fonte: Lúcia Alves da Cunha  
Março de 2014*

No canto da sala onde as mulheres esperam os clientes e se apresentam a eles, encontra-se um espaço com objetos de culto a entidades da umbanda:

---

<sup>42</sup> Carlota, nome fictício da proprietária de um privê.



*Flores e bebidas, um tabuleiro de assar bolo com velas, imagem do Zé Pilintra e copo com dinheiro*

*Fonte: Lúcia Alves da Cunha  
Março de 2014*

Carlota afirma que cuida de três entidades na casa: o Zé Pilintra, o Capa Preta e a Pombagira (Maria Padilha). À esquerda está a imagem do Zé Pilintra, ao centro uma taça com bebida, à esquerda um copo com moedas, bebidas e flores vermelhas. Carlota ressalta que colocou uma vela branca porque não tem em casa uma vela preta. Mas deve-se colocar vela preta.

Na parede da sala havia um quadro com gravura de São Jorge. Atrás da porta, no chão, recipientes com sal grosso, alho e incenso aceso. Sobre esses objetos não foi possível conversar, devido à chegada de clientes para as mulheres, mas tanto a proprietária quanto uma das mulheres que pratica a prostituição na casa, começaram a falar sobre livros da umbanda, terreiros e as entidades.

Carlota relatou que cada pessoa tem uma entidade. A sua é a Pombagira Maria Padilha, mas as pessoas insistem em dizer que é Maria Molambo, porque onde trabalhava antes, como gerente de privê, havia muitas pessoas em situação de rua. Todos os dias, ao

chegar para trabalhar, deparava-se com pessoas na calçada do privê, por isso as pessoas dizem que sua Pombabira é Maria Molambo.

Outra gerente, a KA<sup>43</sup>, em cujo privê não foi possível fotografar o espaço, falou com propriedade sobre a umbanda. Exibiu uma tatuagem de São Jorge nas costas. Perguntei se ela sempre participou da umbanda. Disse que não. Aderiu a partir do momento em que entrou na prostituição.

A gerente Cleidiane<sup>44</sup> orientou-me a pedir licença às entidades para fazer as fotos dos objetos.



*Espaço no interior do privê onde se cultua o Zé Pilintra. Sua imagem está à esquerda*

*Fonte: Lúcia Alves da Cunha*

Cleidiane ressalta que Zé Pilintra gosta de café como oferenda. Entre velas, bebidas e incenso havia também um copo com café.

---

<sup>43</sup> KA é nome fictício da gerente de um privê.

<sup>44</sup> Cleidiane é nome fictício de gerente de privê.



*Imagem de São Jorge no interior de um privê.  
Fonte: Lúcia Alves da Cunha  
Março de 2014*

A São Jorge também são apresentadas oferendas, entre elas uma vela acesa.



*À esquerda Pombagira, ao centro Tiriri e  
à direita Exu.  
Fonte: Lúcia Alves da Cunha  
Março de 2014*

Cleidiane relatou que no privê do qual é gerente, é cultuada a Pombagira Dama da Noite. A ela são oferecidos: a vela vermelha, flores vermelhas, maquiagem, objetos de adorno, cigarros, entre outros objetos. Afirma:

Eu já falei com as meninas (mulheres que praticam a prostituição na casa): amanhã é dia de trocar as flores e colocar oferendas, pois vem aproxima o dia de pagamento, quinto dia útil de cada mês, então temos que colocar oferendas para trabalharmos bem.

Ao lado das imagens havia garrafas e lata de bebidas, porta-joias e vela vermelha para a Pombagira.

Ao centro do espaço, uma imagem de Tiriri. Cleidiane não especificou as características dessa entidade. À direita está a imagem de Exu, entidade masculina. A ele é oferecida a vela preta, recipiente com dinheiro e bebidas. Segundo Cleidiane, a sua Pombagira pessoal é a Maria Molambo. Identifica-se com ela, pois, como conta a história, era uma mulher que não tinha sorte no amor. Maria Molambo era irmã de Maria Padilha, ambas de família muito rica, porém era sem sorte no amor. Maria Molambo era sem sorte no amor porque seu pai matou o namorado dela; por isso diz-se que ela não tem sorte no amor. Nilza Lagos (2007), citando o babalorixá Omolumbá, apresenta semelhantes dados sobre a entidade Maria Molambo:

[...] filha de um coronel do Nordeste brasileiro que, sufocada pelas imposições do pai, foge de casa para viver na prostituição e, depois de uma longa trajetória no mundo, ao morrer vai ser Maria Molambo, que se associa a Maria Padilha e, de outro lado da vida, no chamado mundo espiritual, passam a acolher os espíritos das mulheres, formando um grupo que tem a missão de ajudar as mulheres na terra. (Apud. LAGOS, 2007, p. 58)

Percebi que Cleidiane falava com muito entusiasmo e propriedade sobre as entidades. Sugeriu-me assistir uma gira que, segundo ela, é uma incorporação da Pombagira em pessoas que estão preparadas para recebê-la. Essas incorporações acontecem em terreiros de umbanda. Cleidiane disse que não incorpora a entidade, somente assiste a sua manifestação em outra pessoa. Nilza Lagos (2007) observa que as oferendas à Pombagira são objetos femininos:

A bebida, os cigarros, as rosas vermelhas da paixão, os tantos objetos femininos, dos colares, das pulseiras, brincos, anéis, roupas, leques, xales, pandeiros, perfume, cigarrilhas perfumadas, bebidas suaves, e leva nas falas a história das mulheres repletas de desejos, de contradições, que insurge na indignação e na submissão. Assim é a Pombagira, uma figura que representa todas as mulheres. (LAGOS, 2007, p. 24)

Segundo Reginaldo Prandi (1996), a Pombagira trata dos casos de amor, protege as mulheres que a procuram, é capaz de propiciar qualquer tipo de união amorosa e sexual, é singular e plural, com distintos nomes, aparências, preferências e cantigas específicas. Há dezenas dessas entidades, porém as mais conhecidas são:

Pombagira Rainha, Maria Padilha, Pombagira Sete Saias, Maria Molambo, Pomba Gira da Calunga, Pombagira Cigana, Pombagira do Cruzeiro, Pombagira Cigana dos Sete Cruzeiros, Pombagira das Almas, Pombagira Maria Quitéria, Pombagira Dama da Noite, Pombagira Menina, Pombagira Mirongueira e Pombagira Menina da Praia. (PRANDI, 1996)

Essas entidades se caracterizam pelos seus atributos associados à sexualidade e à prostituição: luxúria, desejos carnavais, libidinosos, vida sexual desregrada, desordem, escândalo. São Exus que na terra foram prostitutas, cortesãs, mulheres de baixos princípios.

[...] as Pombagiras entram em qualquer tipo de magia, mas elas são mais apropriadas nos trabalhos de amor. Esta característica se dá pelo fato de, em vida, terem sido prostitutas, mulheres muito exploradas pelos homens e discriminadas pela sociedade. Possuindo, dessa forma, uma vida muito difícil, então o que elas querem mesmo, é dá amor para as pessoas. (Apud. SANTOS e SOARES, 2007)

À Pombagira são solicitados trabalhos contra pessoas inimigas. Ela considera como seus amigos e amigas, pessoas que a procuram pedindo seus favores e que sabem como agradecer-lhe e agradá-la. Oferecem-se a ela objetos que ela usa no terreiro quando é incorporada como, tecidos em cores vermelha e preta, perfumes, joias, bebidas, cigarrilhas, cigarros, rosas vermelhas, entre outros e despachos deixados em encruzilhadas, sempre iluminados por velas vermelhas, pretas ou brancas.

Segundo Nilza Lagos (2007), a figura da Pombagira é também associada ao mal, por isso deve ser destruída. Aponta:

A associação da Pombagira ao mal é muito ampla. Ela é associada à figura do diabo, com poderes contra os homens, ou relacionada a tudo que é pecado ou proibido, a tudo que exerce controle sobre o corpo da mulher. [...] Para tanto, é dedicado trabalho especial de afastamento da Pombagira, especialmente do corpo das mulheres. (LAGOS, 2007, p. 14)

Todas as mulheres entrevistadas para esta pesquisa expressaram, de diferentes formas, a presença da umbanda, sobretudo da Pombagira, na realidade da prostituição. Percebe-se que, mesmo afirmando não serem adeptas dessa religião elas têm conhecimento sobre seus

símbolos, nomenclatura, falam da existência de terreiros na região e uma afirma ter solicitado um trabalho. Perguntar, na terceira pessoa gramatical, durante as entrevistas, qual a proximidade das mulheres em situação de prostituição com a religião, ou se elas possuem crenças, pode ter favorecido para que elas se expressassem. A partir dessa sutileza de linguagem, elas falavam com mais naturalidade, como se não fosse delas mesmas. Hortência afirma: *“as mulheres têm uma crença muito grande na umbanda. Elas procuram a umbanda. [...] A mulher procura a umbanda quando ela quer algo, ou financeiro\_ou pra fazer uma maldade, ou até mesmo seja uma cura. Cada uma tem um motivo [...] Reginaldo Prandi (1996) aponta que essa é uma prática que acontece entre as populações urbanas brasileiras de baixa renda. É comum procurar pela Pombagira para a solução de problemas ligados a fracassos, desejos da vida amorosa e da sexualidade, entre outras situações que envolvem aflição.*

Para Nilza Lagos (2007) a Pombagira tem também a função de dar amor e evolução espiritual, e de conseguir algo material; há uma troca entre o mundo espiritual e o mundo material. Aponta:

Quanto ao tipo de mal que essas entidades praticam, nos parece que toda a sua função está ligada ao dinheiro, ao sexo e aos prazeres do mundo, seja vaidade ou ganância, e por serem também entidades propiciadoras de proteção, de defesa, colocam-se no enfrentamento dos inimigos. Esses inimigos são todas as pessoas que possam impedir o acesso ao trabalho, ao dinheiro, ao amor ou a qualquer posto ou cargo que propiciem prestígio e poder. [...] A sua [da Pombagira] insubordinação e malícia são direcionadas ao homem a quem ela busca conquistar e dominar a sexualidade. Além disso ela é associada ao diabo, por possuir poderes sobrenaturais. Ela é sobrenatural, é o espírito de uma mulher que já viveu neste mundo, teve vida infeliz por causa do poder masculino. As histórias das Pombagiras estão relacionadas à história de opressão às mulheres. (LAGOS, 2007, p. 33)

Margarida afirma que nunca teve muito interesse em frequentar terreiros e nem acredita em Pombagira:

Eu nunca me interessei e nunca acreditei também. Ah, você tem que botar rosa, tem muitas amigas da gente que foram. [aos terreiros] Umas raspam a cabeça, outras fazem não sei o que lá, entendeu? Eu estou fora.[...] Dizem elas que é para ganhar dinheiro, para ficar ricas. Uma que trabalhava naquele hotel, uma vez ela, ela era arrumadeira, ela falava pra nós que estava caçando um gato assim, que ela tinha que pegar o gato, e tirar uma parte do cérebro do gato e fazer não sei o que com aquilo, diz que era para ficar rica. Aí ela falava sério, sabe, um negócio sério sabe? Eu nunca me interessei. [...] É variado. Elas acreditam mais nesses lados das magias, outras não seguem nada, acreditam em Deus e tal, e não segue religião, nem macumbaiada, dizendo o português claro.

Suelen afirma não frequentar a umbanda mas disse ter atração por ela. Os conhecimentos que tem sobre o ritual, símbolos e objetos sagrados, adquiriu através de leituras.

De acordo com Dirce, as mulheres em situação de prostituição procuram o “mundo espiritual”, místico, para ganhar mais dinheiro. Nas casas espíritas<sup>45</sup> são orientadas a comprar ervas para banhos e comprar produtos para oferendas às entidades, e assim atrair mais clientes. Relata:

Pedem ervas para banho, pedem bebidas, pedem perfumes... eu mesma, teve uma vez que comprei, mas comigo não funcionou muito. [...] Faz um pacto com a *dama da noite* que é a prostituta e ela é que manda os homens.[...] Você presta atenção quando chegar ao privê, na porta [de entrada] tem uma oferenda lá, para essa mulher, para a Dama da Noite ou para a Pombagira. [...] Todos que trabalham nessa vida têm pacto com ela, com elas. [...] Então, a maioria das mulheres que vivem nessa vida ou elas mexe com isso, ou elas não ganham nada.

Segundo Dirce, para cada entidade as oferendas são diferentes. São oferecidos bebidas, perfumes, assessórios e objetos vermelhos. Ao mesmo tempo que Dirce afirma, na entrevista, não acreditar nessa crença, cita exemplos de mulheres que ganham mais dinheiro do que outras e atribui isso à crença: “[...] *tem muitas senhoras de idade que trabalham mais do que uma mulher jovem, aí a gente fica perguntando: como é que essa mulher consegue tantos homens? Uma mulher já velha... É porque ela mexe com essas coisas.*” Dirce disse que fez uma consulta e foi orientada a comprar produtos para oferendas que na época gastou um total de R\$700,00. Perguntei se realmente traz resultados, e ela respondeu: “*Traz, mas também tira a metade. Traz muitos homens mas também tira da gente. Ela disse: traz isso para eu fechar tudo e você vai ver o quanto você vai ganhar. E eu não tive coragem.*” Dirce explica que não teve coragem de pagar para fazer o “trabalho”, mediante a promessa de que ganharia mais dinheiro. Embora isso leve a ganhar muito dinheiro, não é compensador, devido ao investimento que se faz na compra de produtos para as oferendas.

Alana também afirma que as mulheres procuram o terreiro com o objetivo de ganhar mais dinheiro, mas em sua opinião não é compensador, devido ao alto investimento. Relata: “*Ela falou que ela vai no terreiro, ele pede mil reais, ela ganha mil e quinhentos, depois paga lá um boi, um cabrito, uma vaca e não sei o que e ganha o dobro depois [...] eu tenho medo... o terreiro é pesado.*”

---

<sup>45</sup> Dirce usa o termo “espírita” referindo-se aos terreiros de candomblé ou umbanda.

Cecília também relata que as mulheres que estão em situação de prostituição frequentam a macumba. Afirma: “*Elas frequentam mais negócio de macumba, elas falam muito.*”

Estas mulheres acreditam que a Pombagira tem poder de fazer mulheres que praticam a prostituição ganhar mais dinheiro. Nilza Lagos (2007) ressalta que o poder da Pombagira é algo referenciado em suas manifestações:

Por esse poder entende-se a sua capacidade de fazer as coisas acontecerem, de fazer o “milagre”. Quanto mais ela faz mais é chamada de poderosa, e “poderosa” está ligado à sua capacidade de afastar inimigos no campo do amor, das relações afetivas em geral, e do progresso material e tirar do caminho das pessoas suas amigas, todo e qualquer embaraço para que elas tenham sucesso e felicidade. Por felicidade se compreende ter homens, dinheiro e beleza, esta última se mistura com dinheiro e sexualidade. (LAGOS, 2007, p. 368)

Para SANTOS e SOARES (2007) a Pombagira tem relação com a prostituição porque essa personagem está presente no imaginário de grande parte da sociedade brasileira, logo estaria presente de forma significativa no imaginário das mulheres em situação de prostituição, especialmente pelo fato de representar ritualisticamente o arquétipo da prostituta.

[...] mesmo as pessoas que não detêm um conhecimento mítico e ritual da umbanda, possuem algum tipo de referência sobre a entidade. Estas referências não necessariamente estão ligadas ao universo da Prostituição, no entanto, estão relacionadas ao universo feminino, na maioria das vezes ao poder de manipulação da sensualidade/sexualidade, em função da conquista dos parceiros desejados. (SANTOS e SOARES, 2007, p. 9)

Já para Nilza Lagos (2007), a manifestação da Pombagira no espaço religioso apresenta modelos do masculino e do feminino construídos socialmente e atenta para o fato de que o conceito inicial de gênero permite perceber a relação entre homens e mulheres como sexos construídos socialmente. Afirma:

É oportuno observar que o estranhamento e toda a carga de preconceito que, a Pombagira sofre, possivelmente, ocorram pela forma com que as questões são colocadas, apresentando-a como algo perigoso, relacionado à prostituição, quando pode estar sinalizando que ela é apenas uma mulher livre. (LAGOS, 2007, p. 68)

A Pombagira faz parte das magias, porém é mais solicitada para realizar trabalhos sobre relacionamentos amorosos. Na prostituição, é muito cultuada pelo fato de se acreditar

ter sido, em vida, prostituta, e em consequência da prostituição ter sido explorada pelos homens e discriminada pela sociedade, embora nem todas as Pombagiras fossem prostitutas:

[...] nem todas as Pombagiras são prostitutas. Elas são classificadas mulheres, e, assim como no plano material, existem Pombagiras de todas as qualidades: casadas, doutoras, juízas, médicas, prostitutas, ladras, viciadas, vagabundas. As Pombagiras prostitutas são as de rua, de encruzilhada, esquina, cabaré, cemitério, mercado. (SANTOS e SOARES, 2007, p.4)

Percebe-se, pelas entrevistas, que as mulheres passam a ter contato com a umbanda a partir da prática da prostituição. As figurações que exteriorizam são especificamente relacionadas ao estereótipo da Pombagira e a relação que estabelecem com ela dá-se pelo princípio da reciprocidade, fundamentada nas trocas de oferendas. Santos e Soares (2007) citam Marcel Mauss na sua obra clássica, *Ensaio Sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas*, referindo-se ao sistema de trocas, que não são somente gratuitas como também remuneradas, ou seja, as trocas e os contratos são feitos sob a forma de presentes, teoricamente voluntários, mas na realidade, são dados e retribuídos obrigatoriamente.

Esse sistema de retribuição acontece também na tradição do catolicismo popular, em que as pessoas negociam dádivas com as(os) diversas(os) santas(os) católicas(os). Através de pagamentos de promessas alcançam graças como curas, empregos, entre outros. Mas na realidade da prostituição as negociações com as entidades, sobretudo com Pombagira, são voltadas para a sexualidade, a sedução das mulheres com a finalidade de ganhar mais dinheiro. De acordo com Santos e Soares (2007), na relação entre adeptas(os) do catolicismo popular com seus santos de devoção, as dádivas são alcançadas quase sempre através de sacrifícios e implicam, embora temporariamente, na conduta moral das pessoas, enquanto que na ética específica das religiões afro-brasileiras, que deram origem à umbanda, não importam as disposições interiores das(os) devotas(os), suas opções éticas ou morais. Nas trocas-dádivas das mulheres em situação de prostituição para com a Pombagira o que está em jogo é a troca de objetos pelo dinheiro. Oferecem-se objetos, como bebidas, cigarros, entre outros, com o objetivo de atrair muitos homens e assim ganhar muito dinheiro. Neste sentido, Reginaldo Prandi (1996) afirma que

as religiões afro-brasileiras são religiões de liberação da personalidade, pois não fazem parte nem de seu ideário nem de suas práticas rituais, o acobertamento e

aniquilamento das paixões humanas de toda natureza, por mais recônditas que sejam elas. (PRANDI, 1996, p. 17)

Ainda nessa reflexão, continua dizendo que de outro lado supervalorizam a relação do ser humano com a entidade, dão pouca importância aos valores de solidariedade e de justiça social e isso faz com que dotem suas(eus) seguidoras(ores) de uma especial abordagem mágica e “egoísta” do mundo, indiferentes quanto à possibilidade de ações no sentido de transformação do mundo e de uma consequente participação política que promova ações mais sólidas e solidárias de liberdade. Para Claudio Ribeiro (2013), distintas religiões, entre elas as de matriz afro-brasileira, possuem vertentes que defendem formas de uma “espiritualidade de consumo”. Afirma:

Nelas reside um caráter intimista, individualista e marcado pela busca de respostas imediatas para problemas pessoais ou familiares concretos, que se revela na troca de esforços humanos (ofertas materiais e financeiras, atos religiosos como orações, bênção de objetos materiais e outros) por um retorno favorável aos desejos e necessidades humanas por parte do divino (RIBEIRO, 2013, p.63)

Maria José Rosado-Nunes (2009), ao referir-se à visão das ciências sociais sobre as religiões, compreende que as religiões são socialmente construídas, e certas expressões da fé, as representações simbólicas, os discursos, são reveladores de relações sociais. Afirma:

Assim, pertencer a uma classe, uma ‘raça’ ou um sexo determina ou delimita as práticas religiosas, inclusive as que são percebidas como as mais íntimas. Além disso, as crenças, práticas e representações religiosas agem sobre a realidade, seja reforçando as estruturas sociais, seja modificando-as. Compreender as religiões como espaços complexos e portadores de contradições, de produção, reprodução e transformação das relações sociais, em todos os domínios, do culto, dos símbolos e do saber, e não apenas o da organização religiosa, é um desafio. Assim, é no contexto das relações sociais de sexo, de “raça” e de classe que devem ser analisadas as relações das mulheres com as religiões e crenças, e práticas religiosas, enquanto as primeiras são, em parte, moldadas pelas relações sociais. (ROSADO, 2013, p. 213)

Nilza Lagos (2007), citando Maria José Rosado-Nunes, afirma:

quanto à participação das mulheres em algumas formas religiosas, permitem colocar a Pombagira dentro dessa perspectiva, uma vez que, por meio de sua manifestação as mulheres articulam posições nem sempre conscientes que ajudam a lidar com o cotidiano marcado pela desigualdade de gênero. Essas articulações, no entanto, passam também pela reprodução dos saberes naturalizados do poder masculino cristalizado.

Concluindo, é neste contexto que devem ser analisadas as relações das mulheres com as religiões e crenças e das religiões e crenças com as mulheres. O fato de as mulheres em situação de prostituição transitarem da religião católica para a umbanda sugere maior aprofundamento sobre a sua relação com a religião católica, uma vez que parte das mulheres entrevistadas mencionaram experiências desconfortáveis nas igrejas católicas e pentecostais.

### 3.5 O cristianismo e as mulheres

Após reflexão sobre a umbanda, sobretudo o lugar da Pombagira na vida de mulheres que praticam a prostituição, senti-me interpelada a retomar as entrevistas realizadas com as mulheres e analisar suas falas a respeito da religião cristã. Uma vez identificado que as mulheres, ao entrar no mundo da prostituição, deixam o catolicismo, considero importante verificar, de forma breve, como o cristianismo se relaciona com as mulheres, ou seja, qual o lugar das mulheres no cristianismo; salientar o que leva essas mulheres a se distanciarem da religião cristã. Mas como a prostituição está relacionada à sexualidade, considero importante situar, antes de tudo, como o cristianismo lidou com a sexualidade na história da humanidade, pois esta relação pode ajudar a analisar a relação das mulheres com a religião católica.

Uta Ranke ~ Heineman (1996), considerada a mais importante teóloga do mundo, ao pesquisar regras e virtudes da Igreja sobre a sexualidade feminina desde o período anterior à Era Cristã até o século XX, apresenta como a sexualidade foi entendida nos diferentes momentos da história do cristianismo. Segundo a pesquisadora, o autocontrole do sexo tem origem anterior ao cristianismo. Afirma: *“O ato sexual é apresentado como ato perigoso, difícil de controlar, prejudicial à saúde e extenuante. Platão, Aristóteles e o médico Hipócrates, (século IV a.C.), todos o viam dessa forma.”* (HEINEMAN, 1996, p. 22) Também o ideal de virgindade não iniciou com o cristianismo. No século I d.C. o taumaturgo Apolônio de Tiana fez voto de castidade e o manteve por toda a vida. A moralidade sexual cristã sofreu influências do judaísmo e do gnosticismo no seu desenvolvimento.

Os considerados grandes pensadores, que contribuíram na elaboração da doutrina católica, conhecidos como padres da igreja, reforçaram a moral sexual cristã que perdura até a atualidade. Segundo Uta Ranke ~ Heineman (1996), um desses homens é Santo Agostinho:

O homem que fundiu o cristianismo com o ódio ao sexo e ao prazer numa unidade sistemática foi o maior dos Padres da Igreja, Santo Agostinho (m.430). Sua importância para a moralidade cristã não é questionada e constitui o fundamento para a condenação da concepção “artificial” por Paulo VI (1968) e por João Paulo II

(1981). Agostinho é o pensador teológico que pavimentou o caminho, não só para os séculos, como também para os milênios que se seguiram. (HEINEMAN, 1996, p. 88)

Após Santo Agostinho outros padres da Igreja, como Jerônimo e Tomás, deram continuidade à tradição anti-sexual na qual as mulheres sofrem as consequências mais acentuadas. Para Uta Ranke ~ Heineman (1996):

A história do cristianismo é quase a história de como as mulheres foram silenciadas e privadas dos seus direitos. E se esse processo não mais prossegue no Ocidente cristão, não é graças à Igreja, mas apesar dela, e por certo ainda não foi detido na própria Igreja. (HEINEMAN, 1996, p. 140)

Nota-se que a desvalorização das mulheres na Igreja se deve, em grande parte, à interpretação de textos bíblicos por homens influenciados pelo pensamento filosófico anterior à Era Cristã. Estes varões desenvolveram uma moral sexual no cristianismo, acentuada na desigualdade entre homens e mulheres. Moral sexual que deprecia as mulheres e atribui a elas até mesmo a culpa pelo pecado do mundo.

### **3.6 Mulher, pecado e culpa**

Ao ser entrevistada, Alana diz não ter religião, porque Deus para ela é muito puro. Afirma:

[...] Deus é puro e eu faço coisa errada, eu acho que estou em pecado eu não quero. Porque Deus é muito especial pra mim, quando eu rezo, peço alguma coisa pra ele, [...] às vezes ele não dá, entendeu? Às vezes para ter contato com Deus a pessoa tem que ficar pura. [E o que é ser pura?] É não fazer coisa errada, não se prostituir, não sair com homem casado, não ficar com vários homens, ficar nua perto de homem, tirar a roupa perto de homem. Acho isso pecado, não de agrada [Deus].

Na compreensão de Alana existe distância entre Deus e a mulher que pratica prostituição, porque Deus é puro e a mulher encontra-se em pecado. Sendo assim, a mulher não se sente “digna” de se aproximar de Deus. Esse sentimento de Alana não é isolado na história da humanidade, pois há estudos sobre a relação entre as mulheres e as religiões, sobretudo a concepção que a religião cristã construiu sobre mulheres. Pesquisadoras feministas mostram que há uma construção social e histórica na qual as mulheres são vistas como inferiores aos homens, e o cristianismo reforçou essa desigualdade elaborando uma teologia centrada no masculino.

Mary Daly (1994) doutora em teologia e filosofia, ao escrever ensaios sobre o cristianismo depara com contradições históricas e frustração das mulheres. Aponta que a mulher era um pouco mais respeitada se tornasse mãe, sobretudo se gerasse filhos homens, que eram mais valorizados. Se um casal não gerasse varões, acreditava-se que a culpa era da mulher.

Outro fator que contribuiu para a inferioridade da mulher no Antigo Testamento foi a importância que autores cristãos deram ao relato do Gênesis sobre a criação de Eva a partir da costela de Adão, sendo Eva a tentadora de Adão no Paraíso. São interpretações que causaram danos às mulheres, pois perpassaram inúmeras gerações reforçando a desigualdade entre homens e mulheres. O conceito difundido é que, após o pecado de Eva todas as mulheres já nascem com o pecado original e são culpadas pelo pecado do homem, pois na interpretação do mito, Eva induziu Adão a pecar. Sendo assim, ela é responsável também pelo pecado dele. Para Luiza Tomita (2006), embora haja uma revolução sexual e atuação dos movimentos feministas nas últimas décadas, as mulheres ainda continuam sendo atingidas pela teologia da renúncia e do sacrifício, pois foram definidas ao longo da história, como seres-para-o-outro, tanto material quanto sexualmente. Às mulheres é negado o direito de ter desejos, pois seus corpos são sinais de sedução, de tentação e de pecado. Aponta:

No Cristianismo, as figuras de Eva e Maria são imagens paradigmáticas de como a religião contrapõe as mulheres segundo a forma como elas vivenciam a sua sexualidade. Eva, por ter vontade própria, representa a perda do Paraíso, e Maria simboliza a submissão, a obediência e por isso, torna-se a detentora de todas as graças divinas. A ambiguidade dessas construções teológicas sustenta a repressão sexual das mulheres, definindo o lugar que elas devem ocupar na sociedade e na Igreja. Existe um vínculo entre sexo e mal, [...] (TOMITA, 1994, p. 152).

Luiza Tomita (1994) continua sua reflexão afirmando que a passagem bíblica da criação do mundo tenta convencer de que Eva foi retirada da costela de Adão, e por essa história as mulheres são sacrificadas. Embora sendo um mito, essa passagem do Gênesis tem sido a responsável pela representação teológica das mulheres e seus corpos e ainda causa impactos em suas vidas na sociedade atual. “*A costela removida tornou-se um objeto, um ‘outro’, separado da criação original de Deus, o varão. É esta a função das mulheres na religião: ser o ‘outro’, a estrangeira em relação à divindade.*” (TOMITA, 1994, p. 153). Nesse sentido o corpo das mulheres é visto como algo defeituoso, suspeito e provocador de pecado.

Ao contrário de Eva, a figura de Maria no Novo Testamento representa a ambiguidade da construção da identidade das mulheres: virgem e mãe ao mesmo tempo. Luiza Tomita, afirma:

O sexo, que é o maior trunfo das mulheres, agora se torna motivo de desgraça ou de ocultamento. Assim, percebe-se que toda a ambiguidade que recai sobre o corpo das mulheres está representada na contraposição entre Eva, a pecadora, e Maria, virgem e mãe redentora. (TOMITA, 1994, p. 153).

Certas interpretações sobre a figura de Maria podem interferir na relação de algumas categorias de mulheres com a mesma. O fato das mulheres que praticam a prostituição não expressar explicitamente aproximação com Maria pode estar relacionado à questão da pureza atribuída a Maria e o sentimento delas de estar em situação de pecado.

A expressão de Alana, ao dizer que *“para ter contato com Deus a pessoa tem que ficar pura, que Deus é muito puro”* está carregada da interpretação de que a divindade é pura e a mulher é pecadora.

Záira Ary (2000), ao pesquisar o masculino e o feminino no imaginário católico, refere-se às dificuldades do catolicismo com relação à sexualidade, mostra as razões históricas dessa construção de pensamento. Para ela, as mulheres são desvalorizadas como mulheres, na religião católica, em decorrência de certas interpretações de textos bíblicos, como no relato da criação do mundo por Deus – relato javista do Gênesis – que descreve que a mulher é retirada da costela de Adão para com ele procriar, sendo assim, considerada um ser de segunda categoria e complemento do homem. Assim é apresentada a figura de Eva, a ser reconhecida como símbolo de culpa e de sexo frágil para as mulheres. Záira Ary (2000) afirma:

[...] Como herdeiras de Eva, as mulheres seriam culpadas da perda do Paraíso, pela incitação ao “pecado original”, e, em consequência disso, culpadas também de muitos males que afligem os seres humanos, como, por exemplo, “trabalho duro para os homens” e “parto doloroso para as mulheres” etc. [...] Como “sexo frágil”, e, portanto, vulnerável à tentação da “serpente = demônio” as mulheres como Eva [...] seriam igualmente seres “sexualmente perigosos” e prejudiciais aos homens, na medida em que seriam capazes de desviá-los de seu destino de “perfeição espiritual”, aí compreendido aquilo que chamam de “perfeição racional”. (ARY, 2000, p.77)

Ivone Gebara, ao fazer uma reflexão sobre causas antropológicas e culturais de resistência à autonomia e à libertação da mulher, ressalta que a interpretação do mito de Adão e Eva acarretou, como consequências, diversos desdobramentos, entre estes o comportamento da Igreja em relação à mulher, ao longo dos séculos. Aponta:

A mulher foi assimilada à fraqueza da carne, à sensualidade, à volúpia, à tentação, ao pecado, enfim, considerada um ser humano pela metade. Alguns chegaram a afirmar que a mulher era um semi-homem, ou um homem pela metade. (GEBARA, 1989, p. 28)

Esse conceito, elaborado culturalmente, se deve à percepção profunda do poder da mulher como mãe dos viventes. Assim sendo, a mulher é considerada, não mais como o segundo sexo, aparentemente frágil e desprotegido, mas como um símbolo maior para a humanidade, homem e mulher.

Segundo Ivone Gebara (1989), o corpo do ser humano é lugar teológico de manifestação da divindade, por isso é importante à teologia moral sexual rever a responsabilidade dos corpos e perceber o quanto a Igreja sobrecarregou de pecado o corpo da mulher e responsabilizou-a pela vida.

Ivone Gebara (1991), ao fazer uma reflexão sobre o poder e o não poder das mulheres na religião, ressalta quanta agressão se fez ao corpo das mulheres, em nome de uma teoria legitimada por Deus à imagem do masculino.

[...] todo um comportamento que identificou o corpo da mulher ao corpo de pecado, que culpabilizou seu corpo, seu sexo, seu desejo e para resgatá-lo falou da virgindade, da maternidade, do serviço como 'ideais' para toda mulher 'ideal'. (GEBARA, 1991, p. 33)

Záira Ary (2000) cita falas do teólogo Hoornaert sobre as razões históricas do celibato, que pode ter marcado o cristianismo criando distância entre a religião e a sexualidade. Afirma:

Essa condenação da sexualidade é justamente uma coisa tão profunda, eu não diria que no cristianismo como prática da fé, mas no cristianismo como história, que quando nós tivemos, por exemplo, há séculos e séculos atrás, experiências religiosas, praticamente sempre, essas experiências foram ligadas a experiências em relação ao corpo. Parece que o desejo de Deus, que é inerente à religião, é conflituoso com o desejo do corpo. [...] Todo o sistema católico, no fundo, é baseado na aplicação desses homens e mulheres que eram camponeses egípcios. A fim de encontrar Deus, eles faziam assim uma experiência extrema no nível corporal, no isolamento quase absoluto. [...] O cristianismo dos primeiros cristãos lutava contra isso, a luta era contra a definição de que encontrar-se com Deus significava lutar contra o corpo. Isso nasceu no Egito e se desenvolveu em seguida. (Apud. Ary, 2000, p. 49)

Hortência expressa que uma mulher se distanciou dela em uma das igrejas católicas, em Santo Amaro, depois de saber que ela praticava a prostituição. Expressa:

[...] Eu quando estava na Senador, [rua onde encontrava com clientes] eu fui à igreja e tinha uma senhorinha perto de mim e uma criança. Eu apareci na Igreja, ela não viu de onde eu vim. Aí quando foi um fim de semana, ela passou e me viu no ponto, aí passou para o outro lado da rua, e lá na igreja ela sentou em outro lugar.

Segundo Hortência, a mulher que está se prostituindo fica distante da religião porque ela sente que não é bem vista, sente-se discriminada e julgada. Afirma:

Quando alguém aborda uma mulher que está se prostituindo, as pessoas às vezes não pergunta assim: “O que te levou a isso? Mas começa falar um monte de coisa. “Olha se você continuar assim, você vai para o inferno, você está condenando seu corpo a isso, a aquilo...” começa a fazer um julgamento. [...]. Ela começa a dizer coisa que a pessoa fica espantada, se sente... Meu Deus! Não sou nem digna de estar na presença de Deus! Se Deus vai me julgar, por causa disso, daquilo, vai me condenar. Então eu não sou nem digna. Aí eu tenho que me livrar de tudo aquilo para ser aceita por Deus, mas se estou numa situação perdida, achando que tudo está escuro pra mim, como eu vou largar tudo, se estou pagando aluguel, se estou me sustentando com aquele dinheiro, fica difícil né? De jogar tudo naquela hora e dizer: agora vou para a igreja e seguir a Cristo. E amanhã quem vai pagar meu aluguel que está vencendo? E o meu gás que está acabando? E o meu compromisso lá, que pago uma pessoa para olhar o filho? Quero dizer: eu não tenho uma estrutura de vida, e de repente uma pessoa fala um monte de coisa na minha cabeça e eu tenho que largar tudo.

Para Margarida, mulheres que praticam a prostituição entram em certas igrejas cristãs já desconfiadas, interpretam as falas das(os) pastoras(es) de acordo com sua situação pessoal. Aponta:

E muitas [mulheres] iam para a Igreja Universal quando começou a surgir e tal. [...] Aquela parte que fala na Bíblia, da prostituta, então, muitas que vão, elas falam: olha o pastor falou aquilo pra mim. Eu senti que foi pra mim. Já foi cismada com aquilo, aí na hora que ele falou aquilo, achou que foi pra ela. Foi comigo...

A cisma que relata Margarida, é a culpa que a mulher carrega em decorrência da atividade da prostituição, que a leva a interpretar a fala das(os) líderes das igrejas de acordo com a realidade que vive.

Para Dirce, as mulheres que praticam a prostituição se distanciam das igrejas devido ao preconceito que se tem para com elas. Afirma: *“Eu não sei muito, mais tem umas [mulheres] um pouco mais religiosas, elas vão à igreja às vezes, mas devido ao preconceito da sociedade muitas se afastam da igreja, devido discriminá-las tanto”*.

Segundo Mary Daly (1994), as expressões do Novo Testamento, que refletem o antifeminismo da época, não vêm de Jesus. Não há registro de nenhum discurso de Jesus que

configure discriminação às mulheres, ao contrário, o comportamento dele para com elas é que causa impacto. Aponta:

O comportamento de Jesus frente à mulher samaritana confundiu, inclusive, os seus discípulos, que se surpreenderam ao ver que ele fala em público (Jo 4,27). Logo está em defesa da mulher adúltera, que segundo Moisés, devia ser apedrejada. (Jo 8, 1-11). Está no caso da prostituta cujos numerosos pecados ele perdoou porque havia amado muito. (Lc 7,36-50) Nas narrações do Evangelho, a estreita amizade de Jesus com algumas mulheres se manifesta no contexto da crucificação e ressurreição. (DALY, 1994, p. 66) apedrejada

Pelos dados coletados nas entrevistas, nota-se que as mulheres percebem que a atribuição do pecado às mulheres não tem origem em Jesus. Demonstram confiança em Deus, Jesus e rejeitam o intermédio de igrejas para viver a fé.

Outra personagem da Bíblia, que foi tratada na história do cristianismo como pecadora, foi Maria Madalena. Marcia Moya Rodríguez (2008), ao falar sobre a interpretação de Maria Madalena como mulher pecadora, possuidora de demônios e que busca arrependimento, afirma:

[...] Maria Madalena foi tratada através da história cristã, como o mito da pecadora redimida. De prostituta passou a santa e tem sido, no imaginário coletivo, um exemplo de vida cristã; isso serviu para reforçar, como se na verdade Maria Madalena tivesse sido prostituta. Por falta de dados históricos sobre ela, o protótipo religioso e eclesial a modelou como uma mulher arrependida de seu passado, que se libertou de sua vida viciada e sem sentido, graças à intervenção de Jesus. (Apud. RODRÍGUEZ, 2008, p. 9)<sup>46</sup>

No século XIX o perfil de Maria Madalena foi utilizado para difundir as ideias da sexualidade, do amor, do pecado e a posição das mulheres na sociedade burguesa:

A figura de pecadora serviu como modelo para justificar a inferioridade moral das mulheres. Somente no século XX a luta pela emancipação dos direitos das mulheres, incluindo as prostitutas, tem posto em questionamento todos os protótipos construídos e divulgados pelos homens. (RODRÍGUEZ, 2008, p. 10)

Ivone Gebara (2010), ao fazer uma reflexão sobre o papel das religiões na vida das mulheres, salienta que as religiões nascem como expressões da criatividade humana, a partir da realidade e das próprias necessidades das pessoas, mas que ao longo da história são

---

<sup>46</sup> O texto original de Marcia Rodríguez Moya está em espanhol. Todas as citações textuais são traduções próprias.

transformadas em superestruturas que acentuam o dualismo antropológico entre a realidade da vida e as coisas da religião.

As religiões deixam assim, de ser coisas nossas, ligadas aos mistérios de nossa vida, de nosso corpo, de nossas emoções diante do mundo, para se transformarem em sistemas de poder atuando sobre nós. (GEBARA, 2010, p. 43)

Embora as religiões se transformem em sistemas de poder elas podem ter papéis contraditórios, pois dependendo da denominação religiosa ou até mesmo do perfil do grupo religioso, pode reforçar a culpa e dificultar a vivência da dignidade do ser mulher ou ser uma força positiva na vida das mulheres.

Nota-se que a manifestação de Deus na vida das mulheres vai além da religião, da participação delas em igrejas. As religiões parecem ser as agenciadoras privilegiadas da Revelação de Deus, mas não suas detentoras. Nos momentos de desespero, de angústia, dos conflitos familiares a fé em Jesus Cristo dá sentido ao sofrimento e esperança pra superá-los. *“Na experiência religiosa das mulheres elas geralmente identificam seus sofrimentos com o sofrimento de Jesus.”* (GEBARA, 2000, p.226). Deus para elas é uma relação na vida cotidiana das ocupações e preocupações femininas.

Se tratando de mulheres que praticam a prostituição, embora os dados das entrevistas não mencionem aproximação das mesmas com a igreja católica e com Maria, atitudes cotidianas dessas mulheres apontam valores do catolicismo. Nas celebrações, de Natal, Páscoa, Dia das Mães realizadas no Projeto Antonia, as mulheres tem forte participação. A celebração do Natal proporciona a entrarem em contato com a própria história familiar na qual Maria a Mãe de Jesus, parece ser uma figura com a qual se identificam pela maternidade, cuidado com as(os) filhas(os).

Ivente Dal Farra (2002) ao pesquisar as representações de Maria para mulheres que praticam a prostituição no centro da capital de São Paulo, afirma:

As mulheres prostitutas reconhecem em Maria, uma força divina e ao mesmo tempo, muito humana. Apresentam uma outra imagem, uma outra Maria. Uma Maria próxima, que assume característica de mãe, de amparo proteção, que as acolhe, independente de suas opções de vida. (FARRA, 2002, p. 42)

Nesse sentido Maria representa, aquela figura da divindade que leva a ir ao encontro da (o) outra(o), sobretudo entrar em sintonia com as questões familiares.

Deve-se enfatizar que existem contradições e ambiguidades na relação das mulheres que praticam a prostituição com as religiões, sobretudo a religião católica. Interpretações

religiosas machistas, patriarcais e moralistas nem sempre são impedimentos na vivência da fé cristã dessas mulheres.

Na trajetória de vida religiosa das mulheres que praticam a prostituição aparece o cristianismo e a Umbanda. Ambas as religiões tem figuras femininas com as quais essas mulheres se relacionam de alguma forma. Considero importante explorar essas duas figuras percebendo o que tem em comum e o que se opõe entre elas.

### **3.7 A Pombagira X a Virgem Maria**

Nos dados coletados com as mulheres chama a atenção não terem mencionado explicitamente a figura de Maria na trajetória religiosa delas. Referiram-se a Deus, Jesus como protetor, cuidador, aquele ao qual se dirige nos momentos difíceis da vida, mas sequer citou o nome de Maria. De outro lado todas de certa forma mencionaram a Pombagira. Esta constatação leva-me a verificar a visão, tanto do Catolicismo quanto da Umbanda sobre as mulheres.

Maria, no cristianismo, e a Pombagira, na umbanda são personagens femininas de suas respectivas religiões, que têm imagens representativas distintas para as mulheres. Estas representatividades explicam a identificação das mulheres que praticam a prostituição com a Pombagira, embora elas sejam de origem católica.

Nilza Lagos (2007) faz uma comparação entre as figuras de Yemanjá, Pombagira e Maria. Afirma:

[...] trazendo a relação que pode haver entre a moralização de Yemanjá, que guarda semelhança com Nossa Senhora, e a criação da figura da Pombagira pela umbanda que coloca nela toda a carga da sexualidade e feitiçaria, separando o bem e o mal. A Pombagira, assim, é portadora de uma carga de sexualidade pela qual o mal se apresenta, resguardando-se a figura de Yemanjá com a pureza de Maria. No entanto todas as Pombagiras são Marias: Maria Molambo, Maria Padilha, entre outras. (LAGOS, 2007, p. 38)

Embora a figura da Pombagira propicie diversas discussões e confusões, pois para uns é adorada e boa, enquanto para outros é considerada má e perigosa, Nilza Lagos (2007) aponta que a Pombagira se apresenta de forma amoral, atende aos pedidos de forma direta, sem questionar se são éticos ou não. Ela realiza desejos das mulheres com relação à conquista de namorados ou de maridos. É procurada pelas mulheres para resolver problemas relacionados ao amor. Ao se tratar de relacionamento, ela é quem comanda, seduz, domina, e tem como primordial, para o encantamento e para exercer o poder, o sexo. Junto às mulheres,

tem de dar amor e evolução espiritual e material. Nilza Lagos (2007), citando o babalorixá Carlos de Ogum, afirma que as Pombagiras *“foram mulheres traídas, maltratadas, hoje vêm ensinar às mulheres ‘vivas’ a se defenderem dos homens. Há, portanto, uma troca do mundo espiritual com o mundo material, que vai refletir no cotidiano das mulheres.”* (Apud.LAGOS 2007, p. 30). Mulheres que sofreram diversos tipos de violência, praticavam a prostituição, faziam uso de bebidas e cigarros, e que podem voltar como Pombagiras:

Ela é sobrenatural, é o espírito de uma mulher que já viveu neste mundo, teve vida infeliz por causa do poder masculino. As histórias das mulheres estão relacionadas à história de opressão às mulheres. (LAGOS 2007, p. 33).

Percebe-se que a Pombagira está relacionada às questões da sexualidade. Talvez seja essa a razão de ser estigmatizada e estar associada à prostituição. Essa associação pode ser uma forma de tentar o controle da sexualidade das mulheres que estão fora dos padrões sociais estabelecidos pela sociedade.

A Pombagira está associada aos poderes sobrenaturais de enfeitiçar e dominar os homens. Para Nilza Lagos (2007), nisso estão embutidos os desejos vetados às mulheres, relacionados à sexualidade reprimida e à desobediência ao poder dos homens. Afirma:

O sexo, que na vida cotidiana é tratado como futilidade, pecado, algo proibido, na figura da Pombagira é liberado, assumido também como direito feminino. Por isso elas lutam pelo homem, mas também contra a forma instituída de ser propriedade do homem. (LAGOS 2007, p. 43).

Nota-se que Pombagira é um espírito de mulher associado à sexualidade, que tem a função de ajudar outras mulheres a se defenderem do poder dos homens. Sexualidade e poder parecem ser duas dimensões fortes da entidade.

Ao contrário da Pombagira, Maria é descrita e venerada como uma mulher pura, casta, sem pecado; mesmo sendo mãe, continuou sendo virgem. Um ser espiritual repleto de humildade, submissão e obediência a Deus. A mulher do silêncio, que não expressa desejos. Luiza Tomita (2006) aponta, ao falar da construção teológica de Maria:

O desejo foi causa de perdição da humanidade: desejo de autonomia, desejo de tornar-se poderoso como Deus, desejo de tantas coisas que Santo Agostinho, no século VI, resumiu como ‘desejo sexual’, lascívia. Assim, o sexo ficou estreitamente ligado ao pecado, de forma que todas as atividades sexuais que não tivessem a finalidade reprodutora fossem consideradas pecaminosas, pois frutos da concupiscência e da luxúria, sendo, por fim, rotuladas como pecado mortal. (TOMITA, 2006, 155)

Para Uta Ranke ~ Heineman (1996), do ponto de vista da Igreja Católica, é a melhor mulher de quem menos se fala, a quem menos se olha e de quem menos se houve falar.

E como já foi citado anteriormente nessa pesquisa, à mulher é atribuído o pecado do mundo, e o corpo é motivo de tentação, por isso é aconselhado menosprezá-lo. A mulher é considerada um ser de segunda classe em relação ao homem.

Considero desnecessário ressaltar mais as características de Maria no cristianismo, sobretudo do catolicismo, uma vez que isso já foi ressaltado anteriormente. Essa breve síntese da representatividade da Pombagira e de Maria é suficiente para entender o motivo pelo qual as mulheres, após entrar no mundo da prostituição e aproximam da umbanda.

Sexualidade e relações de poder são questões entendidas de formas distintas no cristianismo e na umbanda. São diferentes também nessas religiões as interpretações das personalidades religiosas femininas, a Pombagira e Maria. No cristianismo, Maria tem uma representatividade para as mulheres como pura, que não teve pecado, obediente, recatada, que não explicita sua sexualidade. Na umbanda, a Pombagira é conhecida como entidade que foi uma mulher marcada pelo sofrimento, em vidas passadas. Representa a mulher liberal em sua sexualidade e sedutora. Esse pode ser um dos fatores que explica a identificação das mulheres que praticam a prostituição com a Pombagira e não com Maria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa retomo o caminho percorrido com o objetivo de perceber até que ponto da investigação foi possível chegar com esse trabalho, e o que ela aponta para futuras investigações.

Começar essa pesquisa situando a prostituição na história da humanidade, as diversas significações que o fenômeno recebe em cada período histórico foi de suma importância para ajudar a compreender a prostituição na atualidade. Considero que as modalidades da prostituição hoje não são isoladas do processo histórico. E se tratando de prostituição e religião, nota-se que é uma relação antiga. As(os) autoras(os) que recorri para esse tema apontam que diferentes significações que a prostituição adquiriu na história, parte delas tiveram contribuição das religiões, entre essas(es) Nickie Roberts (1992) e Paulo Ceccarelli (2008) mencionam influência do cristianismo na diferentes compreensões sobre a prostituição.

Outro dado que considero importante destacar nesse capítulo é como a medicina se ocupou em debater o tema da prostituição no Brasil, prostituição e epidemias, sobretudo a sífilis, foram assuntos de discussão dos médicos. E daí vem o debate no meio político sobre a legislação, legalização e regulamentação da prostituição. Posições diferentes sobre a regulamentação da prostituição que até a atualidade está em aberto. Posições distintas também sobre o fenômeno, entre os movimentos feministas e até das próprias mulheres, pois há mulheres que praticam a prostituição que desejam que a atividade seja reconhecida como profissão, outras não devido praticar a atividade no anonimato.

Ao aproximar da realidade geográfica onde se deu a pesquisa, Santo Amaro - São Paulo - entusiasmei com a história do lugar a ponto de voltar às origens da região no século XVI. Essa viagem ao passado teve o objetivo de averiguar a história da prostituição no local, o período em que se concentrou na região, porém essas informações não foram encontradas nos registros históricos consultados e o limite de tempo dessa pesquisa não permitiu averiguar outras fontes, como me foi sugerido: os registros policiais e de hospitais, uma vez que a prostituição nesse período histórico era assunto da medicina e provavelmente da polícia. Sendo assim, investigar esse assunto pode ser tema de futuras pesquisas.

Sobre a prostituição atual em Santo Amaro foi possível levantar bastante dados e realizar um mapeamento dos prostíbulos, conhecer suas modalidades, a forma de divulgação da prostituição e perceber como essa realidade é visível a quem conhece a sua dinâmica, pois

está presente nas propagandas, nas fachadas das casas, na grande quantidade de mulheres que frequentam esses lugares, porém é invisível para quem não tem conhecimento sobre essa realidade. Quando comento com as pessoas sobre a prostituição nessa região, a maioria demonstra surpresa e desconhecimento dessa realidade em Santo Amaro. Esses dados sobre a prostituição em Santo Amaro, até o momento, parecem não terem sido levantados pelas pessoas que escreveram sobre a região. Constatei uma invisibilidade da prostituição nas pesquisas realizadas sobre Santo Amaro. Parece que as(os) pesquisadoras(o) não tiveram “olhos” para essa realidade nessa região.

No que se refere à religião, notei que está muito presente na vida das mulheres que praticam a prostituição, sobretudo é forte a presença da umbanda. Grande parte das mulheres tem como religião de origem o cristianismo, sobretudo o catolicismo, passa por igrejas evangélicas e ao se inserir no mundo da prostituição se aproxima da umbanda. As mulheres entrevistadas não assumem que são adeptas da umbanda, mas demonstram aproximação e conhecimento sobre esse culto. Enfim, sendo adeptas ou não da umbanda, expressam já terem sido convidadas a solicitar trabalhos nos terreiros, com o objetivo de ganhar mais dinheiro na prostituição.

A umbanda é presença marcante no interior dos estabelecimentos de prostituição. A entidade umbandista mais cultuada nesses estabelecimentos é a Pombagira. São perceptíveis os objetos de culto a ela: imagens, flores, incenso, velas, entre outros. As gerentes ou donas de estabelecimentos falam com muita propriedade sobre as entidades que cultuam em seus estabelecimentos, deixando claro que a “casa” tem uma entidade à qual elas cultuam e, pessoalmente, cada uma delas venera a sua entidade particular. Ou seja, a Pombagira cultuada na casa nem sempre é a Pombagira pessoal da proprietária ou gerente. Notei também que as mulheres são incentivadas a fazer oferendas a essas entidades com o objetivo de ganharem mais dinheiro.

Constatei ainda, que embora o catolicismo tenha Maria como figura feminina exponencial da religião, ela não representa as mulheres em situação de prostituição que atuam na região de Santo Amaro. Em nenhum momento mencionaram o nome de Maria nas entrevistas. Investigando a representatividade de Maria no cristianismo, e a da Pombagira na umbanda, percebi que a interpretação de Maria, dada pelo cristianismo, como modelo de mulher, não representa as mulheres que praticam prostituição, pois esse modelo apresenta Maria como uma mulher assexuada, pura, contida, que não expressa sua sexualidade. A interpretação e as representações da Pombagira são o oposto às de Maria. É considerada uma

divindade que foi uma mulher, que teve uma vida de sofrimentos, decepções, sobretudo com relação aos homens, e que ao morrer passou a ser uma divindade para ajudar outras mulheres. É uma divindade considerada liberal, que expressa sua sexualidade através da sedução, da dança, do corpo. Sendo assim, as mulheres que praticam a prostituição, que utilizam a sedução do corpo e do sexo como trabalho, se identificam mais com a Pombagira, pois é a divindade que mais se aproxima de suas realidades.

Observo que há uma ambiguidade na trajetória religiosa das mulheres porque preservam princípios da religião cristã, do catolicismo manifestando solidariedade entre elas, no cuidado com os familiares, o sentido da maternidade para algumas, e de outro lado sentem-se culpadas, que estão em situação de pecado por estarem na prostituição. A umbanda aparece como a religião delas enquanto mulheres que praticam a prostituição, pois responde suas necessidades individuais na prostituição, a relação com a entidade se dá em uma espécie de troca ou se pode chamar de compra de “serviços” da entidade para que “trabalhe” na atividade da prostituição. Percebo as famílias das mulheres não tem contato com a umbanda, filhas (os) são evangélicas(os) ou católicas(os) o que demonstra que a participação na umbanda é influência da prostituição.

Embora possibilitasse várias constatações, esta pesquisa não esgotou o assunto. Ao contrário, deixa em aberto temas para futuras investigações, sobretudo a relação das mulheres que praticam a prostituição e a religião cristã.

Foi-me sugerido investigar como as mulheres da região de Santo Amaro que não atuam na prostituição, se relacionam, se sentem com relação às mulheres que praticam a prostituição nessa região; como se dá essa convivência; e se as mulheres que atuam na prostituição podem ser consideradas uma “tribo urbana”, conceito definido por alguns antropólogos que estudam a cidade. Porém, devido à escassez do tempo e o recorte da pesquisa, não foi possível entrar nesses temas. Considero-os importantes e os acolho como sugestões para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Mariana L; SCOPINHO, Rosimeire A. **Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis, SC. Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis, UFSC, 2013. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/site/anaiscomplementares>> Acesso em: 15 de fev. de 2013.
- ALMEIDA, Mariana Caldeira Brandt. Daher, Frederico. **As características da prostituição feminina na rua augusta, São Paulo – SP, e sua implicação no turismo.** <[http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/i\\_semana\\_cientifica/tcc\\_resumos/15070E70-8250-43CA-9252-5DC102FC2.pdf](http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/i_semana_cientifica/tcc_resumos/15070E70-8250-43CA-9252-5DC102FC2.pdf)> Acesso em: 16 de Out. de 2011.
- ALVES, L. C. **A influência da religião na vida das mulheres em situação de prostituição: uma abordagem de gênero.** Belo Horizonte. s. n. 2010. 66p. (Conclusão da especialização) – PUCMINAS
- AMARAL, Leila. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF . **Magnani, José Guilherme.** *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*, São Paulo, Studio Nobel, 1999, 143pp. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000200014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000200014&script=sci_arttext)> Acesso em: 03 de set. de 2013.
- ARRUDA, Jocelaine E. S; LUZ, Nanci S. **Mulher vítima de violência: desbravando as razões da culpa feminina.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis, SC. Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis, UFSC, 2013. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/site/anaiscomplementares>> Acesso em: 15 de fev. de 2013.
- ARY, Zaíra. **Maculino e feminino no imaginário católico.** São Paulo, Annablum, 2000. 273p.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTO AMARO – ACSA - Jubileu de ouro da Distrital Santo Amaro.** São Paulo. 2001.
- BAENINGER Rosana. São Paulo e suas migrações no final do século 20 <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n3/v19n3a08.pdf> >
- BARRETO, Letícia C. **Prostituição gênero e trabalho.** Rio de Janeiro, Multifoco, 2013. 247p.
- BARRETO Lourdes. **Lourdes Barreto na CPI do Tráfico Humano.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-16Uq6YTy0Q>>. Acesso em 09 de fev. de 2014.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: a experiência vivida.** Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. 500p.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência sexual.** Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2006. 252p.

BERARDI, Maria Helena. **P. Santo Amaro** - Série: História dos bairros de São Paulo IV. Prefeitura Municipal – Secretaria de Educação e Cultura – Departamento de Cultura.

BERNARDO, Terezinha. **Negras, Mulheres e Mães**: lembrança de Olga de Laketu. Educ. São Paulo/Rio de Janeiro, 2003. 194p.

BERNARDO, Terezinha. **Memórias em branco e negro**: olhares sobre São Paulo. UNESP, São Paulo, 1998. 207p.

BRIVIO, Gustavo R. B; SANDENBERG, Cecília M. B.: Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico. Pag. 39 - 66. In: COSTA. A. A. A. (Org) **Estudos de gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano**. Coleção bahianas. Salvador, Edufba, 2011.

BUSIN, Valéria M. Religião sexualidade e gênero. In: **REVER**. São Paulo, Paulinas, n.01 (jan/fev), 2011.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **A prostituição – corpo como mercadoria**. in: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/prostituicao.pdf>> Acesso em: 04 de abr. de 2014.

CONHEÇA O MAPA DA PROSTITUIÇÃO EM SÃO PAULO: Prostitutas chegam a aceitar até cartão de crédito. R7 Notícias. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/conheca-o-mapa-da-prostituicao-em-sao-paulo-20120625.html>> Acesso em: 06 de abr. de 2014.

COSTA, Emerson. *O Transito Religioso e a recomposição das formas religiosas*. Paraíba: Editora Universitária da UFPB. 2012. 145p.

COSTA, Jurandir, F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Gaal, 2004. 282p.

CUNHA, Helenice R. **Padrão PUC MINAS de normalização**: normas da ABNT para apresentação de teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: [http://www.pucminas.br/documentos/normalizacao\\_monografias.pdf](http://www.pucminas.br/documentos/normalizacao_monografias.pdf) Acesso em: 04 de abr. de 2014.

DESLANDES, Sueli, F. O projeto de pesquisa como exercício e artesanato intelectual. In: SOUZA, Maria Cecília. (Org) **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2008.

DIEHT; Astor A; Tatim, Denise C. **Pesquisa em Ciências Sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo, Pearson, 2006.

DOWELL, João A. Mac. **Experiência religiosa e cultura moderna**. <<http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/revistainteracoes/article/viewFile/54/62>> Acesso em: 29 de Mar. de 2012.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo, Brasiliense, 1989. 149p.

FANGANIELLO, Ana Luiza S. **Profissionais do sexo e auto-imagem na cidade de São Paulo**. 2008. Disponível em:  
<[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=9979](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9979)> Acesso em: 14 de Nov. de 2013

FÁVERI, Marlene. As Piriguetes de Floripa : praticas contemporâneas de propaganda de sexo pago. Pag. 17 - 43. In: FÁVERI, Marlene, SILVA, Janine G. (Org) **Prostituição em áreas urbanas: História do Tempo Presente**. Santa Catarina, UNDESC, 2010.

FARIA, Nalu; COELHO, Sônia; MORENO, Tica. **Prostituição: uma abordagem feminista**. In: Publicação da SOF Oraganização Feminista. São Paulo, Dez. 2013. Disponível em:  
<<http://www.sof.org.br/artigos/prostitui%C3%A7%C3%A3o-uma-abordagem-feminista>>Acesso em: 1 de Mai. de 2014

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. Pag. 141- 188. In: PRIORE, Mary. (Org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2011.

FIORENZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1993. 398p.

FRANKE, Edith. **Feminist orientation as an integral part of religious studies**, nº2, ano1, 2001.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**. São Paulo: Paulinas, 2000. 113p.

GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina**. Paulinas: São Paulo, 1989. 46p

GEBARA, Ivone. **O que é teologia**. São Paulo: São Paulo. Brasiliense, 2006. 69p.

GEBARA, Ivone. **Poder e não poder das mulheres**. São Paulo: Paulinas, 1991. 43p

GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos**. São Bernardo do Campo: NhandutiEditora, 2010. 256p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Disponível em: <<http://www.se-rj.com.br/IBMR/TEXTOS%20IBMR/institucional2011sem01noite/ESTIGMA.pdf> > Acesso 9 de fev de 2014.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: Como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Record, 2001, 107p.

GOMES, Silva Tânia M. \* **Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil** Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

GROSS, Rita M. **Feminism and Religion. An Introduction**, Boston, Beacon Press, 1996.

HEBERLE, Viviane M; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO. (Org.) **Linguagem e Gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Santa Catarina, UFSC, 2006.

HEINEMANN, Uta R. **Eunucos pelo Reino de Deus**: Mulheres, sexualidade e a igreja católica. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 1996. 383p.

INSTITUTO DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR. **Diagnóstico da facilidade de trabalho com mulheres em situação de prostituição na cidade de São Paulo**: relatório final da pesquisa. São Paulo, 2005.

INSTITUTO DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR. **Prostituição, entenda esse fenômeno social**. Disponível em:  
<[http://www.oblatas.org.br/artigos\\_detalhes.asp?codigo=17&categoria=3&subcategoria=2](http://www.oblatas.org.br/artigos_detalhes.asp?codigo=17&categoria=3&subcategoria=2)>  
Acesso em: 4 de abr. de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:  
<[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religio\\_De\\_ficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_De_ficiencia/tab1_4.pdf)> Acesso em: 22 de dez. de 2013.

JARSCHER, Haidi e NANJARÍ, C. Castilho. **Religião e violência simbólica contra as mulheres** Entre Nós – Assessoria, Educação e Pesquisa em Gênero e Raça, Religião; Gênero; Violência ST 62 – Direitos Humanos, Democracia e Violência  
<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST62/Jarschel-Nanjari\\_62.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST62/Jarschel-Nanjari_62.pdf)> Acesso em: 7 de Mai. de 2014.

JUSCHKA, Darlene (edit.). **Feminism in the Study of Religion: A Reader**. New York: CONTINUUM, 2001.

KEMPADOO, Kamala. **Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres**. Cad. Pagu No. 25 Campinas July/Dec. 2005. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200003)>  
Acesso em: 1 de fev. de 2014.

LAGOS, Nilza M. L. **“Arreda homem que aí vem mulher...”**: Representações de gênero nas manifestações de pombagira. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, São Bernardo do Campo, 2007. Disponível em:  
<[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/6/TDE-2007-10-31T180849Z-403/Publico/Nilza%20Menezes%20Lino%20Lagos.pdf](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2007-10-31T180849Z-403/Publico/Nilza%20Menezes%20Lino%20Lagos.pdf)> Acesso em: 23 de fev. de 2014.

LEGARDINIER, Claudine. Prostituição I. In: HIRATA, Helena et al. (Org). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 198-203.

LEITE, Gabriela. **História do Movimento de Prostitutas**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sISSYTGViJc>> Acesso em: 09 de fev. de 2014.

LEITE, Gabriela. **Política e prostituição no Brasil**. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=VTaJ4rD6QYk>> Acesso em: 09 de fev. de 2014.

LEITE, Gabriela. **Porque Gabriela gosta da palavra puta.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CvKkGPiXv0o>> Acesso em 09 de fev. de 2014.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta:** A história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro. Objetiva, 2008. 192p.

LÉGER, Danièle H. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. Petrópolis, Vozes, 2008. 238p

LELOUP, Jean-yves. **Jesus e Maria Madalena:** para os puros tudo é puro. Petrópolis, Vozes, 2007. 143.p

LEMONS, Fernanda. Discurso Religioso e Violência de Gênero: Uma análise da Linguagem Episcopal no Periódico Conexão. In: **Revista Madradora:** História, Gênero e Religião. São Bernardo do Campo, SP : UMESPAnoVII, n.7/8, p. 109-115, 2001-2002.

MAZZIEIRO, João B. **Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920.** In. Rev. bras. Hist. vol. 18 n. 35 São Paulo,1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000100012&script=sci_arttext)> Acesso em: 30 de nov. de 2013.

MINELLA, Luzinete S; FUNCR, Susana B; (Org.) **Saberes e fazeres de gênero:** entre o local e o global. Santa Catarina, UFSC, 2006.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do Sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira. São Paulo, Claroenigma, 2012. 149p.

MOURA, Elen. C. Dias. **Entre ramos e rezas: o ritual de benção em São Luiz do Paraitinga de 1950 a 2008.** 2009. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=9322](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9322) >Acesso em: 22 de dez de 2013.

MURARO, Rose M; Boff, Leonardo. **Feminino e Masculino:** uma nova consciência para o encontro com as diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 287p.

NEGRÃO, LÍSIAS. **Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil. contemporâneo.** In: Sociedade e Estado. v.23 n.2 Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a04v23n2.pdf>> Acesso: 02 de jun de 2013

OLIVAR, José Miguel N. **Devir Puta:** Políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro, eduerj, 2013. 354p.

OLIVEIRA, Eurides Alves de. ARTIGO: Gênero e ministérios na igreja. p. 255 -262. In: SOTER. (Org) **Gênero e teologia:** interpretações e perspectivas. São Paulo, Loyola, Paulinas, Soter, 2003.

OLIVEIRA, Mônica Q. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte:** o trabalho da vida nada fácil. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

PÁDUA Juliana J. A. **Da Alegoria à carnavalização do corpo prostituído: perspectivas literárias em Gabriel García Marquéz e José Donoso.** Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/sessoes.html>> Acesso 30 de out. de 2013.

PEREIRA, Ivanete. **“As decaídas”**: Prostituição em Florianópolis (1900-1940). Florianópolis: UFSC, 2004. 139p.

PHETERSON, Gail. Prostituição II. In: HIRATA, Helena et al. (Org). **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: UNESP, 2009. p. 203-208.

PONCIANO, Levino. **Bairros paulistanos de A a Z.** São Paulo: Senac, 2001. 252p.

PRANDI, Reginaldo. **Pombagira e as faces inconfessas do Brasil.** In: Herdeiras do Axé. São Paulo, Hucitec, 1996, Capítulo IV, pp. 139-164. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/23072532/Pombagira-E-As-Faces-Inconfessas-Do-Brasil-Reginaldo-Pra%E2%80%A6>> Acesso em: 01 de set. 2013.

PROCÓPIO Carlos Eduardo P. **Uma interpretação da Sociologia da Religião de Danièle Hervieu-Lèger.** In. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 3, ed. 7, mai./ago. 2009. P. 183 a 198. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/view/503>> Acesso em: 15 de jan. de 2014.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), São Paulo, Paz e Terra, 2008. 360p.

RESS, Mary Judith; CUADRA, Ute S; SJORUP, Lene. (Org) **Del cielo a la tierra**: uma antropología de teología feminista. Santiago – Chile, Cielo Azul – editorial de Mulheres, 1994. 539p.

RIBEIRO, Claudio O. **Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro: possibilidades e limites para o pluralismo.** In: Estudos de Religião, v. 27, n. 2. 53-71. jul.-dez. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/4434/3768> > Acesso em: 21 de jan. de 2014.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história.** Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. 430p.

ROCCA, Susana. **Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões.** Cadernos IHU ideias, São Leopoldo, ano 6, n. 98, p. 1-18, 2008.

ROCCA, Susana. **Resiliência: um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral.** Rocca <http://www2.dbd.pucrio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Susana%20M.%20Rocca%20L.pd> - Acesso em: 14 de Out. de 2011.

RODRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero.** In: Rev. Estud. Fem. vol.13 No. 1 Florianópolis Jan./Apr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci_arttext)> Acesso em: 13 de fev. de 2014.

RODRÍGUEZ, Marcia Moya. **María Madagdalena**. Texto apresentado no Curso de Pastoral e Relações de Gênero, promovido pelo Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e a Educação Popular. CESEP, realizado em janeiro de 2008, em São Paulo.

ROESE, A. **O Silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã: uma hermenêutica feminista**. Soter 2010.  
<[http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Aletria%2020/n%203/14-Anete%20Roese.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2020/n%203/14-Anete%20Roese.pdf)> Acesso em: Out. de 2011.

ROSADO, Maria José F. N. Religiões. In: HIRATA, Helena et al. (Org). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 213-217.

ROSADO, Maria José N. Gênero e experiência religiosa das mulheres. Pag. 13 - 28. In: MUSSKOPF, André S. STROHER, Marga J. (Org) **Corporeidade, Etnia e Masculinidade – Reflexões o I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo, Sinodal e est (Escola Superior de Teologia), 2005.

ROSCHEL, Renato. **História dos Bairros Paulistanos - Santo Amaro**. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros\\_santo\\_amaro.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_santo_amaro.htm)> Acesso em: 11 nov. 2012.

RUETHER, Rosemary Radford. Diferença e direitos iguais das mulheres na igreja. Mulher – Mulher. **Revista Concilium**, Rio de Janeiro, v. 238 n. 6 238, p.23- 31.

SANTOS, Francisco G. V; SOARES, Simone F. **Pomba-gira no imaginário das prostitutas**. Rev. *Homem, Tempo e Espaço*. Sobral (CE), setembro de 2007. Centro de Ciências Humanas/CCH. Disponível em: <[http://www.uvanet.br/rhet/artigos\\_setembro\\_2007/pomba\\_gira\\_fs.pdf](http://www.uvanet.br/rhet/artigos_setembro_2007/pomba_gira_fs.pdf)> Acesso 15 de janeiro de 2014.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru, SP, EDUSC, 2001.384 p. (Coleção Mulher). Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/60035947/Londa-Schiebinger-O-Feminismo-mudou-a-Ciencia>> Acesso em: 09 de fev. de 2014.

<[http://www.uvanet.br/rhet/artigos\\_setembro\\_2007/pomba\\_gira\\_fs.pdf](http://www.uvanet.br/rhet/artigos_setembro_2007/pomba_gira_fs.pdf)> Acesso em: 15 de jan. de 2014.

SANTOS, Miraildes B.S. **Contribuição do discurso Religioso na legitimação da violência religiosa contra as mulheres**. Dissertação de Mestrado em Teologia, Escola Superior de Teologia - Programa de Pós-graduação em Teologia. São Leopoldo, 2010. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=204](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=204)>

SANTIAGO, C. O; SANTOS, E. A vida das profissionais do sexo: vontades, frustrações e sofrimento pessoal: uma experiência tumultuada. In: **Caderno de debates Plural. Prostituição: trajetória e vida das profissionais do sexo**. Belo Horizonte, n.11, p.13-16, 1999.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru, EDUSC, 2001, 9-49; 329-351 .

SILVA, Fernanda P. A. **Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e Transformação Social.** Dissertação de Mestrado em Teologia, Escola Superior de Teologia - Programa de Pós-graduação em Teologia. São Leopoldo, 2010. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=235](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=235)> Acesso em: 04 de abr. de 2014.

SOUSA, Ilnar. **O cliente: o outro lado da prostituição.** São Paulo: Annablume, 2000. 160p.

SOUZA, Sandra D. **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas.** (Org.) São Bernardo do Campo, Universidade Metodistas de São Paulo, 2006, 167p.

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. **Revistas de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.** Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 21-29, dez. 2006.

TOMITA, Luiza Etsuko. ARTIGO: O desejo sequestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21. Pag. 147 -166. In: SOUZA, Sandra Duarte. (Org) **Gênero e Religião no Brasil.** São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

WOODHEAD, Linda. **Feminism and the Sociology of Religion: From Gender-blindness to Gendered Difference.** In: FENN, Richard K. *The Blackwell Companion to Sociology of Religion.* Oxford: Blackwell, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa. (Org.); ALMEIDA, Laurinda R; PRANDINI, Regina Celia A. R. In: **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília, 2010. P. 64-86.

TEIXEIRA, Marlene R. **A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer.** In: Katál vol.12 No. 1 Florianópolis Jan./Jun 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802009000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802009000100009)> Acesso em: 05 de abr. de 2014.

## SITES CONSULTADOS:

### A CASA & A ALMA. **Os Benefícios do Sal Grosso na Casa e na Alma**

Disponível em: <<http://acasaealma.blogspot.com.br/2013/10/os-beneficios-do-sal-grosso-na-casa-e.html>>. Acesso em: 03 de Mar de 2014.

### ORIXÁS E ENTIDADES DA UMBANDA E DO CANDOMBLÉ. **O poder das 7 ervas.**

Disponível em:< <http://lilamenez.wordpress.com/tag/ervas/>> Acesso: 03 de mar de 2014.

### UMA NOVA ERA, ALTRUISMO E ESPIRITISMO. **Significados | Ohikari. Disponível**

**em:** <<http://novaera-altruismo-espiritualismo.blogspot.com.br/2013/05/significados-ohikari.html>> . Acesso em: 03 de mar de 2014.

[http://www.ieg.ufsc.br/revista\\_detalhe.php?id=3](http://www.ieg.ufsc.br/revista_detalhe.php?id=3)>

<http://www.daspu.com.br/> Acesso em: 06 de abr. de 2014

[http://www.umbeijoparagabriela.com/?page\\_id=2579](http://www.umbeijoparagabriela.com/?page_id=2579) Acesso em: 06 de abr. de 2014.

## ANEXOS

## BREVES BIOGRAFIAS DAS MULHERES

**Alana**, nome fictício, tem 45 anos, nasceu no interior de São Paulo em uma família de duas irmãs e cinco irmãos. Com a família viveu na favela. É de cor branca, estudou até o 6º ano do Ensino Fundamental. Sua mãe era trabalhadora em serviços gerais e o pai mecânico, mas o uso de bebidas alcoólicas levou o pai a perder o emprego. Mãe e pai são falecidos.

Alana casou-se (casamento civil) aos 19 anos e foi morar no mesmo quintal da casa de sua mãe. Segundo a mesma o marido sempre teve outras mulheres, era violento com ela, agredia-a mas sempre foi atenciosa e carinhosa com ele.

Aos 42 anos arrumou emprego e rompeu-se com a relação conjugal com o marido, embora continuassem vivendo na mesma casa. Através de uma vizinha soube que a prostituição era uma forma de “ganhar muito dinheiro”, procurou se informar e através de anúncio de jornal encontrou endereços de casas de prostituição em São Paulo. Passou por locais de prostituição em diversos bairros da capital e atualmente atua em uma boate-privê na região de Santo Amaro. Nessa boate-privê passa uma parte da semana e a outra parte passa com o marido, a filha e o filho no interior.

Alana pratica a prostituição há dois anos, mas sua família não tem conhecimento dessa prática, sempre afirma que trabalha na capital como cuidadora de pessoas idosas.

Em casa contribui com a maior parte das despesas. Colabora no pagamento do aluguel da casa, da faculdade da filha e do filho, faz compras de mercado semanal entre outras necessidades da filha e do filho.

Quanto à religião, sua família era católica, ela e sua irmã e irmãos são batizadas/os na igreja católica, foram crismados e participavam de missas. Sua mãe passou a frequentar uma igreja evangélica da qual também participou por um tempo. Atualmente se declara sem religião.

**Cecília**, nome fictício tem 51 anos, nasceu em Garanhuns- Pernambuco. É de cor branca, estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental. Passou parte da infância e juventude com os avós, pois sua mãe vivia em São Paulo. Atualmente vive em São Paulo com o filho de 3 anos e o companheiro. Esse companheiro é usuário de drogas, já esteve preso devido ter cometido crime e é violento com ela. Cecília faz uso de bebida alcoólica, mas a bebida não impede de trabalhar em serviços gerais. Quando está empregada consegue distanciar das

bebidas. Sempre que está desempregada vai para a Praça em Santo Amaro encontrar com clientes. Sua família não sabe que pratica a prostituição.

Quanto à religião, enquanto vivia com a família em Pernambuco, participava na Igreja Católica e ao vir para São Paulo, passou por diferentes igrejas neopentecostais e atualmente participa da Igreja Messiânica. Presta serviço no templo e ministra Jorhei.

**Dirce**, nome fictício, tem 38 anos, nasceu em Jacarau – Paraíba. É de cor branca. Até adolescência viveu com a avó depois passou a viver com a mãe, o pai, as três irmãs e o irmão. Estudou até o 8º ano do Ensino Fundamental. Casou-se aos 16 anos, teve um filho e uma filha. Separou-se do marido e com outro companheiro teve a terceira filha. Deixou filhas e filhos com sua mãe e seu pai, avós das crianças, e veio para São Paulo em busca de emprego. Conheceu a prostituição e começou a praticá-la. Em Santo Amaro já esteve em privês, boates e atualmente encontra com clientes em uma praça da região. Vive em São Paulo em pequenos cômodos alugados situados na periferia da capital. Tem envolvido em diversos conflitos com companheiros e já foi agredida diversas vezes pelos mesmos.

Quanto a religião, a avó era católica, com a qual participava da igreja. Passou por diferentes igrejas neopentecostais e atualmente afirma estar participando da igreja católica novamente.

**Hortência**, nome fictício, 48 anos nasceu em Santa Maria da Vitória no Estado da Bahia. Ainda criança sua mãe e seu pai se separaram e sua mãe ficou com todas(os) filhas(os), sustentando-os trabalhando em fazendas de plantação de café. Na juventude Hortência se separou da família e veio para São Paulo e nunca mais teve notícias de sua mãe, irmãs (aos) e pai. O motivo desse distanciamento não me revelou. Há uma parte de sua história que se nega expressar.

Em São Paulo trabalhou em casas de famílias, já viveu nas ruas do centro da cidade, teve companheiros com os quais tem duas filhas e dois filhos. Seu último companheiro além de ser violento, fazer uso de bebidas alcoólicas, abusou sexualmente de um dos filhos que é especial e de uma das filhas, ao descobrir se separou dele.

Separada do companheiro com quatro crianças, a prostituição foi uma forma de conseguir um dinheiro rápido para sustentá-las. Assim que as(os) filhas(os) cresceram Hortência decide deixar a prostituição, pois começou a questionar-se: “será que só sei fazer isso?” se referindo a prostituição. Procurou o Projeto Antonia com objetivo de encontrar um apoio. No projeto foi apoiada com reforço escolar e encaminhamento para a escola. Dois anos depois concluiu o Ensino Fundamental, fez curso de cabeleireira, de manicure e de culinária.

Atualmente Hortência deixou a prostituição, trabalha como vendedora em quiosque que serve lanches, está fazendo curso de cuidadora de pessoas idosas e pretende conciliar o trabalho com o estudo do Ensino Médio. Com a colaboração de um filho e uma filha que trabalham conseguiu alugar uma casa maior.

**Suelem**, nome fictício, 34 anos nasceu em Penedo, Alagoas onde viveu até os 18 anos de idade. É de uma família de 7 irmãos e irmãs que continuam vivendo em sua cidade natal, mas desde que veio morar em São Paulo afirma não ter tido mais contato com a família, embora sente saudade sobretudo de sua mãe. Interrompeu os estudos no 5º ano do Ensino Fundamental para trabalhar como doméstica.

Suelem tem uma filha e a sustenta com o que ganha na prostituição.

Quanto à religião, enquanto vivia com sua família Suelem participava da igreja católica, das celebrações de Semana Santa, Natal entre outras. Dessas práticas conserva a tradição de comer peixes durante a Semana Santa, mas não participa de nenhuma igreja. Afirma não sentir interesse por nenhuma religião, porém gosta de ler sobre o espiritismo, sobretudo do que ela chama de Mesa Branca. Suelem lê muito enquanto espera clientes na praça, pois encontra na leitura além do conhecimento de interesse, uma forma de esquecer os problemas, as preocupações da vida.

Suelem disse que se fosse possível ficaria isolada do mundo, não gosta da vida social, prefere aproximação com bichos: cachorros, gatos, entre outros.

**Margarida**, nome fictício, 53 anos, nasceu no Estado da Paraíba. Aos 5 anos de idade veio com a família viver em São Paulo. O motivo da vinda da família para a metrópole foi à busca de melhores condições para viver, fugir da pobreza da Paraíba. Afirma que dos 11 irmãos e irmãs, 8 morreram de fome. Chegando a São Paulo a mãe e o pai arrumaram emprego e ela e suas irmãs colhiam sobras de alimentos nas feiras.

Aos 13 anos Margarida interrompeu os estudos, no 5º ano do Ensino Fundamental e fugiu para a casa de uma mulher a região sul da capital de São Paulo. Essa mulher lhe apresentou um homem (senhor idoso) com o qual viveu até os 18 anos. Desde aí foi pra casas de prostituição no centro de São Paulo e de lá para Santo Amaro. Atualmente seu ponto de encontro com clientes é em um bar. Atua no período noturno.

Quanto à religião, viveu com a família a religião católica, desta experiência recorda a tradição das celebrações da Semana Santa. Atualmente a família passou a

frequentar a igreja Testemunhos de Jeová e ela mesma não frequenta nenhuma igreja. Não sente interesse por religião.

**PERFIL DAS ENTREVISTADAS**

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>Nº DE FILHOS</b>	<b>CIDADE DE ORIGEM</b>	<b>CIDADE ATUAL</b>	<b>RELIGIÃO DE ORIGEM</b>	<b>RELIGIÃO ATUAL</b>
ALANA	43	Fundamental incompleto	Casada	2	Jundiaí - SP	Jundiaí - SP	Católica	Não tem
CECÍLIA	40	Fundamental incompleto	Solteira	1	Garanhuns Pernambuco	São Paulo	Católica	Messiânica
DIRCE	38	Fundamental incompleto	Separada	3	Jacarau Paraíba	São Paulo	Católica	Não tem
HORTÊNCIA	48	Fundamental completo	Solteira	4	Santa Maria da Vitória - Bahia	São Paulo	Nenhuma	Não tem
MARGARIDA	53	Fundamental incompleto	Solteira	0	Paraíba	São Paulo	Católica	Não tem
SUELEM	34	Fundamental incompleto	Solteira	1	Penedo Alagoas	São Paulo	Católica	Não tem

## CATEGORIAS DE ANÁLISE

Categoria de Análise	Sujeito 1 (Hortência )	Sujeito 2 (Margarida)	Sujeito 3 (Suelem )	Descrição da categoria
<b>Religião /crenças vivenciadas na família</b>	A mãe a ensinava a rezar o Pai-Nosso e antes do almoço e do jantar fazia oração juntas. Frequentavam benzedeira, tomava banho com sal grosso e com ervas para descarregar. Enquanto vivia com família guardavam preceitos na Semana Santa, mas não sabia o sentido.	Frequentava benzedeira. As tias eram católicas, recorda que guardava os preceitos da Semana Santa.	Geralmente curava-se das doenças com ervas. Frequentavam benzedadeiras pra curar-se de mau-olhado, olho gordo e ventre virado. A avó era curandeira. Foi batizada na igreja católica. A avó orientava a guardar os preceitos da Semana Santa. As vezes frequentava a igreja Universal com a mãe.	Percebe-se que as três entrevistadas são de famílias de tradição católica, de alguma forma elas tiveram contato com a religião, principalmente na vivência da Semana Santa. Vivenciaram também diferentes crenças, como frequentando benzedadeiras, fazendo uso de chás e de banhos com ervas.
<b>Religiões/crenças que aparecem na vida adulta</b>	Igrejas: católica e evangélicas, jogos de cartas. Não batizou nenhum das (os) filhas(os).	Igreja Testemunhos de Jeová, cartomante, búzios esporadicamente.	Conserva a tradição de comer peixe durante a Semana Santa. Nunca mais entrou em uma igreja. Tem inclinação pela umbanda, sobretudo a Mesa Branca. Já levou a filha à benzedeira,	Duas mulheres relatam participação esporádica em igrejas católica e evangélicas, duas já frequentaram jogos cartomante e jogos de búzios e uma manifestou inclinação pela umbanda.
<b>O lugar da religião/crenças na vida dela hoje</b>	Afirma não ter religião, acredita em Jesus Cristo. Considera a religião como coisa do homem. “Eu procuro seguir Jesus Cristo”. Sente-se cuidada por Deus.	Gosta de ouvir explicações de textos bíblicos, independente de religião.	Não sente interesse por religião. Depois de adulta nunca mais entrou em uma igreja, e diz não frequentar terreiros de umbanda, mas gosta de ler livros sobre espiritismo da mesa branca.	As três entrevistadas expressaram desinteresse e indiferença pelas religiões.

<b>Crenças das mulheres que praticam a prostituição, a partir das percepções das entrevistadas</b>	As mulheres procuram a umbanda quando quer algo como: cura, para fazer maldade ou por motivos financeiros. Na igreja a mulher sente solidão por não sentir aceita.	Umás acreditam nas magias, em Pombagira e outras não seguem nada. Acreditam em Deus, mas não segue religião, nem macumba. Há mulheres que as vezes vão a igreja Universal	Algumas pessoas que conhece procuram as igrejas tanto católicas como evangélicas.	Segundo as entrevistadas as mulheres que praticam prostituição procuram: a umbanda, sobretudo a Pombagira, as magias e as igrejas católica e evangélicas esporadicamente. Acreditam em Deus, mas não tem religião.
<b>Categoria de Análise</b>	<b>Sujeito 4 ( Dirce )</b>	<b>Sujeito 5 ( Cecília)</b>	<b>Sujeito 6 ( )</b>	<b>Descrição da categoria</b>
<b>Religião /crenças vivenciadas na família</b>	Frequentava “rezadeiras”. Por influencia da avó participava da igreja católica. Recebeu os sacramentos do batismo, crisma e matrimônio... não queria casar na igreja casou por insistência da avó. A mãe e o pai são da Igreja Assembleia de Deus. Houve conflito entre ela a mãe e o pai por ter casado na igreja católica.	Frequentava a igreja católica, devoção popular. Às vezes ia à igreja evangélica.	Quando era criança participava junto com seus irmãos e irmã da igreja católica. Recebeu os sacramentos do batismo e crisma. O irmão estudou em colégio de padres. Mas tarde a mãe passou para a igreja Congregação Cristã.	As três mulheres participavam da igreja católica na infância, duas receberam os sacramentos na mesma. Tiveram também contato com igrejas evangélicas de alguma forma.
<b>Religiões/crenças que aparecem na vida adulta</b>	Acredita em Deus. Passou por diferentes igrejas evangélicas e hoje frequenta esporadicamente a católica	Frequentou várias igrejas: católica, universal, mundial e hoje é atuante na messiânica	Atualmente não tem religião e não frequenta nada.	Embora as mulheres mencionem a igreja católica, são mais visíveis nas falas delas as igrejas evangélicas, e a messiânica.

<p><b>O lugar da religião/crenças na vida dela hoje</b></p>	<p>“eu sei que religião não importa. Importa é estar ligado com Deus. Não me importa religião Nome de igreja também não vai me salvar. Só Deus mesmo” CIC.</p>	<p>Relata que “as coisas de Deus são muito lindas” Sente que renasceu, se renovou após a participação na igreja messiânica. A religião dá sentido à vida...</p>	<p>A religião não tem lugar na vida dela. Acredita em Deus. Para ela Deus é muito puro e por sentir-se em pecado, sente também não ser digna de aproximar Dele. Entende que por praticar a prostituição está em pecado.</p>	<p>Somente uma expressão valorizar a religião, especificamente a igreja messiânica. Para as demais a religião não é importante em suas vidas.</p>
<p><b>Crenças das mulheres que praticam a prostituição, a partir das percepções das entrevistadas</b></p>	<p>Para ela as mulheres que praticam a prostituição não vão às igrejas, às vezes, devido ao preconceito da sociedade. Afastam-se da igreja, por se sentirem discriminadas. Afirma que essas mulheres buscam o mundo espiritual com a intenção de ganhar mais dinheiro. Buscam o espiritismo, esoterismo. Cultuam a Dama da Noite e Pombagira. Gostam de candomblé e bruxaria.</p>	<p>Para ela as mulheres frequentam mais a macumba, assim elas dizem.</p>	<p>Afirma que as mulheres acreditam em Pombagira, candomblé. Solicitam trabalhos a entidade com o objetivo de ganhar mais dinheiro na prostituição.</p>	<p>Os dados das entrevistas mostram que as mulheres que praticam a prostituição buscam mais os terreiros de umbanda, “o espiritismo, macumba” como afirmam. Cultuam a Pombagira com objetivo que lhes ajudem a ganhar mais dinheiro na prostituição.</p>

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_ declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada *A trajetória religiosa de mulheres em situação de prostituição em Santo Amaro: uma abordagem de gênero*, desenvolvida por **Lucia Alves da Cunha** para obtenção de título de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no curso de Ciências da Religião.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada não gravada, de fotos dos espaços de culto religioso do local a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua orientadora.

Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura da participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura da testemunha: \_\_\_\_\_

## ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Onde nasceu
- 4) Fale um pouco da sua infância: Com quem você vivia como era a vida...
- 5) Onde você morava havia hospital, Igreja, escolas...?
- 6) Quando as pessoas ficavam doentes, o que elas procuravam?
- 7) Quais eram as festas que existiam na sua cidade?
- 8) Como era o Natal na sua infância e adolescência? E a semana Santa, Páscoa, como era?
- 9) Você foi batizada? Fez primeira comunhão, participou de escola dominical? Casou na igreja?
- 10) As pessoas com as quais vivia tinham religião... Frequentavam alguma igreja, ou terreiro, ou templo?
- 11) Você gostava de participar? Por quê?
- 12) Hoje, quando você está com algum problema, como busca resolver? Por ex. um problema de saúde, onde procura ajuda?
- 13) Você tem religião? Participa de alguma igreja? Vai a algum culto, missa ou terreiro? Com que frequência?
- 14) Tem algum fato que marcou a sua vida com relação a fé, Deus, religião?
- 15) Quem é Deus para você?
- 16) Em que momentos de sua vida você mais procura por Deus? O que você encontra em Deus?
- 17) Como você vê seu trabalho [a prostituição] em relação, a Deus, fé e à religião?
- 18) As mulheres em situação de prostituição, em geral, frequentam alguma religião, igreja ou terreiro? Qual?
- 19) Em que momentos elas mais buscam esses espaços?
- 20) Em sua opinião, como as que praticam a prostituição mulheres se sentem com relação a religião e com relação a Deus?